



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes
offline

Alexandra Maria Barradas Batista

Orientação:

Prof. Dr. Eduardo Esperança

Prof^a. Dr^a. Rosalina Costa

Mestrado em Sociologia

Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento

Sustentável

Dissertação

Évora, 2017



Dissertação

Mestrado em Sociologia – Área de Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

Alexandra Maria Barradas Batista

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Esperança e Prof.^a Dr.^a. Rosalina Costa

Resumo: Os Novos Dispositivos tecnológicos e de *software* atravessam atualmente todos os níveis da vida quotidiana dos adolescentes. Portanto, torna-se pertinente compreender o que é que os adolescentes estão a fazer quando não estão *online* e se, de algum modo, as formas de relação *online* influenciam o seu modo de estar *offline*. Esta investigação tem como objetivo compreender de que forma os novos dispositivos tecnológicos e *software* se relacionam com o comportamento dos adolescentes *offline*. É apoiada numa estratégia qualitativa de carácter exploratório. A unidade de análise são adolescentes com idades compreendidas entre os 13-19 anos de idade e a técnica de recolha de dados efetuou-se através de entrevistas semiestruturadas em duas escolas na cidade de Portalegre, que possuíam ou tinham acesso a qualquer um dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. A partir da análise e discussão de resultados, reflete-se sobre o que os jovens fazem *online* e *offline*, bem como quais as implicações dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* na forma de se relacionam e comunicam.

Palavras-Chave: Adolescentes; Novos dispositivos tecnológicos; comportamentos *offline*; vida quotidiana.

Meetings and Disencounters: the teenagers' offline life

Abstract: The New Technology and Software Devices currently cross all levels of adolescent's daily life. If one currently lives in a society in which technologies and software predominate, it becomes pertinent to understand what adolescents are doing when they are not online and if in some way the forms of online relation influence their mode to be offline. The purpose of this research is understand how the new technological and software devices influence the adolescent's offline life. It's supported by a qualitative exploratory strategy, the technique of selection of individuals is snowball. The data collection technique was performed through a semi-structured interview and the unit of analysis are adolescents aged 13-19 years old, in two schools in the Portalegre city, who had or had access to any of the new technological and software devices. From the analysis and discussion of results, it reflects on what young people do online and offline, as well as the implications of the new technological devices and software in the way they relate and communicate.

key-Words: Adolescents; New technological devices; *offline* behaviors; everyday life.

Agradecimentos

Termino hoje, com a sensação de que ficou algo por escrever, algo por ler, numa jornada em que o fim parecia estar longe. Nos livros descobri o mundo dos sonhos e nas emoções o poder de concretiza-los. Por isso importa lembrar aqueles que fizeram parte deste percurso.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais que com todo o seu esforço e dedicação aos seus empregos, paciência, apoio e incentivo, possibilitaram que pudesse chegar aqui hoje. À minha irmã, que com 17 anos me inspirou e levou a querer realizar este trabalho com adolescentes. Ao Miguel G. pelas revisões e que entre desesperos e entusiasmos esteve sempre lá para me apoiar e pode celebrar comigo hoje esta vitória. À Helena P. que me acompanhou e animou ao longo desta grande caminhada, nas longas tardes de trabalho e discussões de temáticas. Uma grande amiga. À Andreia P. pelas revisões que tanto me ajudaram.

Ao meu orientador, professor Dr.^o Eduardo Esperança pelo entusiasmo que demonstrou pelo tema, pelos estímulos para que a cada dia eu melhorasse e realizasse um bom trabalho, por todas as sugestões, recomendações e autonomia que me possibilitou.

À minha co-orientadora, professora Dr.^a Rosalina Costa pelo apoio prestado ao longo deste percurso, pelas sugestões e pelo incentivo à criatividade.

Por fim, a todos os adolescentes que ao se demonstrarem disponíveis para participar, permitiram que eu pudesse concretizar esta investigação, um enorme agradecimento. Em especial a três deles que agarraram o meu entusiasmo e dedicação e me ajudaram a contatar colegas e amigos.

Índice de Figuras

Figura n.º 1 - Tipo de dispositivos que possuem e têm acesso.....	53
Figura n.º 2 - Dispositivos que utilizam no acesso aos <i>media</i> sociais.....	53
Figura n.º 3- <i>Medium</i> social mais utilizado pelos adolescents.....	54

Índice de Tabelas

Tabela n.º 1 – O que fazem os adolescentes nos <i>media</i> sociais.....	55
Tabela n.º 2 – Razão pela qual os adolescentes utilizam os <i>media</i> sociais.....	56
Tabela n.º 3 – Tempo de utilização dos dispositivos.....	58
Tabela n.º 4 – Atividades praticadas pelos adolescentes <i>offline</i>	59
Tabela n.º 5 – O que falam os adolescentes quando estão <i>offline</i>	60
Tabela n.º 6 – Utilização dos dispositivos quando estão <i>offline</i>	61
Tabela n.º 7 – Forma como os adolescentes se relacionam.....	62
Tabela n.º 8 – Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos atualmente.....	63
Tabela n.º 9– Avaliação da própria utilização dos dispositivos.....	65
Tabela n.º 10 – Percepção dos adolescentes sobre as consequências de utilização dos dispositivos.....	66
Tabela n.º 11– Percepção dos adolescentes sobre a influência dos dispositivos quando estão <i>offline</i>	67
Tabela n.º 12– Importância dada aos <i>likes</i>	68

Índice

Introdução	9
Parte I- Enquadramento Teórico-conceptual	
Da técnica à tecnologia - transformações, implicações e desafios	
A técnica.....	16
Os dispositivos tecnológicos e de <i>software</i>	23
Os adolescentes e os novos dispositivos tecnológicos e <i>software</i> - da simplicidade à complexidade	
Os <i>media</i> sociais.....	27
As relações sociais.....	32
A identidade.....	38
A privacidade.....	41
Os valores sociais.....	44
<i>Cyberbullying</i>	46
Parte II- Estratégia metodológica	
Tipo de estudo e estratégia de investigação.....	48
Delimitação do campo empírico.....	48
Técnica de recolha de dados.....	50
Técnica de tratamento de dados.....	50
Parte III – Os resultados	
Análise de Resultados	
Caracterização da amostra	52
Caracterização dos dispositivos tecnológico e de <i>software</i> que os jovens utilizam.....	53
Comportamento dos adolescentes «<i>online</i>»	
<i>Media</i> social utilizado mais frequentemente.....	54
O que fazem os adolescentes nos <i>media</i> sociais.....	55

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

Razão pela qual os adolescentes utilizam os <i>media</i> sociais.....	56
Tempo de utilização dos dispositivos.....	58
Comportamento dos adolescentes «<i>offline</i>»	
Atividades praticadas pelos adolescentes <i>offline</i>	58
O que falam os adolescentes quando estão <i>offline</i>	59
Utilização dos dispositivos pelos adolescentes quando estão <i>offline</i>	61
Forma como os adolescentes se relacionam.....	62
Os novos dispositivos tecnológicos <i>online</i> e <i>offline</i>	
Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos atualmente.....	63
Avaliação da própria utilização dos dispositivos.....	64
Percepção dos adolescentes sobre as consequências de utilização dos dispositivos.....	66
Percepção dos adolescentes sobre a influencia dos dispositivos quando estão <i>offline</i>	67
Importância dada aos « <i>likes</i> ».....	68
Discussão de resultados	
Adolescentes, dispositivos tecnológicos e (des)conexões- significados e representações.....	70
Mundos <i>online</i> e <i>offline</i> – Percepções e avaliações.....	77
Conseguimos controlar-nos (?)......	78
Conclusão	81
Referências	84
Anexos	90
Anexo A- Guião de entrevista	91
Anexo B – Apresentação dos objetivos da investigação	93
Anexo C- Caracterização dos entrevistados	94
Anexo D- Matriz de análise.....	97

Introdução

A sociedade tem sido caracterizada pelo “determinismo tecnológico”, em que tudo o que acontece é de algum modo determinado pela tecnologia. No entanto diversos autores vieram opor-se a este determinismo, em favor do modelo construtivista. Tem-se vindo a discutir o que fazem os adolescentes *online*, como passam horas nas redes sociais a conversar com os amigos ou a partilhar conteúdos do seu interesse. Como tal, torna-se importante perceber o que eles fazem e como se relacionam entre si quando não estão *online*. O problema aqui em estudo é: de que forma os novos dispositivos tecnológicos e de *software* influenciam o comportamento dos adolescentes *offline*.

Segundo Feenberg (2013) e Robert (2012), autores que pensaram a técnica, como Heidegger, vêm dizer que as tecnologias não devem apenas ser analisadas pela sua funcionalidade mas sim pela sua relação com a vida quotidiana das pessoas e em particular no modo como se “revelam” nas suas manifestações. Habermas destaca o facto de as tecnologias estarem a afetar a maneira como as pessoas comunicam e se relacionam. No entanto Stiegler também tem uma visão acerca da técnica que não está apenas relacionada com as tecnologias (aplicação da ciência à técnica), mas ligada a todas as formas de cultura e ao modo como esta se materializa através da técnica. Todos eles criticam o determinismo tecnológico e perspetivam o modelo de construção social da tecnologia¹ (Feenberg, 2013; Robert, 2012).

Estes autores enfatizam positivamente a relação entre as tecnologias e os adolescentes, no qual os adolescentes apenas frequentam os *media* sociais para partilharem conteúdos com os seus amigos do espaço físico, e que todas as mudanças ocorridas são fruto de uma época, visto que se afirma não haver muitas diferenças, a nível de comunicação, entre as antigas gerações e as gerações atuais. Os valores sociais, por outro lado, são os que permitem perceber os comportamentos das pessoas, isto é, aquilo que fazem e como se relacionam, pois são os valores que emergindo a partir das suas práticas, determinam a aprovação social entre as pessoas (Boyd, 2015; Baptista, 2012; Fleury, 2008).

De facto, aquando da difusão dos *media* sociais, houve uma grande adesão, quer pela simplicidade de comunicação entre as pessoas, quer pela facilidade com que se partilham conteúdos *online*. Quando se está a partilhar ou disseminar conteúdos *online* está-se na

¹ “A ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do Indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária (...)” (Becker, 2017: 88).

presença de uma multidão virtual que está a avaliar e a criar uma imagem da pessoa, tendo em conta aquilo que publica – ao que se pode chamar de um *panopticon* virtual. Contudo já se fala num *pós-panopticon* em que a vigilância funciona distante no tempo e no espaço, chegando a falar-se em vigilância líquida (Timrainer, 2012; Ferreira & Vilarinho, 2013; Bauman & Lyon, 2014). Além disto, quando se está num espaço físico conectado através das tecnologias, os objetos começam a influenciar a gestualidade dos nossos corpos. Atualmente, os objetos adquirem um carácter afetivo pois, cada vez são mais personalizados em termos de cor, forma e textura, a pensar naquilo que as pessoas querem ou desejam (Rocca, 2011).

No espaço dos *media* sociais, tem-se igualmente vindo a verificar um novo fenómeno FOMO (*fear of missing out*) que é designado como o medo de perder alguma coisa que esteja a acontecer no momento e, como tal, os jovens são impulsionados a visualizar várias vezes os *media* sociais para ver o que os amigos estão a fazer e isto tende a criar uma dependência a um modo-de-estar condicionante da sua identidade. A identidade é um dos conceitos de resalta ao longo desta investigação, dado que é evidenciada através daquilo que se partilha *online*, nomeadamente através dos gostos, desejos e inquietações das pessoas (Wortham, 2011; Rocca, 2011).

A privacidade é outro dos conceitos que vem à tona nesta investigação dada a grande preocupação acerca daquilo que os adolescentes partilham *online*. Esta preocupação não se deve basear apenas na questão da privacidade, mas também com a personalização da informação que é dada aos utilizadores, dado que existem filtros que selecionam o conteúdo pesquisado e *sites* que mais se frequenta para os recomendar às pessoas (Mozorov, 2011).

O processo de gramatização evidenciado por Stiegler fala de como as pessoas podem perder o saber-fazer quando colocam números de contatos telefónicos nos *smartphones* e deixam que o *software* dos *smartphones* se encarregue de alterar as suas formas de relação, por exemplo, no *Facebook*. Esta articulação entre tecnologias e o corpo possibilitou a incorporação das normas dos dispositivos tecnológicos e *software* nos corpos das pessoas (Stiegler, 2009; Stiegler, 2012). Esta gramatização acaba por ter efeitos no processo de individuação das pessoas no modo como elas vêm as suas formas de afecto alteradas, deixando de sentir um lugar de pertença ou identidade social de um grupo, não sabendo como viver (Caselas, 2012).

Todas estas questões são importantes quando se pretendem investigar as práticas e as formas como se relacionam os adolescentes *offline*. Se, atualmente, se vive numa sociedade em que as tecnologias e *softwares* predominam, torna-se pertinente perceber o que é que os adolescentes estão a fazer quando não estão *online* e se, de algum modo, as formas de relação *online* influenciam o seu modo de estar *offline*.

Num mundo e num tempo em que não se consegue imaginar viver sem dispositivos tecnológicos ou sem ligação à internet, é importante verificar e analisar que consequências isso trás para as pessoas e, em particular, para os adolescentes, no que diz respeito à maneira como se relacionam, e nas atividades que realizam.

Atualmente, os novos dispositivos tecnológicos e de *software* estão inseridos na vida dos adolescentes e por isso torna-se pertinente perceber de que forma estes influenciam o seu comportamento quando estão *offline*. Dada a existência de diversos estudos acerca do que os adolescentes fazem *online* é importante compreender como se relacionam fora do mundo conectado e quais as implicações nas suas vidas e para a sociedade em geral. É notório que atualmente se torna difícil distinguir o mundo *online* do mundo *offline* e por isso é importante tentar entender quais as implicações que essa “não delimitação” coloca ao comportamento dos adolescentes.

O quotidiano dos jovens e a maneira como os eles comunicam tem vindo a alterar-se devido influência das tecnologias. Hoje em dia utilizam-se as tecnologias para tudo, para memorizar números de telefone, listas de trabalhos a realizar, imagens ou músicas e isso faz com que se esteja a perder o «saber fazer», tornando a sociedade numa «sociedade de controlo». Isto fez com que, segundo Stiegler, se desse início a um processo de gramatização, resultado da substituição do diálogo cara- a- cara pela comunicação através destes aparelhos, onde o diálogo é substituído pela memória digital e regras inerentes. No entanto, na atualidade está-se a evidenciar outro tipo de gramatização em que as pessoas incorporam comportamentos delimitados pelos *softwares* que utilizam fazendo-os emergir no social. O conceito de *pharmakon* é revelador da forma como a tecnologia está inserida na sociedade, pois ela pode ser vista como um ponto de desenvolvimento, mas também como um ponto de destruição da sociedade, como diz Stiegler (2012) o que está a acontecer atualmente é uma tecnologia de processos absolutamente e radicalmente novos de individuação, pois são processos com capacidade de absorver todas as outras tecnologias de individuação, a escrita é absorvida, o cinema é absorvido, tudo passa a ser absorvido e reconfigurado.

O surgimento dos *softwares* nesses mesmos dispositivos também veio provocar alterações na maneira como as pessoas comunicam. O *Facebook*, por exemplo, envolve um desses *softwares* que permite às pessoas partilharem qualquer tipo de conteúdo e comunicarem de diversas formas como através do *chat*, através de imagens ou até mesmo através de presença ao vivo *online*.

Uma outra questão que está na base da utilização dos *media* sociais é que, quando se partilha conteúdos *online* em qualquer *medium* social, qualquer pessoa pode visualizá-lo. Isto remete-nos para um *panóticón virtual* em que aquilo que se partilha é vigiado pelas pessoas tendo um impacto na maneira como as pessoas se comportam. Bauman chega a falar em

pós-*panóptica*, onde a vigilância passa a ser realizada de muitas pessoas para muitas. Ou seja, “Quem está sujeito a um campo visual, e sabe disso, assume responsabilidade pelas limitações do seu poder, faz com que elas explorem espontaneamente suas fraquezas; inscreve em si mesmo a relação de poder na qual desempenha simultaneamente dois papéis (...)” (Bauman & Lyon, 2014: 40), o de vigilante e o de vigiado.

É importante evidenciar que quando se está a partilhar ou a pesquisar na internet, são deixadas “pegadas” do que cada pessoa pesquisou e essa informação é filtrada para posteriormente, em anúncios, aparecerem conteúdos relacionados com as pesquisas que as pessoas realizaram anteriormente. Existe assim um meio através da qual as indústrias sabem aquilo que as pessoas querem ou gostam e, como tal, produzem-nas fazendo com que as queiram comprar através da publicitação *online*.

Denota-se então que a proximidade já não implica efetivamente um espaço físico, e que a proximidade física já não implica proximidade. Há uma nova espacialidade que pode implicar novas regras de relação.

Um outro problema é a afetividade que as pessoas colocam em objetos como os dispositivos tecnológicos, pois estes são cuidadosamente pensados e criados tendo em conta as preferências dos consumidores. Além da objetualidade do *smartphone*, o potencial das suas possibilidades de relação intermediada pelo *software* de mediação, envolve um grande investimento dos adolescentes no objeto de mediação que lhes oferece um novo modo de relação com o mundo. Observem-se os recentes episódios problemáticos nas escolas e nas famílias ou mesmo na rua, quando a relação com esse objeto de mediação se sobrepõe a todas as outras. Quando os jovens estão na escola com os amigos ou em casa com a família e não conversam verbalizando, mas conversam através de mensagens via *media* sociais; quando estão a desenvolver uma atividade tiram fotografia e colocam a “*selfie*” nos *media* sociais.

Um fenómeno recente que é importante evidenciar é o FOMO (*fear of missing out*) que está relacionado com o medo, ansiedade, indecisão e irritação de quando se vê a vida quotidiana dos amigos nos *media* sociais, pensando que não está no mesmo local que eles, considerando que eventualmente se tomou uma má decisão. Embora haja uma componente positiva, como o facto de as pessoas se sentirem mais próximas dos seus amigos ou familiares quando os acompanham pelos *media* sociais. Para além disto, FOMO pode ser considerado uma convicção generalizada de que outras pessoas estejam a ter experiências incríveis e gratificantes, das quais está ausente e deseja continuar conectado ao que os outros estão a fazer. Num estudo realizado foram enunciadas diversas consequências do FOMO tais como: desonestidade no retrato de si mesmos, solidão, julgamentos, insatisfação com a própria

vida, afastamento de amigos e familiares, aumento de ciúmes em relação a vida dos outros, diminuição da privacidade (Hogan, Ryan & Harney, 2015).

No entanto, atualmente está-se a verificar um novo tipo de fenómeno o FOBO - fear of being *offline*. Caracteriza-se pelo facto de os jovens terem medo de estar *offline*, pois torna-se mais difícil descobrir algo que seja do seu interesse e é mais difícil partilhar com outras pessoas as atividades que estão a desenvolver² (FacebookIQ, 2014).

Segundo Esperança (2016) os estudos recentes acerca dos *media* sociais apresentam resultados contraditórios, nomeadamente “a) O excesso de presença *online* bloqueia/incapacita a presença "face-a-face"; b) A presença *online*, mesmo em excesso, só potencia a presença " face-a-face " e c) o excesso de presença *online* desenvolve a síndrome FOMO - Fear of Missing Out - APAC - Angústia de perder alguma coisa” (Esperança, 2016: 7).

É, de facto, importante pensar que impacto têm estas questões no quotidiano das pessoas e que potencialidades ou incapacidades permitem aos jovens no mundo atual. O problema que está no cerne da questão e que se pretende esclarecer é a influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* no comportamento dos adolescentes *offline*. Estabeleceu-se assim a questão de partida: “De que forma os novos dispositivos tecnológicos e de *software* influenciam o comportamento dos adolescentes *offline*”. Tentamos ainda 1) descrever o perfil socioeconómico dos adolescentes; 2) identificar as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline* na contemporaneidade; 3) compreender como os novos dispositivos tecnológicos e *software* influenciam as práticas e as formas de relação dos adolescentes *offline* e 4) analisar as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline* associados aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*.

Pretende-se responder ainda a sub-questões como: quais as atividades praticadas pelos adolescentes quando estão *offline*?; quais as representações acerca da forma como se relacionam e da utilização dos dispositivos tecnológicos *offline*?; quais as representações das

² Anteriormente à generalização da internet e das tecnologias os jovens falavam pelo telefone fixo. Hoje, é o *smartphone*, com conversas a ocorrer principalmente através de mensagens. Costumavam guardar fotografias que gostavam, mas agora pulicam as imagens no Facebook e no Instagram. Determinados momentos escritos em diários são hoje partilhados em *blogs*. No estudo “*Coming of age in screens- an in-depth look at teens and young adults around the world*” encontraram três fases de crescimento que dão conta das suas necessidades, comportamentos e atitudes: 1) os otimistas (13-15): que são positivos e felizes com as suas vidas sociais; 2) os exploradores (16-19): pensam no futuro e são curiosos; e 3) os realistas (20-24): estão mais focados em encontrar emprego e um local para viver, não participam em tantas atividades e encontros (FacebookIQ, 2014).

consequências da utilização dos dispositivos tecnológicos e *software*?; e quais os significados atribuídos às experiências quando estão *online/offline*?

Dada a existência de diversos estudos estatísticos que comprovam e analisam o comportamento dos adolescentes *online* ao longo dos últimos anos, numa tentativa de compreender a influência dos novos dispositivos tecnológicos e *software* no comportamento dos adolescentes *offline*, foi utilizada uma metodologia qualitativa de carácter exploratório. A técnica de seleção de indivíduos foi em bola de neve e como técnica de recolha de dados efetuaram-se entrevistas semiestruturadas. A unidade de análise eram adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade que frequentassem a escola [A] e [B] da cidade de Portalegre. Com esta metodologia pretendeu-se captar significados e experiências dos adolescentes que utilizam os novos dispositivos tecnológicos e *software* e o que fazem quando estão *offline*. O intuito desta investigação é verificar como se encontram, o que conversam e o que fazem, o que experienciam, e as suas representações quando não estão em interação com os novos dispositivos técnicos e de *software*.

Aqui pode-se relacionar o sociólogo com um «arqueólogo» que trabalha com «vestígios» que podem ser documentos como, por exemplo, respostas a questionários. Estes vestígios podem ser dados, situações ou fenómenos que possam ocorrer (Bardin, 1977).

A pesquisa pretende desmistificar os comportamentos dos adolescentes no que se refere à utilização dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, dado que se tem vindo a falar na constante falta de contacto cara-a-cara entre as pessoas em geral e dos adolescentes em particular, devido à utilização massificada dos aparelhos tecnológicos e dos *media* sociais.

O trabalho aqui apresentado divide-se em três partes. A primeira parte é constituída pelo enquadramento teórico-conceptual, o qual se subdivide em dois grandes pontos: o primeiro aborda a técnica e os novos dispositivos tecnológicos e de *software*, analisando as suas transformações, implicações e desafios; o segundo relaciona os novos dispositivos tecnológicos e de *software* com o comportamento dos adolescentes, partindo da simplicidade para a complexidade da sua relação.

A segunda parte incide sobre a estratégia metodológica, encontrando-se estruturada em quatro pontos: tipo de estudo e estratégia de investigação; delimitação do campo empírico; técnica de recolha de dados; técnica de tratamento de dados.

A terceira parte é formada pela análise e discussão dos resultados. A análise dos resultados procede à caracterização da amostra e à caracterização dos dispositivos tecnológicos e de *software* que os jovens utilizam. De seguida, o segundo ponto recai sobre o comportamento dos adolescentes *online*, ilustrando as suas práticas relativamente aos *media* sociais e ao tempo despendido nas mesmas. O terceiro ponto trata dos novos dispositivos tecnológicos

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

online e *offline*, fornecendo uma avaliação e compreensão das consequências e influências resultantes da sua utilização. É também apresentada a discussão dos resultados onde são expostos significados e representações da relação dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* com o comportamento dos adolescentes, seja *online* ou *offline*.

Por último, são evidenciadas as conclusões resultantes de todo o processo de investigação, seguido das referências e anexos, onde constam o guião de entrevista, apresentação dos objetivos de investigação, caracterização dos entrevistados e matriz de análise.

Parte I - Enquadramento teórico-conceptual

I. Da técnica à tecnologia – transformações, implicações e desafios

A técnica

Atualmente, as tecnologias estão na ordem do dia pelos desafios que colocam às sociedades atuais, pelas implicações no quotidiano das pessoas e pelas transformações que ocorrem a nível social, político e económico. Fruto do processo de desenvolvimento social, cada vez mais se tem vindo a falar nas novas tecnologias e dos novos media. As discussões em torno das tecnologias, sobre as vantagens e desvantagens, progresso e retrocesso, não são consensuais, possibilitando sempre novas abordagens para a construção do conhecimento.

Feenberg (2013) tem desconstruído o que diversos autores, como Heidegger e Habermas, discutem acerca da técnica. Afirma que há uma tendência para culpar a tecnologia pela crise cultural que se atravessa, isto é, que as sociedades ao longo do tempo têm sido invadidas por um “determinismo tecnológico” que tem vindo a limitar a análise da realidade social. Sublinha ainda que há uma tendência para analisar a tecnologia numa sociedade capitalista, onde tudo começa e acaba rapidamente. Tomando como exemplo o caso do pós II Guerra Mundial, “as humanidades e as ciências sociais foram tomadas por uma onda de determinismo. Se não fosse louvada por modernizar-nos, cabia-lhe a culpa pela crise da cultura. Quer interpretado em termos otimistas quer em termos pessimistas, o determinismo parecia oferecer uma descrição fundamental da modernidade como fenómeno unificado” (Feenberg, 2013: 205).

De facto muitos têm sido aqueles que dizem que estamos a viver um período de crise cultural devido às grandes transformações a nível social, económico e político permitido pelo desenvolvimento das tecnologias.

A perspetiva de Heidegger afirma que a tecnologia não pode ser analisada apenas através da sua funcionalidade, mas sim pelo modo como se revela no mundo. Quanto a Habermas, o problema que este identifica nas sociedades modernas é que as tecnologias estão a entrar no quotidiano das pessoas e a alterar a maneira como comunicam (Feenberg, 2013). Portanto na perspetiva de Heidegger as tecnologias devem ser analisadas em relação à maneira como aparecem no mundo; já na perspetiva de Habermas as pessoas têm vindo essencialmente a alterar a maneira como comunicam.

Neste sentido, Heidegger vem explicar a técnica através da essência³. A essência da técnica não é aquilo que fazemos; é um modo de ser, ou de revelação do que nos é permitido fazer com os objectos que utilizamos. Isto significa que os objetos tecnológicos têm o seu próprio tipo de novidade de presença, resistência e conexões. Têm a sua própria maneira de apresentar-se no mundo em que operam (Blitz, 2014). A essência da tecnologia está relacionada com aquilo que se faz, com o modo de ser, a maneira como se revela na sociedade, pois a tecnologia tem uma maneira própria de aparecer e apresentar-se no mundo.

Em “*A questão da técnica*”, Heidegger (2007) afirma que não conhecemos a verdadeira essência da técnica pois estamos demasiado ocupados em satisfazermo-nos, a disseminar ou a tentar escapar da técnica. Enuncia ainda que a técnica «é um meio para um fim», e que a técnica é um «fazer do homem», no entanto, esta determinação instrumental não mostra a sua essência. O que o autor está a dizer é que para estabelecer uma finalidade para a técnica são necessários meios e esses meios constituem um «fazer do homem». Ou seja, um *smartphone* tem uma finalidade, como por exemplo fazer chamadas ou enviar mensagens, no entanto para que isso aconteça é necessário utilizar o «fazer do homem» para construí-lo e fazer com que esta finalidade se possa realizar, sendo que no entender de Heidegger isto não revela a essência da técnica. Afirma ainda Feenberg (2013) que o nosso envolvimento com a tecnologia não pode ser interpretado como uma relação de meio e fim, pois Heidegger diz que a tecnologia constitui um novo tipo de sistema cultural que reestrutura todo o mundo social. Acabamos por tornarmos pouco mais do que objetos da técnica, incorporados no objeto que criamos. Portanto, para Heidegger a essência da tecnologia não tem nada de tecnológico, pois a tecnologia não pode ser compreendida apenas através da sua funcionalidade, mas através da sua relação pragmática com o mundo.

Deste modo, o que o autor quer dizer é que não podemos olhar para a tecnologia apenas através da sua funcionalidade, pois a tecnologia é vista como um sistema cultural, que reestrutura o mundo e onde acabamos por ser objetos do seu fazer, incorporados naquilo que criamos. A tecnologia tem de ser analisada através da maneira como ela se revela no mundo e como ela cria sistemas culturais incorporados

Outro autor que põe em evidência a influência das tecnologias na sociedade é Habermas que vem afirmar que as tecnologias estão a alterar o quotidiano das pessoas e a forma como

³A essência da tecnologia como Heidegger a discute é principalmente uma questão afecta à tecnologia moderna e industrial. A essência da tecnologia é revelada em fábricas e processos industriais, não em martelos e arados. O cerne da questão para Heidegger não está, portanto, em nenhuma máquina, processo ou recurso em particular, mas sim no "desafio", isto é, a maneira omnipresente como enfrentamos (e somos confrontados) com o mundo tecnológico (Blitz, 2014).

elas comunicam. Este, desenvolveu a “teoria da esfera pública e da ação comunicativa” com o intuito de explicar a evolução e o funcionamento da comunicação em sociedade, explicar como é que a evolução e o funcionamento da comunicação influenciam o modo de organização política, económica e social. Assim, a “teoria da esfera pública” descreve onde as escolhas coletivas ocorrem, ou seja, por via do debate racional entre indivíduos, e a “teoria da ação comunicativa” permite perceber como o discurso produz escolhas sociais, dentro ou fora da esfera pública (Moreno, 2013). Habermas propôs-se explicar onde é que as escolhas coletivas ocorrem e como é que o discurso produz escolhas sociais. Ou seja, como é que o discurso entre as pessoas ou grupos de pessoas (escolhas coletivas) se pode transformar numa escolha social, isto é, para benefício de todas as pessoas numa sociedade.

No entanto, a explicação de Moreno (2013) não incide apenas sobre esta transformação de escolhas coletivas em escolhas sociais.

“Mas – para Habermas, a esfera pública não serve apenas para gerar uma “opinião pública”. Ela serve também para – discursivamente - traduzir essa opinião pública em ação política colectiva, sancionando e dirigindo o poder político num contexto democrático. Ou seja, o livre debate de ideias – tal qual ele idealmente acontecia nos cafés europeus referidos por Habermas – não era um fim em si mesmo, mas sim um meio para agir sobre a sociedade, de onde resulta o conceito de “ação comunicativa” (...)” (p.69).

Segundo Habermas, a esfera pública não é apenas um meio para gerar opinião pública, serve também para traduzir essa opinião numa ação política, dirigindo o poder político em contextos democráticos. Assim, a esfera pública torna-se o meio para, através do discurso, a política predominar e influenciar as escolhas das pessoas. Deste modo, na atualidade a esfera pública transpõe-se para o mundo tecnológico, levando a que a ação política se desenrole também e cada vez mais no mundo interconectado. A esfera pública torna-se o meio para através do discurso, a política predominar e influenciar as escolhas das pessoas.

Segundo Kellner (2000) para Habermas a função dos *media* alterou-se: deixou de conceber o debate e começou a limitar o discurso da esfera pública, que eram validados e aprovados pelos *media*. As pessoas tornaram-se espetadores dos discursos dos *media*, que moldam a opinião pública, para promover os seus interesses. As pessoas começaram a ficar presas ao que os *media* mostram e apresentam no seu discurso, de um modo tão eficaz que a opinião pública começou a ser influenciada. Como afirma Habermas “os media têm como função seleccionar e processar conteúdos politicamente relevantes e assim intervir tanto na formação das opiniões públicas como na distribuição de interesses influentes” (Moreno, 2013: 71). Assim

para Habermas a função dos *media* como já evidenciou Kellner era apenas selecionar e processar conteúdos políticos para influenciar a opinião pública.

No entanto, em oposição a Habermas, Bauman (2001) refere que os tempos mudaram e que o que acontece atualmente é precisamente o contrário daquilo que Habermas disse. O que está efetivamente a acontecer é a colonização da esfera pública por elementos que eram considerados como privados e desapropriados a uma exposição pública. Há uma redefinição da esfera pública na medida em que esta é um palco onde são exibidas e encenadas questões privadas publicamente. O que efetivamente se passa é que este espaço denominado de público deixa de ser um espaço onde as pessoas se encontram e conversam sobre problemas privados e questões públicas, sendo que “(...) o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidade privada” (Bauman, 2001: 49). Está efetivamente a surgir um novo tipo de espaço público, que é dominado pela presença da esfera privada e não pela discussão pública de questões socialmente relevantes.

Aquilo que Stiegler chama de modelo técnico não é apenas a tecnologia moderna, engloba tudo, desde as ferramentas primitivas como a escrita. O filósofo rejeita ainda a oposição entre técnica e cultura, pois para ele a técnica é condição da cultura. A técnica, no seu entender, não se refere em sentido restrito à tecnologia técnico-científica, mas em geral a todas as formas em que a cultura e a memória são exteriorizadas em objetos. Assim, não podemos falar de técnicas que determinam a cultura e a sociedade, pois a cultura e a sociedade não são «determinados» pela técnica, mas «materializados» através dela (Robert, 2012). A técnica é mais do que a aplicação da ciência à técnica, como por exemplo um *smartphone*, pode ser também um livro, uma fotografia ou um monumento, ou seja, formas de cultura e exteriorização da memória através de objetos. Portanto, “O meio cultural técnico e a memória depositada nos objetos, constituem o que já existe no mundo: o passado de toda a humanidade, a memória da memória dos outros” (Stiegler, 2017: 7).

A técnica produz-se dentro de uma sociedade e a sociedade é condicionada pela sua técnica (Lévy, 2000). Portanto, “que a técnica condiciona, isso significa que ela abre certas possibilidades, que certas opções culturais ou sociais não poderiam ser seriamente encaradas sem a sua presença” (Lévy, 2000: 26). Com efeito, a técnica condiciona a sociedade e isso permite compreender como ela funciona e o que nela encontramos.

A memória humana é, desde a invenção da escrita, originalmente exteriorizada, e isso significa que ela é técnica. Atualmente, a memória tornou-se um elemento cada vez maior do desenvolvimento industrial e tecnológico. Portanto, os objetos do quotidiano tornam-se cada vez mais o suporte de memória objetiva, ou seja, dos saberes. Estes saberes tecnológicos que são objetivados em aparelhos geram perda de saber. Atualmente estamos constantemente

ligados a aparelhos «mnemotecnológicos» como a televisão, o telefone e os computadores. Por exemplo, quando colocamos livros, imagens, músicas no *smartphone*, estamos a perder o saber, pois eles deixam de estar na nossa memória para estarem no dispositivo. Isso já aconteceu quando colocámos o saber no papel e exteriorizámos a memória com o surgimento da imprensa. O autor acaba por questionar-se sobre este uso de “mnemotecnologias” pelo facto de terem contribuído para uma “sociedade do controlo” e uma perda da memória no humano (Stiegler, 2007). De facto, a sociedade está cada vez mais dominada pelos objetos técnicos, e é importante questionarmo-nos se esses objetos não nos estão a controlar e a fazer perder o saber que possuímos. Poderemos estar a tornar-nos seres alienados pela técnica onde o saber fazer desocupa lugar.

Além disto, o autor ainda afirma que ao aparecerem as “mnemotecnologias”, o processo de exteriorização da memória, que ocorre através da técnica, assume-se como uma «gramatização⁴». O processo de «gramatização» é a história técnica da memória, onde a memória «*hipomnésica*⁵» se constitui como uma tensão em relação à memória «*anamnésica*⁶» (Stiegler, 2007). Ou seja, as formas de exteriorização dinâmica da memória, como por exemplo em *smartphones*, estão a causar alterações na forma tradicional de exteriorização de memória como o diálogo direto entre Pessoas ou a utilização tradicional da escrita. Há uma incorporação da memória «*hipomnésica*» por partes das pessoas em detrimento da memória «*anamnésica*».

Inicialmente, o processo de «gramatização» estava associado às palavras e à escrita e que podia ser reproduzido. Posteriormente, com a revolução industrial, houve uma transformação dos gestos das pessoas ao tornarem-se numa reprodução automatizada (pela máquina), aquilo a que Marx chamou de proletarização, a perda de saber-fazer. Mais tarde continua a perda do saber fazer, com o aparecimento dos aparelhos eletrónicos e digitais em que a memória é «guardada» e até mesmo a utilização de um perfil com a sua identidade (*user profiling*) (Stiegler, 2009). O processo designado de gramatização ultrapassou a esfera da linguagem e investiu na esfera dos corpos. Passou a existir uma articulação entre corpo, tecnologia e o social (Stiegler, 2012). Ou seja, muitas vezes as normas implícitas nos dispositivos tecnológicos e *de software* são incorporadas no corpo dos indivíduos, existindo a possibilidade de transferir essas normas para o social do utilizador. Exemplo disto pode ser o que acontece hoje quando uma amiga se zanga com outra e, em vez de lhe dizer cara-a-cara: - "Não falo mais contigo!", simplesmente a "apaga/delete" do seu grupo de amigos do Facebook nunca mais lhe fala.

⁴**Gramatização:** é o processo de descrever e formalizar o comportamento humano em letras, palavras, escrita e código para que possa ser reproduzido (Stiegler, 2017).

⁵**Hipomnésica:** *hypomnesis*, o fazer-técnico da memória; os *hypomnemata* incluem todos os tipos de memória substitutos e exteriorizações tais como a escrita, fotografia, máquinas, etc. (Stiegler, 2017).

⁶**Anamnésica:** o processo de recolhimento ou memória; interação dialógica direta, sem ter que depender de memória externa (Stiegler, 2017).

Passam, assim, a existir dois conceitos que definem a memória, uma enquanto adquirida pelo indivíduo e transmitida cara-a-cara (anamnésia), e aquela que é exteriorizada através de objetos técnicos como as máquinas (hipomnésia), e que impõem uma gramática própria de ação. A tal ponto que aparecem hoje objetos técnicos subdivididos entre amigáveis e não amigáveis na relação com o humano (*user friendly*). Esta gramática ou imposição de modelos de procedimento é hoje uma das temáticas mais interessantes e reveladoras na intersecção entre a cultura e a técnica na relação com o humano. De facto, as contribuições de Stiegler permitem ter uma outra visão acerca da transmissão da memória individual e coletiva, e como é que ela se materializa.

A noção de “concretização” de Simondon também se torna importante para perceber esta problemática da técnica. A definição de Simondon aparece em *L’individuation psychique et collective* e faz uma síntese entre a forma da vida natural e a tecnicidade, para compreender a posição da técnica no mundo e sua evolução (Campos & Chagas, 2008). No entender de Simondon só existe um objeto técnico quando se passa esse objeto de um modo abstrato para um modo concreto⁷. Exemplificando, o artesanato é o estado abstrato, e a indústria o que fornece o estado concreto⁸ (Neves, 2010).

Para Simondon um objeto só é técnico se for transformado industrialmente. Assim, pode-se verificar que a visão de Stiegler aprofunda a de Simondon, pois este defende que todas as formas em que a cultura e a memória são exteriorizadas em objetos são técnicas e incorporam a cultura.

Há efetivamente uma tendência para os objetos técnicos serem cada vez mais «intencionais», «universalizados» e «rápidos», em adquirirem uma funcionalidade própria, sendo objetos temporais ao relacionarem-se com as pessoas e trazerem uma «tensão temporal». A técnica pressupõe uma dimensão existencial própria formando uma temporalidade designada – o tempo da técnica – que atinge a experiência humana (Genaro, 2010). Cada transformação dos objetos técnicos ocorre numa dimensão temporal que acaba por influenciar a experiência humana nessa época, por exemplo o rádio e os *smartphones*. Cada um deles surgiu numa época diferente e interfere com a experiência humana de maneira diferente.

⁷ Ou seja, “Em vez de se partir apenas das suas características internas – ligadas por exemplo ao seu funcionamento: energia manual, vapor ou electricidade -, trata-se de pensar os processos de individuação técnica na sua passagem do modo abstrato para o modo concreto, a cada vez maior concretização dos objectos técnicos” (Neves, 2010: 188).

⁸ “Na verdade, as alterações significativas não se deram propriamente na substituição das ferramentas pelas máquinas; a autêntica mudança foi a substituição do suporte de ferramenta que deixou de ser um sistema em que o orgânico era determinante [a ferramenta é um prolongamento da mão em que o homem é o actor principal] para passar a ser uma máquina que autonomiza, se concretiza como se fosse uma nova espécie zoológica [mas, segundo Simondon, nunca chegando a sê-lo, nunca atingindo a totalidade da concretização, como sucede nos organismos vivos]” (Neves, 2010: 190).

Neste sentido, surge ainda o termo individuação que diz respeito a um “processo central no qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior identificação, um estado de maior diferenciação e ampliação da consciência” (Campos & Chagas, 2008: 4). Ou seja, um indivíduo vai evoluindo através da construção do “eu”, em diversas fases, ao longo da vida e a isto chama-me de individuação. O estudo da individuação permite ainda perceber o processo desde a fase pré-individual até à individuação, que comportam elementos naturais, biológicos, económicos, políticos, físicos etc. através dos quais se conseguem compreender determinados fenómenos e como eles se renovam (Neves & Costa, 2010).

Portanto, o problema que aparece aqui está relacionado com «o indivíduo desafectado» que “é o que perdeu a individuação em dois sentidos: não é capaz de sentir afectos, tornando-se indiferente e pulsional e, por outro lado, deixa de ter um lugar ou um *ethos*, não sabendo como viver” (Caselas, 2012: 1). As tecnologias atualmente têm um papel importante no que concerne ao processo de individuação, devido à grande projeção das mesmas na sociedade. Dado que os novos dispositivos tecnológicos e de *software* possibilitam hoje novas formas de comunicação e relação entre as pessoas, este processo de individuação pode ser afetado por eles, possibilitando que os indivíduos não desenvolvam as capacidades afetivas tradicionais, e que se tornem indiferentes e perdendo o sentido de pertença, sem saberem conviver uns com os outros.

Os objetos são atualmente criados com a intenção de as pessoas resolverem uma necessidade. São universalizados pois qualquer pessoa poderá encontrá-los e utilizá-los fácil e rapidamente. Isto faz com que os objetos técnicos tenham uma função própria e que se incorporem na experiência das pessoas. Portanto, percebe-se, segundo Featherstone (2014) que para Stiegler a tecnologia seja um *pharmakon*, isto é, cria e destrói a humanidade ao mesmo tempo. Isto é um dos pontos de discórdia de diversos teóricos ao longo do tempo, pois uns defendem que a tecnologia vai causar a destruição das sociedades, enquanto outros vêm a tecnologia como um ponto de desenvolvimento da sociedade.

Síntese: A sociedade ao longo do tempo foi caracterizada pelo determinismo tecnológico. A partir desta representação social, de forma opositora insurgiram-se novas ideias entre as quais que as tecnologias devem ser analisadas pela sua relação com o mundo ou pela forma como estão a alterar formas de comunicar entre as pessoas. Importa salientar que a tecnologia é a aplicação da ciência à técnica, já a técnica corresponde ao saber fazer -artesanal -das pessoas. Com a revolução industrial o saber fazer alterou-se e foi-se perdendo, passando pelo processo de gramatização. As tecnologias hoje são criadas, dando origem a novos dispositivos tecnológicos e de *software*, de forma universal e rápida de modo a satisfazer as necessidades dos consumidores.

Os dispositivos tecnológicos e de *software*

O termo «dispositivo» necessita ser esclarecido. Um dispositivo pode ser considerado qualquer objeto que tenha capacidade de “capturar, orientar, determinar, intercetar, moldar, controlar e assegurar gestos, condutas, as opiniões e os discursos” das pessoas (Agamben, 2005: 13). No sentido de Agamben, que lê Deleuze, o Dispositivo (de *Dispositio Latim*) é assim chamado porque, antes de tudo, dispõe, ordena segundo o seu espaço e sintagma. Podem ser instituições e organizações no modo como dispõem espaços, pessoas e comportamentos; são dinâmicos e mutáveis (Silva, 2014). É perceptível que os dispositivos têm influência no comportamento das pessoas de diversas formas (e.g: forma como se relacionam) e que são instáveis, estando em constante mudança.

Os dispositivos móveis podem ser caracterizados como um sistema de comunicação móvel, no qual é utilizada uma tecnologia sem fios para possibilitar comunicação enquanto um individuo se desloca. Além disto, podem permitir novas formas de comunicação e interação (Nascimento, 2014). Portanto, os dispositivos “são máquinas de fazer ver e falar⁹” (Silva, 2014: 147).

Para Giddens (2000) uma das características do industrialismo é a difusão das tecnologias da máquina. Este industrialismo não está apenas relacionado com a esfera da produção, está também relacionado com a vida quotidiana das pessoas. Ou seja, o industrialismo vai além daquilo que diz respeito à produção industrial, está também relacionado com a influência da máquina na vida das pessoas, como por exemplo a televisão, o computador ou mesmo a máquina de lavar. Por sua vez, o capitalismo híper-industrial desenvolveu-se de tal modo que milhares de pessoas conseguem conectar-se ao mesmo tempo a programas de televisão, de rádio e a jogos de consolas (Stiegler, 2010). Existe, assim, um acesso comum aos mesmos conteúdos.

Uma das questões que Stiegler (2010) evidencia é que as pessoas estão a seguir um serviço de um dispositivo que substitui o saber profissional e a tomada de iniciativas. Existe um ambiente de “disponibilidade absoluta” no que se pode chamar a “economia da atenção”, que não reverte em nada de concreto e prende pela atenção ao mais diverso tipo de conteúdos controlando o tempo individual massificado, existindo assim uma “servidão voluntária”. Esta situação foi produto de indústrias culturais que através do mais diverso tipo de programas e modelos de acesso à informação, deram forma à “sociedade de controlo”.

⁹ “Ou seja, dispositivo pode aludir a uma instituição, um processo, uma linguagem, um modo de se relacionar, mas também a objetos como o carro, o telefone, o computador” (Silva, 2014: 148).

Fruto de uma produção em massa, as pessoas começaram a ter disponível o que queriam e quando queriam. Isto permitiu que a produção fosse feita de modo a controlar aquilo que as pessoas compram e o tempo que disponibilizam com o produto que compram, possibilitando às indústrias, pelo marketing e publicidade embutidos (*embedded*) a manipulação do desejo das pessoas para a aquisição de produtos.

Como afirma Stiegler (2010):

“As indústrias culturais são enormes dispositivos de sincronização, em particular a televisão, máquinas de aniquilamento do ‘eu’ (...). Quando dezenas e centenas de milhões de telespectadores assistem simultaneamente ao mesmo programa em transmissão direta, essas consciências do mundo inteiro interiorizam os mesmos objetos temporais. E, se, todos os dias elas repetem, à mesma hora, e com regularidade, o mesmo comportamento de consumo audiovisual, fazendo crescer cada dia mais, acabam por transformar-se numa mesma pessoa – ou seja, ninguém. O inconsciente do rebanho dispara uma pulsão profunda que não mais libera os desejos individuais instintivos – porque isso implicaria numa singularidade” (s.p).

Portanto, quando as pessoas têm constantemente acesso a programas televisivos ou radiofônicos, e atualmente a publicidade via redes sociais, acabam por tornar-se em pessoas com os mesmos interesses e gostos. Deixam de ter uma individualidade.

Quando as indústrias conseguem um consumo homogêneo dos produtos, começam a pensar no produto que torna as pessoas singulares. Como afirma Stiegler (2010) há uma personalização das necessidades individuais, onde há a criação de produtos que fazem as pessoas sentirem-se excepcionais e desejem comprá-los. É o caso de todo o tipo de "personalizações": - encomende o seu carro e móveis personalizados! Configure você mesmo os interiores e a cor do seu carro!

Quando emergiu a sociedade capitalista, a produção era feita em massa para satisfazer as necessidades dos consumidores, através da promoção do desejo dos produtos nas televisões e nas rádios. Atualmente, essa promoção do desejo de consumir já não é feita para a massa, mas para a pessoa singular ou grupos de pessoas segmentadas; consome-se, e o produto consumido faz com que as pessoas possam dizer “eu sou assim” (Stiegler, 2010). "Eu tenho, logo eu sou". É possível deduzir uma ontologia existencial a partir das práticas de consumo que determinam hoje, quase em exclusivo, a estratificação social e os modelos de segmentação das populações.

A individuação que tem sido uma das consequências observadas tendo em conta as mudanças que tem ocorrido, desde a alteração dos valores, às práticas e às novas formas de relação entre as pessoas, devido à influência dos dispositivos tecnológicos. Segundo Beck *et al.*

(2000) a individuação é um processo onde existe uma recontextualização e descontextualização dos modos de vida, predominando mudanças sociais resultantes da sociedade industrial. Como refere Maffesoli & Martins (2011) “(...) este entendimento da técnica assinala a deslocação do paradigma industrial para o paradigma informacional (...)” (Maffesoli & Martins, 2011: 43). Com o surgimento da internet começou a estar disponível uma quantidade infinita de informação à qual se pode aceder a qualquer momento.

As Tecnologias de Informação e Comunicação “(...) por um lado favorecem uma certa fluidez de trocas e uma simplicidade nas relações, aumentam a eficácia no trabalho e a diversificação dos espaços de comunicação; por outro lado, podem levar a uma falta de envolvimento social, a um desfasamento em relação ao meio envolvente. (...)” (Rieffel, 2003: 222). Ou seja, as tecnologias da informação e da comunicação tornam simples e espontâneas as trocas de informação e a maneira como se comunica contudo, podem ter consequências como a alienação relativamente a o meio envolvente.

Posto isto, e segundo Gonçalves (2009) estamos a passar da sociedade da informação para a sociedade da comunicação. De facto, os dispositivos como os computadores, *smartphones*, *Tablet's*, consolas, entre outros, têm tido uma grande importância no que diz respeito a estas trocas de informação e nas formas de comunicação. Ou seja está-se a passar de uma sociedade que tem acesso constante à informação e à informação diversificada para uma sociedade em que os dispositivos tecnológicos passam a ter uma importância no que se refere à comunicação entre as pessoas. O papel fulcral da mediação e a respetiva mudança de eixos nesse panorama social.

Segundo Rieffel (2003) as “máquinas de comunicar” inserem-se nas relações sociais tais como relações de poder, relações desiguais e relações de força. Elas não se inserem sozinhas nas relações sociais, estão lá porque estão inscritas em situações económicas, sociais e culturais. Neste sentido, foram desenvolvidos *softwares* que possibilitaram outras formas de comunicação. Assim “(...) o *Facebook* é uma ferramenta que permite que as pessoas comuniquem com amigos, familiares, colegas de trabalho, amigos de amigos, entre outros. A companhia desenvolve tecnologias que permitam a partilha de informações através da rede social (...)” (Costa, 2011: 167). O *Facebook* foi um dos diversos *softwares* criados para as pessoas poderem comunicar e partilhar uma grande diversidade de conteúdos *online*, com outras pessoas. O seu sucesso ao derrotar, em termos de utentes, alguns concorrentes como o *Myspace*, o *Orkut* ou o *Hi5*, deve-se ao facto de ser muito sensível às necessidades de interação das pessoas e desenvolver rapidamente tecnologias de edição simples e rápidas, possibilitando a qualquer pessoa com o mínimo de conhecimentos, publicar textos, imagens vídeos, músicas e partilhar tudo isso com um “*click*”. Este milagre da proliferação rápida e acessível a todos é dos

mais presentes fenómenos de contra capitalismo específico de partilha digital que havia começado com o "*peer-to-peer*", e que quase adquire estatuto ecuménico de um momento para o outro.

As tecnologias estão, de facto, inscritas nas relações sociais, pois atravessam todas as dimensões económicas, sociais e culturais. O facto de os dispositivos tecnológicos estarem inscritos nas relações sociais faz com que as formas como as pessoas comunicam e se relacionam sejam alteradas. Dado que os dispositivos tecnológicos interferem na maneira como as pessoas se relacionam é importante ter em atenção como os objetos tecnológicos estão a personalizar os corpos das pessoas. Esta personalização pode ter diversos efeitos na maneira como elas se relacionam com os próprios objetos e por consequência com as outras pessoas e consigo mesmos.

Torna-se importante referenciar a importância do carácter protésico dos objetos para esta investigação. Segundo Rocca (2011) diversos tipos de objetos estão a particularizar os nossos corpos, como é o caso dos auscultadores para os *ipod*, nas nossas cabeças, o *iphone*, consolas como a *Nintendo DS*, a *Playstation* ou *smartphones*. Há uma relação permanente que altera a gestualidade e corporalidade das pessoas, em que o nosso corpo num espaço físico, através das tecnologias de conexão móvel, se encontra com outra pessoa conectada noutra espaço ou com a própria máquina simplesmente. Nalguns, de total imersão como é o caso de certos jogos em que o jogador está literalmente imerso no jogo via todos os dispositivos protésicos que o ligam à máquina: ecrã, mãos e *Playstation* mais os auscultadores.

Síntese: Os dispositivos principalmente dispõem, existindo um ambiente em que a disponibilidade é absoluta controlando e massificando o tempo das pessoas, de forma a controlá-lo. Os novos dispositivos tecnológicos são hoje fabricados com características especiais que vão ao encontro dos gostos e interesses das pessoas, interferindo no processo de individuação de cada um. Estes objetos acabam por ter uma relação protésica com os corpos das pessoas.

II. Os adolescentes e os novos dispositivos tecnológicos e *software* – da simplicidade à complexidade

Aquilo que os jovens fazem nos *media* sociais e com os seus dispositivos tecnológicos tem vindo a ser discutido ao longo tempo, dado a grande afluência quer aos dispositivos quer aos *media* sociais. De facto, é importante perceber o que fazem nos *media* sociais, que influência têm os seus comportamentos *online* na vida *offline*. Para tal é necessário perceber o que são os *media* sociais.

Os *media* sociais

Os *media* sociais têm sido os *softwares* que, ao longo dos tempos ganharam força no seio dos adolescentes. Segundo Boyd (2015), esta a expressão “*media* sociais” refere-se a *sites* e serviços que surgiram na década de 2000, tais como redes sociais, sites onde se pode partilhar conteúdos como vídeos ou fotografias, blogues e ferramentas relacionadas que permitam aos utilizadores criarem e partilharem conteúdos próprios. Os *media* sociais foram considerados um fenómeno social que deu origem a uma nova forma de informação e comunicação.

Nos designados *media* sociais, os utilizadores são indiciados a atualizações de *status*, conversas que estão a decorrer, fotografias, vídeos, *links* e publicidade, que competem por atenção (Thayne, 2012). As pessoas de facto quando estão num *medium* social recebem solicitações de diversas formas pelos outros utilizadores. Há claramente um mundo cheio de informações, que consome a atenção das pessoas a quem se dirigem.

Quando se partilha conteúdo, não é uma troca neutra de informações, pois quando se está a partilhar conteúdos nos *media* sociais iso faz-se de uma forma visível e na presença de uma multidão (Timrainer, 2012). De facto quando se está a partilhar conteúdos nos mais diversos *media* sociais está-se a permitir que uma diversificada multidão tenha acesso, e visualize esses mesmos conteúdos. No entanto, o facto de os *media* sociais e as tecnologias estarem ligados às pessoas, cria públicos em rede. Boyd (2015) identifica quatro *affordances* que dão forma ao ambiente mediado pelos *media* sociais: “(...) São elas:

- I. Persistência: a durabilidade das expressões e conteúdo *online*;
- II. Visibilidade: a audiência potencial que pode prestar testemunho;
- III. Replicabilidade: a facilidade com que o conteúdo pode ser partilhado e;
- IV. Pesquisabilidade: a possibilidade de encontrar o conteúdo” (Boyd, 2015: 27).

Aquilo que se faz nos mais diversos *media* sociais é influenciado pela duração do conteúdo partilhado, pela visibilidade que esse conteúdo tem, a facilidade com que os conteúdos são partilhados e a possibilidade de se poder encontrar os conteúdos *online*.

Segundo Timrainer (2012) Foucault era fascinado pelo modelo de prisão ideal de Jeremy Bentham, o *Panopticon*, que havia sido incorporado em prisões, escolas, hospitais, locais de trabalho e espaços urbanos. O *Panopticon* era composto por um anel com células em torno de uma torre de guarda central. Os prisioneiros nas células eram expostos ao olhar dos guardas na torre, mas uma vez que eles não se podem ver na torre, eles nunca tinham a certeza de que

estavam a ser vigiados. Com o tempo, com a sensação de estarem a ser observados, os prisioneiros regulavam o seu comportamento como se estivessem num *Panopticon* constantemente, mesmo depois de terem sido libertados da instituição. Aparentemente é isso que Mark Zuckkerberg pensa acerca de todos os *media* sociais. Ao tornar as ações visíveis a uma multidão, os *media* sociais expõem as pessoas a um *Panopticon* virtual. O facto de as ações serem monitorizadas e registadas pelos *media* sociais para fins de produção e análise de mercado e para gerar publicidade, faz com que a vigilância que é feita através das pessoas com que se partilha conteúdos tenha impacto na maneira como estas se comportam.

Quando se está a partilhar com um grande número de pessoas, está-se a fazer com que as pessoas esperem que os comportamentos estejam de acordo com esses conteúdos partilhados, estando assim expostos à panóptica virtual. Assim, “a opção «curtir» (gostar/like) no *Facebook*, segue esta tendência ao representar a aprovação de ideias, imagens, fotos ou expressões. Um número elevado de «likes» em um *post* do *Facebook* é símbolo de popularidade no sentido de ser visto e aprovado por muitos” (Ferreira & Vilarinho, 2013: 201). Apesar disto, com toda a visibilidade e controlo que é possível através dos *media* sociais atualmente, depois do *panopticon*, Bauman veio falar do pós-*panopticon*. Segundo Bauman & Lyon (2014) vive-se num mundo pós-*panopticon* em que a vigilância funciona a uma distância espacial e temporal específica. Os autores chegam a falar em vigilância líquida para compreender as mudanças na sociedade designada «líquida».

Para este contexto específico importa reconhecer que já não existe apenas um espaço físico para vigiar, mas sim tecnologia que permite que as pessoas estejam num estado consciente de permanente visibilidade. Ou seja, tem-se aqui o modelo diferente do *panopticon* – em que muitos agora podem dar atenção a muitos (Messa, 2015; Leopoldo, 2015; Bauman & May, 2010). Inclusive, “(...) é o mundo que viaja até nós, enquanto permanecemos em nosso lugar” (Bauman & May, 2010:180). Já não é necessário sair do lugar para ter acesso ao mundo exterior, pois através de uma tela de computador ou *smartphone*, já é possível chegar onde quer que seja.

Como afirma Rocca (2011):

“É preciso que fique claro, afinal, que quando hoje se fala de existência social, não é possível fraccionar o espaço físico e espaço da Web. É preciso ultrapassar essa oposição/separação entre real e virtual; e centrar a atenção na banalidade da existência de um *continuum*, que vai articular a identificação social e espacial de cada um. Isto significa que a semântica da Web vai formar uma «espacialidade» muito particular, com prolongamentos

no espaço urbano, um vaivém a funcionar como atracção sobre o nosso imaginário e o nosso quotidiano” (p. 56).

Deve então romper-se com as visões utópicas em que a tecnologia muda o mundo para uma forma fascinante, e as visões distópicas em que a tecnologia é vista como uma consequência negativa para a sociedade, e olhar para espacialidade que existe entre o mundo virtual e o mundo urbano que se influenciam mutuamente. Há, de facto, como nunca antes, a possibilidade-imposição de uma nova proxémica determinada pelo digital e as actividades *online*, absolutamente fundidas nas actividades tradicionais.

Como afirma Boyd (2015) nenhuma das capacidades permitidas pelos media atualmente é nova, pois antigamente também se comunicava através de cartas, dos jornais, das frases escritas nas paredes das casas de banho. Os jovens aderem aos *media* sociais pelas mesmas razões que outras gerações se encontravam em convívios de dança ou em parques de estacionamento e estavam horas a fio a falar ao telefone. Além disto, o convívio atualmente está mais virado para dentro de casa, isto é, os adolescentes encontram-se mais nas casas uns dos outros do que em espaços públicos, pois os pais têm medo dos perigos que estes possam encontrar na rua bem como a vida quotidiana altamente programada não possibilita que os adolescentes se encontrem pessoalmente com mais frequência.

De facto, aquilo que os *media* sociais permitem realizar na atualidade não é uma novidade, as pessoas sempre comunicaram e se relacionaram umas com as outras. O que é novo aqui é forma como isto se faz. Os *media* sociais abriram um leque de possibilidades de partilha de informação e conteúdos das mais diversas formas. É devido à aceleração e à alta programação das vidas quotidianas, bem como os medos dos pais pelos perigos da rua, que os adolescentes se encontram mais frequentemente em casa, do que no espaço público.

No entanto, Boyd (2015) afirma que os *media* sociais parecem um lugar estranho para os adolescentes se reunirem, mas muitas vezes o *Facebook* ou o *Twitter* é o único sítio onde podem conversar com os seus amigos, colegas de turma, conhecidos entre outros. Não obstante, é necessário ter em atenção que nem todos os adolescentes têm o mesmo tipo de acesso às tecnologias, uns têm os seus *smartphones* topo de gama, outros têm acesso aos computadores das escolas bem como, planos de pagamentos mensais nos seus *smartphones*. Por conseguinte, “o Facebook (...) potencia acções e acessos de outra maneira não possíveis. Potencia igualmente a partilha de objectos digitalizados ou digitalizáveis. Boa parte do que se fazia antes via email, faz-se hoje via Facebook” (Esperança, 2016: 6).

Portanto, muitas vezes os *media* sociais como o *Facebook* são o único local em que os adolescentes podem conversar com os seus amigos, apesar de nem todos terem o mesmo tipo

de acesso aos mesmos. Atualmente, os *media* como o *Facebook* permitem realizar tarefas que de outra forma não seria possível como, por exemplo, ter acesso imediato a notícias, ou partilhar conteúdos do próprio interesse.

Conforme o estudo de Lenhart *et al.* (2001) os jovens afirmaram que as mensagens instantâneas são essenciais nas suas vidas sociais. Grande parte deles, que estavam *online*, considerou que a internet melhorou a relação com os amigos, que a internet ajuda a melhorar a qualidade da amizade. Apesar de dizerem que a internet é um meio que ajuda na comunicação e a manter contato com outras pessoas, declaram que pode não ser o melhor meio para manter e iniciar relacionamentos mais profundos. Os jovens também disseram que a internet pouco ou nada os distrai do tempo que passam com os amigos. Alguns adolescentes afirmaram que a internet os liberta para serem e mostrarem o “verdadeiro eu” e que torna mais fácil do que o cara-a-cara. Outra das conclusões do estudo foi que os adolescentes com conexões sociais mais fortes tendem a utilizar mensagens para reforçar esses laços. Já jovens com conexões sociais mais fracas tendem a encontrar e procurar na internet laços sociais de que carecem *offline*. Os jovens declararam ainda utilizar o envio de mensagens para conversar com várias pessoas ao mesmo tempo e que assim ser mais fácil dizer algo que não conseguiriam pessoalmente. Também evidenciaram que quando estão a conversar *online*, podem apagar e reescrever o que estão a dizer no momento, o que pessoalmente já não era possível.

Segundo Lenhart *et al.* (2005) um em cada dois jovens que usa a internet vive numa casa com conexão a banda larga. Os adolescentes procuram *online* notícias, fazer compras e adquirir informação sobre saúde. Segundo este estudo, grande parte dos adolescentes afirmou possuir pelo menos um dispositivo como o computador ou *smartphone*. Disseram que utilizavam o *smartphone* para enviar mensagens e para se conectarem pela internet. Concluíram ainda que em média, os jovens entre os 12 e os 17 anos gastavam aproximadamente 10 horas por semana com os amigos a realizar atividades sociais e aproximadamente 8 horas a falar com os amigos via dispositivos tecnológicos (e.g: *smartphone* e computador).

No entanto Walkefied, Wareen & Ponnors (2016) evidenciam algumas das pesquisas realizadas por diversos autores. Um dos estudos indica que os *media* sociais não podem estar ligados a atividades educacionais benéficas, dada a apresentação negativa da relação entre a aprendizagem dos alunos e a utilização do *Facebook*. Pois dizem que o uso excessivo dos *media* sociais na educação pode afetar o tempo gasto no estudo e influenciar os resultados. Por outro lado, um estudo diz que os estudantes que estão ligados aos *media* sociais tendem a ter uma ligação institucional mais forte, sentindo-se melhor socialmente, evidenciando que o tempo gasto nos *media* não influencia o tempo de estudo, estando em constante aprendizagem. De

facto, o tempo disponibilizado nos *media* sociais pode afetar os resultados escolares, quer de forma negativa quer de forma positiva.

O uso da internet pelos jovens tem vindo de facto a intensificar-se. De acordo com o estudo protagonizado por Lenhart *et al.* (2007) os adolescentes revelaram ter uma vida *offline* ativa, com atividades extra curriculares. Embora, continuem a realizar um conjunto de atividades *online* como pesquisa de informação ou a comunicação. Verificaram ainda que eles procuravam mais informação (sobre eventos e notícias) do que comunicavam. Grande parte dos adolescentes disseram que utilizavam as redes sociais como por exemplo o *Myspace* ou o *Facebook*. Revelou-se que as raparigas utilizavam mais as redes sociais do que os rapazes, e que os jovens mais velhos tendem a visitar mais estas redes do que os mais novos. Afirmaram ainda que visualizavam vídeos em *sites* como o *Youtube*. Disseram também que também jogavam nos computadores e em consolas como é o caso da *Playstation*. Também se verificou que os adolescentes apesar de utilizarem computadores, também utilizam *smartphones*. E quem utiliza *smartphones* tem a tendência de afirmar que esses aparelhos lhes tornam a vida mais fácil.

Neste sentido, “e em virtude de uma variedade de fatores sociais e culturais, os *media* sociais tornaram-se um espaço público importante onde os adolescentes podem reunir-se e conviver amplamente com os pares, de um modo informal. Os adolescentes procuram um espaço próprio para compreenderem o mundo que está para além dos seus quartos” (Boyd, 2015: 21). Os adolescentes encontram-se nos *media* sociais com os seus pares para conviverem, procurando um espaço próprio para compreenderem o mundo à sua volta. Pois “(...) o que constitui uma novidade para os jovens não é a tecnologia mas sim a vida pública que permite” (Boyd, 2015: 30). Os jovens utilizam a tecnologia para terem acesso a uma vida pública, que fora dela não conseguem. Com esta vontade de acederem ao espaço público, acabam por relacionar-se com as pessoas de outras formas, por exemplo através do *Facebook*, *Instagram* ou até mesmo mensagens por *smartphone*, que no fim acabam por influenciar a forma como estes jovens se relacionam uns com os outros.

Síntese: A comunicação aparece de outra forma no quotidiano das pessoas, deixando de ser apenas cara-a-cara. Começando a realizar-se também através de dispositivos tecnológicos como é o caso do *smartphone*. Não só os *smartphones* mas também os *media* sociais tem vindo a ter um papel importante nestas novas formas de comunicar. Os *media* vieram dar lugar a espaços onde os jovens se reúnem, com acesso ao espaço público e onde podem partilhar os seus verdadeiros “eus”.

As relações sociais

De facto as relações sociais têm vindo a sofrer diversas alterações com o desenvolvimento dos novos dispositivos tecnológicos e *software*. Portanto, ao alterar-se a forma como as pessoas comunicam, a sociedade também se altera (Shirky, 2011).

Foi com o surgimento dos *smartphones* e, depois, dos *smartphones*, que começou a verificar-se alterações na forma como as pessoas se relacionavam. Dado que “Os *smartphones* assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar. Estar perto de uma tomada já não é a única condição para «permanecer conectado»” (Bauman, 2006: 85). Ou seja, os *smartphones* possibilitaram que as pessoas possam falar com a família, colegas de trabalho e amigos sem estar num espaço físico comum. Além disto, Silva (2014) afirma que o *smartphone* é um instrumento de “segurança”, pois através dele é fácil aceder a redes sociais, no qual as pessoas se podem salvar de imprevistos, acidentes e vulnerabilidades a que estão sujeitas. Pode assim ser um aparelho que suporta o sentimento de “integridade física e pessoal do *self*” (Silva, 2014: 148) ou até mesmo como Lopes (2011) refere que a dimensão simbólica das tecnologias móveis, como um *smartphone* ou um automóvel, idealiza a construção de um lugar que proporcione conforto, onde se as pessoas se sintam protegidas e familiarizadas, tendo um ambiente controlável. Logo, qualquer motivo que provoque às pessoas o sentimento de desagrado ou constrangimento com alguma situação, pode ter um escape no *smartphone*, com um mundo à sua mão¹⁰.

Neste sentido, Lehrer (2011) refere que Sherry Turkle no livro intitulado “*Alone Together*” afirma que a internet é uma armadilha, um sítio que mantém as pessoas agarradas aos ecrãs e aos *smartphones*, onde se espera mais das tecnologias e menos das outras pessoas. E foi assim que Turkle chamou a atenção para os designados robôs sociais que estão a substituir os relacionamentos com as outras pessoas, isto é, está-se a começar a tratar objetos como pessoas. De facto cada vez mais as pessoas estão a dar importância aos objetos, que estão a provocar uma perda de memória e esses objetos estão a começar a ser tratados como pessoas, para além de estarem a alterar a forma como as pessoas comunicam entre si. Como afirma Bauman (2006) a proximidade já não pressupõe um relacionamento num espaço físico, bem como a proximidade física já não pressupõe proximidade. O caso dos *chatbots* é revelador. O exemplo de James Vlahos que após saber que o pai estava doente, decidiu criar um “*dadbot*”, começando

¹⁰ O caso referido por António Colaço, no Jornal Expresso, dum fogo em Mação que estava a ameaçar as casas dos habitantes daquela terra, durante o qual decidiu partilhar via Facebook o que estava a acontecer em direto, de forma a informar todas as pessoas do que se estava a passar para que se pudessem precaver da situação. Salientando que “ (...) quero reafirmar, o papel das chamadas redes sociais no tu cá tu lá com a tragédia que nos incendiou os dias. (...) Demonstrámos que os telemóveis não servem só para mostrar as últimas fotos da namorada ou do cãozinho de estimação” (Colaço, 2017: s.p).

por gravar todas as histórias que o seu pai contava, que posteriormente foram transformados em código, para que ele pudesse falar com ele mesmo “para lá da morte”, através de um aparelho tecnológico (Nunes, 2017). As pessoas começam a falar com máquinas, como se estivessem a falar com outras pessoas, apesar destas interações em grande parte ainda falharem. Apresentam falhas tais como respostas incorretas ou sem sentido a grande parte das perguntas. Contudo, estão a ser desenvolvidos estudos para que os *chatbots* se adaptem à linguagem e aos movimentos que vêm (Pequenino, 2017). Estas novas formas de comunicar, evidenciam a maneira como os novos dispositivos tecnológicos e *software* estão a alterar a forma como as pessoas comunicam.

O uso das novas tecnologias no que diz respeito à manutenção dos relacionamentos não dá apenas à distância, mas também pela facilidade com que se consegue combinar atividades entre amigos pessoalmente (Barcelos, 2010). Portanto, os novos dispositivos tecnológicos não só permitem que as pessoas se relacionem à distância, mas também lhes permite com mais facilidade combinar atividades pessoalmente.

Segundo Costa (2011) existem sete dimensões importantes no que se refere à análise dos *media* sociais. A dimensão identidade que permite ao indivíduo ser reconhecido na comunidade em que está inserido, seja virtual ou real, pois é através da identidade que se identificam os membros com que se relacionam. A dimensão das relações, que permite verificar que tipo de relações têm com os diversos contatos. A dimensão dos grupos onde se estabelecem categorias de interesses, onde só quem possui determinados requisitos se pode inserir. A dimensão presença, onde permite verificar quem está *online* ou não. A dimensão conversação que permite a troca de mensagens como *chats* de conversação. A dimensão reputação que permite classificar através de diferentes níveis de confiança. A dimensão partilha, que permite partilhar informações, *links*, fotografias ou vídeos. Todas estas dimensões estão envolvidas nos *media* sociais e são importantes quando se tem de pensar nas questões da tecnologia e da sua influencia nas práticas e formas de relação dos adolescentes quer *online* quer *offline*. Todas estas dimensões estão envolvidas nos *media* sociais e são importantes quando se tem de pensar nas questões da tecnologia e da sua influencia nas práticas e formas de relação dos adolescentes quer *online* quer *offline*.

Foer (2016) chama atenção para o facto de a tecnologia não ser apenas técnica, mas também ter um carácter afetivo. Isto é, os *smartphones* que hoje em dia estão nos bolsos das pessoas foram cuidadosamente pensados e criados tendo em conta as preferências do consumidor em termos de textura, peso, brilho e tamanho e tantos outros fatores ergonómicos. Torna-se mais fácil fazer um telefonema do que fazer um esforço para ir ver as pessoas, deixar uma mensagem no *smartphone* é mais fácil do que fazer uma chamada telefónica. As pessoas acabam por falar

pouco e a sentir-se sós. O problema adjacente a estas preferências é o facto de fazerem sentir aquilo que foi concebido e vendido para fazer sentir, tornando o tempo menos presente, menos íntimo e menos rico.

Existe de facto, esta questão que é importante pensar sobre os adolescentes se envolverem tanto com os seus dispositivos tecnológicos e alteraram a forma como comunicam e se relacionam. No entanto, isto acaba por ser uma consequência das suas preferências, que são fabricadas pelos comerciantes, de forma a satisfazer as suas necessidades. Pode-se evidenciar que Sherry Turkle citada por Lehrer (2011) já tinha chamado a atenção para o facto de se estarem a criar robôs sociais, dando-se mais valor aos objetos de mediação do que às pessoas.

Neste sentido, Thompson (2005) vem falar acerca da nova visibilidade que os *media* sociais permitem e que ele afirma ter a ver com as novas formas de agir e interagir trazidas pelos *media* sociais. O autor expõe dois tipos de interação: a interação cara-a-cara e a interação mediada. A interação cara-a-cara é dialógica, implica co-presença e referências simbólicas (gestos, expressões faciais, variações de entoação). A interação mediada pressupõe que a interação seja alongada em termos espaciais e temporais. As pessoas quando interagem face-a-face partilham a mesma estrutura espaço-temporal, enquanto na interação mediada as pessoas podem estar separadas no tempo mas também podem estar simultaneamente no mesmo espaço e no mesmo tempo. Ou seja, passa assim a existir uma nova visibilidade a «visibilidade desespacializada». O que o autor pretende com a “nova visibilidade” é demonstrar que se podem ver acontecimentos em lugares e tempos diferentes, livres de uma presença face a face.

No entanto, um usuário de um *media* social comentou num artigo publicado por Turkle (2015) no *New York Times*, dado que o artigo era sobre as pessoas darem mais atenção umas às outras, afirmando que se as pessoas não dão atenção umas às outras é porque a interação é maçante, pois se a pessoa fosse interessante o interesse era mantido. No entanto, a autora desenvolveu uma pesquisa, no qual falou com jovens que partilham da mesma ideia da comentadora. Chegou à conclusão de que quando os jovens se reuniam, nunca estavam apenas a conversar, recorriam ao *smartphone* para mostrar alguma coisa uns aos outros. Talvez quando se fala em conversas chatas, uma queixa tão frequente, está-se a dizer como nos sentimos desconfortáveis com a quietude. Pode-se categorizá-lo, como a comentadora fez, como "maçadora", mas agora tem-se sempre à mão um mundo de uma constante estimulação.

Ao refletir sobre este aspeto, o problema da concorrência entre o estar presencial com outros face-a-face *versus* a presença coletiva *online* é, essencialmente, um problema de alcance. Podemos ter três mil amigos no facebook mas, se formos muito ativos *online*, é natural que nos relacionemos com frequência com 100 ou mesmo 300 desses 3000. Imagine-se relacionarmos com 300 pessoas cara-a-cara ou mesmo 100. O *online* é outra dimensão, eventualmente

mais excitante e com um poder de solicitação com que nem uma "party" muito bem frequentada pode rivalizar.

Como já foi referido em todas as alterações nas relações sociais, tem-se vindo a verificar um outro fenómeno, denominado de FOMO (*fear of missing out*). Segundo Wortham (2011), isto diz respeito ao medo de perder algo que esteja a acontecer, ou seja uma mistura de ansiedade, indecisão e irritação quando se visualiza a vida quotidiana dos amigos ou as suas atividades através dos *media* sociais. O autor ainda evidencia que o *software* social é o criador e ao mesmo tempo a cura do fenómeno FOMO (sendo ele cíclico). No entanto, há um lado positivo, que é o facto de as pessoas se sentirem mais próximas com as publicações *online* dos seus amigos ou familiares. O que o autor quer dizer é que este fenómeno ocorre devido às pessoas estarem constantemente a visualizar as redes sociais, e aquilo que os seus pares lá publicam. Como consequência, a pessoa fica ansiosa e indecisa por não estar no mesmo local que os seus amigos, pensando que tomou uma má decisão ao ficar em casa. Apesar desta componente negativa há também uma positiva: o facto de as pessoas se sentirem mais próximas quando estão longe.

Assim, segundo Barker (2016) o FOMO leva as pessoas a visualizarem as suas redes sociais assim que acordam, antes de dormir e durante as refeições. No entanto existem outras consequências para os jovens, numa revisão de Harvard (2016) foi referido que os *millennials* (os que nasceram nos anos 80 até aos primeiros anos de 2000) enfrentam um grande desafio que é a comparação impiedosa com os seus pares, imposto pelos novos meios de comunicação. Há uma tendência para que os jovens tenham que fazer algo excepcional, para se sentirem importantes e excecionais, senão acabam por sentir-se mal. Então são evidenciadas três características destes *millennials*: 1) há uma distorção dos êxitos nas redes sociais, pois estes jovens sentem-se na obrigação de igualarem as vitórias às dos seus pares; 2) as histórias dos *millennials* na comunicação social são positivas, o que pode levar ao engano por parte dos jovens, visto que só uma pequena parte é realmente bem-sucedido e 3) há uma tendência para estes jovens explorarem as suas opções devido às redes sociais, dada a propagação do empreendedorismo como um percurso de vida bom e ao facto de acreditarem que terão muitos empregos e não uma carreira única.

Há, de facto, uma tendência para comparar os jovens uns com os outros, e uma pressão para que igualem os feitos dos seus pares, que muitas vezes são evidenciados nas redes sociais, e que podem não ser verdadeiros.

Segundo Ponte (2012) por um lado o uso da internet favorece a integração de atividades *online* dos adolescentes em casa, na escola e com os seus amigos. No entanto, por outro lado, uma utilização menor da internet pode indicar exclusão quer digital quer social. A internet, além da inclusão, em que todos estão em comunicação uns com os outros em qualquer lugar, pode

também, para quem não têm a mesma possibilidade, ditar uma exclusão digital e social. Espanha (2012) evidencia que existem diversas atividades que os adolescentes gostam de fazer, nomeadamente navegar na internet, ouvir música, ver televisão, falar com os amigos nos *chats* ou no *Messenger* sobre o quotidiano, comentar fotos, vídeos ou o perfil de um amigo. Assim, “É igualmente uma geração caracterizada pelo fim da “rua” como espaço de socialização e autonomia. Os jovens apropriam os media como espaços onde exercitam a sua autonomia e onde aprofundam e mantêm as suas redes de relações íntimas” (Espanha, 2012: 42). De facto, os adolescentes gostam de desenvolver diversas atividades relacionadas com a internet e marcam efetivamente o fim da geração da rua como espaço público de convívio, de socialização e autonomia. Atualmente os adolescentes preferem entrar em contato uns com os outros através dos dispositivos tecnológicos e internet.

A forma como as pessoas comunicam e a maneira como se relacionam está intimamente ligado. Segundo Morais (2017) vive-se na era em que todos estão ligados, na era da informação e da comunicação. No entanto tem-se vindo a perceber que quando voltamos do mundo *online* para o mundo *offline* há uma incapacidade de comunicar das pessoas. O mundo digital tem permitido um afastamento entre as pessoas, cada pessoa num lugar físico e emocional diferente. Apesar de, simultaneamente, se disfrutar de uma sensação, embora falsa, de que existe uma conexão e que estamos mais próximos das outras pessoas. Muitos têm sido os investigadores a estudar a solidão e o isolamento social dos adolescentes, devido à internet. Bem como têm existido diversas as opiniões e as conclusões destes estudos. Kraut, Sherlis & Kiesler (1998) concluíram que os indivíduos mais extrovertidos conseguiam utilizar a internet para aumentar a comunicação com as outras pessoas, já Mckenna, Bargh & Katelyn (2000) afirmaram que a internet pode diminuir a solidão originando um meio relacional mais rico, permitindo a ocorrência de comunicações positivas e anónimas. Já Mckenna, Green & Gleason (2002) afirmam que as pessoas que são socialmente mais ansiosas e solitárias tem tendência a expressar melhor os seus “*real me*” com os outros na internet do que com aqueles que conhecem *offline*. Portanto, as pessoas mais extrovertidas conseguem aumentar a comunicação com as pessoas através da internet, enquanto as pessoas que têm uma tendência para o isolamento social e solidão expressam melhor os seus verdadeiros “eus” na internet do que com aqueles que conhecem fora da internet, e que esta pode diminuir a solidão através da comunicação entre pessoas.

Dominique Wolton já referia que com a internet se encontrava a “era das *solidões interactivas*. Numa sociedade em que os indivíduos estão libertos de todas as regras e constrangimentos, a experiência da solidão é bem real, como é dolorosa a consciência da imensa dificuldade em estabelecer contacto com outrem” (Wolton, 1999: 93). Entrou-se numa era em

que se torna difícil as pessoas relacionarem-se umas com as outras e como tal existem consequências.

Neste sentido, Seepersad (2004) elucida que uma das tendências comportamentais que se podem estender do *offline* para o *online* é a maneira como as pessoas lidam com a solidão e isolamento social, como por exemplo ver televisão ou usar drogas. No entanto estas maneiras de lidar com a solidão levaram também ao seu aumento, tornando-se um processo cíclico. Uma das conclusões que Seepersad evidencia é que os comportamentos para evitar o isolamento e solidão *offline*, estão relacionados também com o uso da internet. Ou seja, as pessoas para evitar a solidão e isolamento social acedem à internet para tentar resolver a situação, o que por sua vez pode levar a um aumento desse isolamento e solidão social.

Quanto ao problema que se coloca às sociedades atuais, Esperança (2016) chama:

“(…) “quadro de induções comportamentais” e que, na época actual, apontam para um certo esquizóidismo: as condições de socialização das novas gerações oferecem-lhes serviços, tecnologias, objectos hiperconectados, todos em modo de “prontidão serviçal” e disponibilidade absoluta. Isto sim, potencia a resistência à relação entre humanos; o humano quotidianamente habituado a ser servido com total disponibilidade, como o imperador mal-habitado, desactivou a maior parte das capacidades relacionais com os outros humanos que tendem a estar na mesma situação. O exemplo disso é a pessoa que não tem amigos nem relações, e o único ser vivo com que se consegue relacionar é o cão - mais - alardeia isso aos sete ventos, passando a si próprio um atestado permanente de incapacidade relacional” (p.7).

O facto de as pessoas estarem em constante interação com os aparelhos tecnológicos, e onde recebem constantes estímulos e encontram diversos tipos de serviços, fazem com que percam capacidades relacionais.

Exemplo disso são os “*Hikikomori*”¹¹ que são indivíduos isolados e solitários. Este termo é utilizado pelo governo japonês para designar indivíduos que estejam isolados durante seis meses ou mais nas suas casas. Ou seja, o que define um “*Hikikomori*” é um estilo de vida baseado

¹¹ Desde a década de 1990, “*Hikikomori*” é uma designação para jovens adultos e ocasionalmente adultos até os 40 anos. Tem sido considerado como um novo problema social no Japão. Este fenómeno tem sido um problema social da juventude no Japão, mas que tem vindo a ser reconhecido noutros países nos últimos anos, particularmente na Europa (Suwa & Suzuki, 2013).

na sua casa, não ter interesse ou vontade de ir à escola ou trabalhar. Pode ser considerado uma doença psicótica como a esquizofrenia; transtornos de ansiedade, como distúrbio de stresse pós-traumático ou transtorno de ansiedade social; transtorno depressivo ou transtornos de humor; e transtornos de personalidade, como transtorno de personalidade esquizoide (Teo & Gaw, 2010). Um “*Hikikomori*” costuma ter uma autoestima baixa, são viciados em videojogos e criam mundos fantasiosos onde se sentem bem. Devido a infâncias em que os pais eram muito protetores podem tornar-se crianças inseguras, podendo desenvolver quadros de depressão e síndrome de pânico. Passam anos isolados e não conseguem integrar-se novamente na sociedade e desenvolvem sintomas de perseguição e não saem de casa. Não, sabem lidar com os erros, não falam e até chegam a evitar o contato com a internet, pois a autoestima é baixa. Muitos acabam por criar perfis falsos para não terem de lidar com a realidade (Kajiwara, 2017). Estes jovens recusam todo o contato com a sociedade bem como atividades sociais (Suwa & Suzuki, 2013). Estes comportamentos de isolamento social trazem consequências a nível relacional e comunicacional entre os jovens e até mesmo comportamental.

No entanto aquilo que os jovens acabam por realizar *online*, seja partilhar, comentar ou colocar um *like* está ligado aquilo que querem evidenciar nos *media* sociais, ou seja a sua identidade.

Síntese: A maneira das pessoas se relacionarem tem vindo a modificar-se desde o aparecimento dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, dado que estar próximo já não pressupõe um espaço físico. A tecnologia acaba por ter um carácter afetivo, na medida em que um *smartphone* é criado de acordo com as preferências do consumidor, tornando-se mais fácil telefonar a um amigo que ir visitá-lo. Esta situação pode provocar fenómenos como o FOMO.

A identidade

A identidade é de facto um dos fatores que se evidencia quando se está *online*. Assim, “A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais” (Berguer & Luckmann, 2010: 179). Ou seja, a identidade pode-se manter ou ser alterada tendo em conta as pessoas com quem se mantêm relações sociais.

Como refere Rocca (2011):

“Na experiência habitativa digital, a identidade é posta a nu, a intimidade publicita-se, opera para si mesma uma «marketização» das diferentes facetas identitárias ligadas aos gostos, aos desejos, às inclinações culturais. A vida quotidiana é assim posta online e, por essa via, desenvolve-se uma cartografia humana relacional e

comportamental através da qual é possível «visualizar» os estados de espírito do indivíduo no teatro existencial da Web” (p.54).

O que o autor quer dizer é que quando se está a partilhar *online*, mostra-se a identidade de cada pessoa associada aos seus gostos, aos seus desejos e às inclinações culturais. A vida quotidiana é evidenciada *online* tornando perceptível o estado de espírito das pessoas na *web*.

Segundo Costa (2011) quando um utilizador comenta alguma ligação ou partilha, está a comunicar uma ação à comunidade envolvente. Exemplos desta questão são as ações no Facebook, que demonstra as suas ligações sociais, os seus gostos, as suas motivações e as suas angústias.

Assim, quer Rocca (2011) quer Costa (2011) afirmam que quando uma pessoa cria um perfil, num *medium* social como o Facebook, partilhando informações e conteúdos, está a expor os seus gostos e a mostrar a uma comunidade aquilo por que se interessa.

Costa (2011) refere:

“Quando o utilizador cria a sua conta no facebook, e o conseqüente perfil «identitário», são imediatamente sugeridos outros utilizadores para integrarem a rede de relações. E isto acontece através de dois processos: 1) se o indivíduo já possui alguma relação com o ciberespaço com a mesma identidade criada no facebook, o sistema Web, já muito próximo da versão Web 3.0, faz uma análise semântica ao perfil criado a tenta detectar as «pegadas» deixadas pelo mesmo no ciberespaço – recomenda assim pessoas com perfis e pegadas muito idênticas, ou mesmo pessoas da rede de outras (...); 2) ou podem ser os próprios elementos que já pertencem à rede do indivíduo a sugerir novos contactos” (p.172).

Quando um utilizador cria o seu perfil, o *software* do *Facebook* vai procurar “pegadas” do utilizador noutros locais do ciberespaço e sugerir, tendo em conta essas pegadas, os mais diversos conteúdos, ou até mesmo sugerir novos contatos que tenham as mesmas “pegadas” próximas na *web*.

Segundo Costa (2011), a partilha é um dos elementos que está na base do *Facebook*. O utilizador acaba por partilhar a sua identidade, está automaticamente a partilhá-la mesmo que coloque restrições de privacidade, pois é submetido à rede a que pertence. Mesmo que existam restrições de privacidade e segurança, quando se partilha qualquer conteúdo *online* está-se a mostrar essa partilha a um determinado conjunto de pessoas. Boyd (2015) vem afirmar que os adolescentes vêm os *media* sociais como um sítio para se reunirem com os amigos, ao mesmo tempo que estabelecem um equilíbrio entre privacidade e segurança por um lado, e humor e

imagem por outro. Quando os adolescentes criam os perfis são indivíduos e membros de um coletivo, sendo que a sua identidade é construída através do que fornecem, através do que os amigos partilham e de como os outros reagem a essas partilhas. Portanto a gestão da impressão quer *online* quer *offline* não é apenas um ato individual, mas também um processo social.

Tanto Costa (2011) como Boyd (2015) afirmam que uma vez partilhado *online*, sempre *online*. A identidade é fruto de um processo social, ou seja, é criada através da relação com outros seja *online* ou *offline*. A rede social deve ser considerada um novo tipo de ambiente social, onde são proporcionadas oportunidades que parecem ser infinitas, manter contatos sociais com os seus pares, bem como com estranhos de diferentes idades e origens culturais de todo mundo. A maioria dos jovens entre os 9 e os 16 anos nos países da União Europeia têm um perfil numa rede social, onde podem socializar, expressar os seus pensamentos e os seus sentimentos (Andersson, 2015).

As redes sociais virtuais possibilitam hoje diversas oportunidades de contato, de conhecimentos quer de informação, quer de pessoas, sendo que grande parte dos jovens tem um perfil num *medium* social para que possam falar com outras pessoas e exprimirem-se através de frases, mensagens ou até mesmo imagens. Estas redes oferecem uma nova cultura de simulação onde a natureza humana é reconstruída, permitindo que os indivíduos experimentem criações imaginativas do eu além dos limites da vida real. Na internet, o eu já não é um indivíduo ligado biologicamente. O usuário pode participar separado do seu corpo físico. A internet mudou as condições tradicionais de construção da identidade que é mais desejável socialmente do que a identidade “real” *offline*. Os jovens *online* podem experimentar diferentes papéis, fantasias, ideias, ações e criações de auto-representação e diversas identidades (Andersson, 2015).

Na rede social pode-se construir uma identidade que não a verdadeira, isto é, uma identidade que as outras pessoas esperam que nós tenhamos, que gostaríamos de ter, muitas vezes identificando-se com outras pessoas e ser até mesmo aceites por elas. Esta identidade pode não ser a mesma que aparece no mundo *offline*. A rede social oferece assim uma arena alternativa para a experimentação da identidade com um grau mais elevado de liberdade das pressões sociais, normas e expectativas. A extensão da experimentação de identidade parece depender, entretanto, se a configuração *online* é anónima ou não anónima. As pessoas são mais propensas a construir identidades *online* que correspondam a identidades *offline* em configurações *online* não anónimas, como o *Facebook*, em comparação com ambientes anónimos, como salas de conversação. Independentemente da extensão do anonimato, vários estudos indicam que é bastante incomum que os adolescentes construam identidades *online* que divergem grandemente da sua identidade *offline*, envolvendo, por exemplo, mudanças de género e sexualidade (Andersson, 2015).

As pessoas tendem a construir identidades diferentes das delas em perfis anónimos, nos quais não é possível identificá-los, já em perfis não anónimos há uma tendência para a identidade se parecer mais com a verdadeira. Segundo Espanha (2012), os *smartphones* ganharam força entre os jovens adolescentes pelo facto de estes quererem ganhar autonomia e potenciar as suas relações sociais fora da supervisão dos adultos. Os adolescentes demonstraram querer mais autonomia e comunicar mais com outras pessoas, sem que tenham adultos por perto. Ao mesmo tempo, “o *smartphone* detém uma dimensão simbólica para as crianças que pode advir da personalização que lhe é investida e dos sentidos que lhe são atribuídos. (...) As crianças além de utilizarem o *smartphone* de forma utilitária, usam-no de maneira expressiva, fazendo parte de uma cultura móvel que contribui para a construção da identidade” (Silva, 2014: 142).

Os *smartphones* são muitas vezes elaborados a fim de satisfazer estas necessidades dos jovens, como é o caso de quererem personaliza-los, dando-lhes essa dimensão simbólica. Da mesma forma que os *smartphones* ganharam força por eles quererem ganhar mais autonomia e ter acesso à vida pública, através da comunicação. Até porque, como refere Silva (2014) “a tecnologia móvel é (...) próxima do corpo, sempre disponível, o que estimula os sentidos através do toque, da visualização ou de outras sensações” (Silva, 2014: 142). As tecnologias que se podem transportar estão em constante interação com as pessoas, dando estímulos ao nível da audição, da visão e do tacto. Uma das questões que está sempre associada às tecnologias e à maneira como elas são utilizadas pelos jovens adolescentes, é a privacidade.

Síntese: Quando se fala em *media* sociais, está a falar-se de partilha de conteúdos nos mesmos. Esta partilha de conteúdos permite uma exposição dos gostos, motivações e angústias, criando assim uma identidade perante a multidão com quem partilham esses conteúdos. Ao partilhar estão também a permitir que empresas comerciais, adquiram informações sobre as suas preferências e possam recomenda-las nos *media* sociais, o que pressupõe também estar relacionado com a privacidade nesses mesmos locais.

A privacidade

A privacidade é um termo que tem vindo a ser discutido quando se fala de tecnologias ou *media* sociais, pois aquilo que se partilha por exemplo no *Facebook* pode ser visto e reproduzido por um número diversificado de pessoas.

O *Google* tem um sistema que permite, através de pesquisas efetuadas anteriormente pelo utilizador, proporcionar-lhe resultados mais específicos. O mesmo acontece com o *Facebook*, embora se tenham centenas de amigos, apenas se baseia nas interações efetuadas e mostra o quê e quem é mais provável interessar ao utilizador (Morozov, 2011). Ou seja, esta questão pode

estar relacionada com a identidade e com a privacidade, pois ao sugerirem-se interações/conteúdos que possam ser do interesse do utilizador, pode-se estar a divulgar parte dos gostos desse mesmo utilizador. Neste sentido, Gifalli (2013) diz que o sociólogo Derrick de Kerchove adverte para uma nova realidade onde existe uma partilha de conteúdos, a possibilidade de manifestar indignação e o aumento da transparência das informações pode pôr em causa a privacidade. Boyd (2015) afirma que sempre existiram grandes batalhas entre pais e filhos no que diz respeito à privacidade. Desde queixas dos filhos para não ouvirem conversas telefónicas bem como os filhos pedirem para não lhes entrarem nos quartos. No entanto, os media sociais vieram introduzir uma nova dimensão nestas lutas entre espaço privado e expressão pessoal. Os adolescentes não querem que os pais vejam os perfis que criaram *online* nem que os controlem aquando de conversas com os amigos. Os pais estão agora preocupados, por exemplo, com aquilo a que tiram fotografias para publicar *online*.

As discussões sobre privacidade já não são novas, mas atualmente com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, têm dado origem a novos debates, existindo assim uma preocupação sobre aquilo que os adolescentes partilham *online*. Morozov (2011) chama a atenção para a personalização da informação, ou seja, os mais diversos *sites* têm a possibilidade de recolher informações sobre os seus utilizadores e personalizá-la consoante os seus interesses. Eli Pariser no seu livro "*The Bubble Filter*", demonstra que os filtros das informações que são fornecidas *online*, levadas a efeito por algoritmos assim confeccionados, servem como um modelo de seleção invisível que influencia as ideias e bloqueia o interesse dos internautas numa bolha de interesses reduzidos, com resultados nefastos a longo prazo no que diz respeito ao alcance e abrangência de conhecimentos e interesses de quem, sem se aperceber, fica sujeito a estes filtros.

Além disto, ao clicar no botão "*Like*", resulta numa ligação afetiva¹² que é conseqüentemente publicada no *feed* dentro da rede do usuário. Esta função é regulada pelo protocolo do *Facebook*

¹² O ato de "gostar" facilita, portanto, um aumento das formas em que as conexões são feitas entre usuários, conteúdos, serviços e produtos comerciais. Grande parte desse conteúdo é selecionado via: 1) País, estado / província, cidade e código postal, gerando anúncios relevantes geograficamente; 2) Idade - A idade é um fator demográfico estabelecido que permite que os anunciantes se envolvam diretamente com o grupo desejado do mercado-alvo; 3) Aniversário - Este filtro pode ser usado para personalizar o relacionamento com os usuários, envolvendo-os no seu aniversário para aumentar as taxas de conversão; Sexo - O sexo é outro demográfico estabelecido num filtro de segmentação típico para os anúncios do Facebook; 5) Palavras-chave - O filtro de palavras-chave é baseado na informação inserida pelos usuários nos seus perfis pessoais incluindo atividades, interesses, livros favoritos, programas de TV, filmes, etc., bem como as páginas que foram "gostadas" pelos usuários. Isso tornou-se um componente chave para os anunciantes, pois permite que eles atraiam diretamente os interesses, passatempos e desejos dos usuários; 6) Educação - Embora este parâmetro permita que os anunciantes visem com base em níveis de educação, ele também fornece um método para envolver os usuários com base nas escolas nas quais eles foram e os assuntos

Social Graph, que agrupa dados através do *Facebook* para mapear as interações internas dos utilizadores. Embora este protocolo atue sobre os fluxos de informações dentro do *Facebook*, a recente introdução da funcionalidade *Open Graph* descentraliza métodos do *Facebook* para agregar os dados do usuário. Quando se clica no botão *Like*, ele gera uma relação "afetiva" com esse conteúdo, estabelecendo e gravando essas conexões que ocorrem entre os usuários e as empresas comerciais, serviços, e produtos (Thayne, 2012).

Portanto, quando se está a colocar um *like* no *Facebook*, está-se a oferecer mais um ponto no mapa de caracterização do utilizador que, depois, o *facebook* usa para oferecer espaço dedicado a quem coloca publicidade nesse espaço. É a verdadeira entrega de orientação e *targeting* personalizado no espaço do *marketing* e publicidade como nunca antes se havia conseguido.

Segundo Boyd (2015), tem persistido a ideia de que os adolescentes partilham demais e que não se preocupam com a sua privacidade. O que as pesquisas revelam é que os adolescentes desejam privacidade e trabalham para a ter, e este facto é muitas vezes ignorado pelos meios de comunicação social. De facto, há uma tendência para os meios de comunicação afirmarem que os adolescentes não têm sentido de privacidade e que partilham tudo nos *media* sociais, no entanto a autora diz que os adolescentes querem e preocupam-se com a sua privacidade.

Por outro lado, Sales (2016) vem alertar para o cultivo das vidas *online* dos filhos, mesmo antes do seu nascimento. Refere que noventa e dois por cento das crianças americanas tem uma presença *online* antes dos dois anos de idade, em que os pais publicam cerca de 1000 imagens dos filhos antes de fazerem cinco anos. Tem-se debatido o facto de os pais poderem postar imagens dos filhos *online* ou permitir que os filhos mais tarde o façam a partir de um ponto de vista de privacidade e segurança. Portanto muitas das vezes em que se fala da excessiva partilha

acadêmicos relevantes para eles; 7) Locais de trabalho - Este filtro permite que organizações específicas e setores de negócios sejam anunciados, possivelmente visando novos clientes; 8) *Status* do relacionamento - Outro demográfico estabelecido que filtra mais os usuários do *Facebook* é o status do relacionamento. Este é, obviamente, um fator importante para definir o mercado-alvo de uma miríade de produtos e serviços. 9) Interessado em - Este parâmetro é importante para se envolver com usuários com certos produtos ou serviços destinados a usuários de determinada preferência sexual; 10) Idiomas - Este parâmetro permite que os anúncios sejam entregues no idioma correto. Ele também permite que os anunciantes sigam adaptando suas campanhas publicitárias a usuários particulares de diferentes nacionalidades; 11) Conexões - O parâmetro de conexão permite que os anunciantes incluam ou excluam usuários com base em páginas específicas, eventos e aplicativos com os quais eles já estiveram conectados. Isso é útil, pois permite que os anunciantes evitem duplicações de clique ou segmentem um grupo específico de usuários com interesse semelhante. Ele também ressalta como as conexões feitas no *Facebook*, por mais inócuas que possam aparecer, tenham um valor económico tangível devido aos processos de divisão regulamentados pelo "Gráfico Social" do *Facebook* (Thayne, 2012).

de conteúdos *online* por parte dos adolescentes, poderá ser potenciada pela partilha de imagens pelos pais.

No entanto os adolescentes poderão ter um sentido de privacidade diferente. Muitas vezes os adolescentes com o intuito de conversarem com os amigos sem que se perceba o que estão a dizer, utilizam códigos criados por eles, sendo designados de esteganografia social. Portanto, este conceito refere-se ao “(...) modo como codificavam regularmente um significado oculto em mensagens disponíveis publicamente” (Boyd, 2015: 85). Este tipo de códigos é um esforço dos adolescentes para conseguir privacidade *online*. Assim, esta forma de codificação proporciona uma estratégia para reclamar privacidade em espaços públicos (Boyd, 2015). Esta forma de comunicação através de códigos, mostra que os adolescentes se esforçam para conseguir privacidade e segurança.

Quando se está a falar de privacidade tem de se ter em conta a sugestões comerciais filtradas pelos *media* sociais, baseando-se nas informações de partilhas e interações *online*. Os jovens acabam por ter um sentido de privacidade diferente. Eles criam códigos de comunicação entre eles, de forma a poderem falar publicamente, esforçando-se para terem privacidade e segurança. Quando se fala de comportamentos dos adolescentes quer *online* quer *offline*, estão presentes os valores sociais de cada um, pois cada um comporta-se consoante esses mesmos valores.

Os valores sociais

De facto os valores sociais são importantes quando se está a abordar a influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* nos adolescentes, dados que são também os valores sociais que influenciam aquilo que as pessoas fazem.

Muitos têm sido os autores que se têm debruçado acerca dos valores. Marx surgiu com a teoria de que a força de trabalho era a fonte de todo o valor, reduzindo os valores a algo meramente material e económico. Ainda no século XIX Nietzsche e Lotze foram autores importantes no que se refere ao surgimento da explicação da subjetividade (interpretação que cada indivíduo tem) dos valores. Durkheim inicia o estudo dos valores como factos morais, isto é, aquilo que ele chama de consciência coletiva, que implica a consciência e percepção do que se passa à nossa volta, centrando os valores na integração social (Outhwaite *et al.*, 1993).

Como afirma Shorter (1975), no final da década de 60 e início da década de 70, houve uma alteração nas relações entre as gerações. A probabilidade de os filhos adolescentes terem as mesmas opiniões acerca do amor, sexo, política ou economia enfraqueceu. Apesar de as crianças continuarem a aprender os contornos básicos do mundo real dentro do círculo familiar, começam a desinteressar-se pelos valores dos pais. Há muito que é visível a alteração das

relações entre as diferentes gerações, embora a socialização primária das crianças seja ainda junto da família nuclear. Estas alterações ocorrem devido à dinâmica social impressa também com a ajuda da tecnologia.

Como evidencia Baptista (2012):

Uma das definições mais comuns de valores é que “[...] Os valores podem ser entendidos como conceitos ou crenças acerca de comportamentos ou estados desejados que transcendem situações específicas, guiam, seleccionam ou avaliam o comportamento e os acontecimentos e estão ordenados de acordo com a sua importância relativa” (Schwartz & Bilsky, 1990, p.878). Funcionam como princípios gerais que guiam a acção individual, permitindo preservar o sentido de identidade pessoal e conferindo coerência e continuidade aos padrões comportamentais (Caprana, Schwartz, Capanna, Vecchione, & Barbaranelli, 2006). [...]” (p. 5).

Ou seja, os valores dizem respeito à seleção ou avaliação de comportamentos ou acontecimentos que podem ser ordenados segundo a sua importância. Podem orientar a acção das pessoas e manter a sua identidade social. Já para Fleury (2008) o valor em sociologia pode ser definido como uma maneira de ser ou agir de uma pessoa ou uma coletividade, reconhecidos como ideais e que são desejáveis e estimados pelas condutas que lhes são atribuídas. Portanto, os valores podem envolver o comportamento de uma pessoa, ou de um conjunto de pessoas, que os reconhecem como importantes e agem em função deles.

Contudo, é perceptível a dificuldade em definir o que são valores. Tendem a cair numa circularidade que os define como crenças que comportam determinados comportamentos. Como refere Boodin (1915) aquilo que escolhemos como valor é resultado da vontade das pessoas se integrarem e serem aprovadas em sociedade.

Segundo Fleury (2008) para compreender o valor em sociologia é importante ter em conta a sua dimensão relacional. Visto que os valores não são objetos, mas formas de juízo e avaliação. Refere ainda que os valores têm uma carga afetiva, pois a adesão não é apenas racional. Eles são relativos pois mudam ao longo do tempo e do espaço e devem ser reportados a uma dada sociedade. Têm uma finalidade social, permitindo a coerência das sociedades, possibilitam uma unidade psíquica das pessoas, com pontos de referência e coerência, e proporcionam a integração social. São organizados num sistema em que se observa uma hierarquia de valores. Normalmente os valores mudam quando existe uma alteração nessa hierarquia. O estudo e a avaliação dessa hierarquia tem o nome de axiologia social.

Sintetizando: os valores são relacionais, pois não são objetos, mas sim avaliações. Têm um carácter afetivo e são relativos pois variam no tempo e no espaço. Concedem uma coerência social, fornecendo pontos de referência e permitindo a integração social. Portanto, não há apenas uma ideia para se perceber os valores, dado que podem ser modos de agir das pessoas, podem ser avaliações daquilo que se acha como bem ou mal, assim como podem contribuir para as pessoas se integrarem na sociedade.

Uma das vertentes sensíveis agregadas a este tema emerge recentemente com o nome de *cyberbullying*, enquanto acção fora do quadro axiológico normal, e é importante discutir, sensibilizar e prevenir. Como tal, tem espaço quando se fala de jovens adolescentes e os seus comportamentos *offline*, pois muitas das vezes estes comportamentos refletem-se *online*.

Cyberbullying

Com o surgimento dos novos dispositivos tecnológicos e a disseminação dos *media* sociais, surgiu a discussão em torno do *cyberbullying*. Segundo Tavares (2012), o *cyberbullying* é definido como um ato repetido e deliberado de ameaça e ofensa, tal como denegrir ou humilhar através de *smartphones* ou *media* sociais. Quer o provocador quer a vítima têm de ter idades inferiores a 18 anos. Ou seja, o *cyberbullying* é considerado um ato repetido de ameaça e ofensa às pessoas através das tecnologias, em que o agressor e a vítima são menores de idade.

No entanto, segundo Boyd (2015) não há uma definição universal de *bullying*. Olweus citado por Boyd (2015) identifica três elementos importantes no caso de *bullying*, tais como: a agressão, repetição e desequilíbrio de poder. Aqui verificam-se pontos comuns entre o *bullying* e o *cyberbullying*: são atos repetidos, de agressão, desequilíbrio de poder.

Neste sentido, Tavares (2012) afirma também que o *bullying* é uma forma de agressão intencional onde existe um desequilíbrio de poder entre o provocador e a vítima. Mas acrescenta que as agressões podem ter duas formas: forma direta (física e verbal) e indireta (relacional e social). O que distingue o *bullying* do *cyberbullying* é o facto de este último ser efetuado através das novas tecnologias. Assim, Boyd (2015) afirma que as novas tecnologias vieram complicar a maneira como as pessoas entendem o *bullying*. Algumas pessoas vêem o *cyberbullying* como um fenómeno totalmente novo. Outros defendem que as tecnologias são locais onde se potencia o *bullying*. Portanto, não existe um consenso geral sobre a definição de *bullying* e *cyberbullying*, dadas as suas especificidades.

Segundo Boyd (2015):

“É uma ingenuidade culpar a tecnologia ou partir do princípio de que o conflito desaparecerá se a utilização da tecnologia for minimizada. Reconhecer o que os adolescentes estão a fazer e por que razão se dedicam a determinados atos de maldade e crueldade é importante para criar intervenções que funcionem” (p.180).

Ou seja, há uma tendência para culpar as tecnologias pelos conflitos entre os adolescentes, e que se a sua utilização for reduzida esses problemas serão resolvidos. A autora diz que é necessário perceber porque é que os adolescentes recorrem a estes atos de maldade e crueldade para que se possa intervir de modo a que exista uma consciencialização dos mesmos.

Assim os novos dispositivos tecnológicos e de *software* estão na vida dos jovens adolescentes atravessando o seu quotidiano, quer pela forma como se relacionam quer pela forma como comunicam. A compreensão das linhas de problematização teórica aqui apresentadas são determinantes para a definição da estratégia metodológica que se detalha nas páginas seguintes.

Parte II- Estratégia metodológica

Tipo de estudo e estratégia de investigação

Para concretização desta investigação utilizou-se uma metodologia qualitativa. A metodologia qualitativa é uma metodologia compreensiva pois permite explicar períodos controversos, nomeadamente aqueles em que se assiste a mudanças culturais que por sua vez transformam as práticas sociais, possibilita também captar significados a partir das perspetivas dos entrevistados sobre a situação em estudo, as suas práticas, modos de vida e ambiente em que vivem e descobrir dados desconhecidos sobre o que se está a estudar (Guerra, 2006; Flick, 2013). Assim, utiliza-se a expressão "investigação interpretativa" que tem como fim descrever, decodificar determinados fenómenos sociais. Este tipo de estratégias são importantes, pois permitem examinar contradições e dilemas da sociedade, analisando experiências e ações realizadas pelas pessoas (Hérbert *et al.*: 1990; Guerra, 2006). Portanto, as perspetivas compreensivas remetem-se para a identificação de práticas quotidianas e do surgimento de novos fenómenos sociais que elucidam e alteram o *hic et nunc* das dinâmicas sociais (Guerra, 2006).

O tipo de estudo efetuado é transversal, no qual a investigação captou um determinado estado, num determinado momento (Flick, 2013).

A pesquisa é de carácter exploratório, pois realizaram-se entrevistas semiestruturadas onde as questões eram diversificadas e ao longo da execução centraram-se essas questões do guião em dimensões mais definidas (Guerra, 2006). Ficou também garantida a diversidade de interlocutores, dado que os jovens têm diferentes idades, frequentam anos de escolaridade diferentes e foram realizadas entrevistas em duas escolas diferentes.

Delimitação do campo empírico

Dado que na atualidade os novos dispositivos tecnológicos e de *software* fazem parte do quotidiano dos adolescentes torna-se importante compreender como se relacionam com o comportamento dos adolescentes *offline*. Para que se possa compreender esta relação o estudo do *EU KIDS ONLINE* é revelador.

Segundo o estudo *EU KIDS ONLINE* "a estimativa do Eurostat para a percentagem de crianças e jovens utilizadores da internet no nosso país situa-se nos 78%, apontando-se assim para os 22% de não utilizadores" (Ponte, 2012: 23). Portanto, verifica-se que existe um grande número de crianças e jovens a utilizar a internet. "São hoje muitos os meios de acesso à internet, permitindo mais mobilidade, flexibilidade e combinação, com a sua distribuição a marcar a maior diferença entre o país e a média europeia: Portugal lidera na posse de portáteis pessoais tanto de acesso pessoal (65%) como partilhado (35%), enquanto na média europeia

predominam os computadores de secretária partilhados (58%), não existindo diferenças tão grandes nos restantes meios de acesso” (Ponte, 2012: 28). Neste sentido, entre os 13 e os 16 anos as atividades que realizam *online* é de entretenimento e comunicação; ver vídeos, utilizar o Messenger, enviar mas também receber e-mails e ver perfis em redes sociais (Ponte, 2012). A questão aqui é se Portugal evidencia um número elevado de crianças e jovens com posse e acesso a computadores e internet, o que fazem estes adolescentes quando estão *offline*?

No mundo ocidental a adolescência corresponde à fase de idade entre os 12 e 20 anos de idade, podendo existir diferenças tendo em conta o sexo, etnias, meios geográficos e condições socioeconómicas e culturais (Ferreira & Nela, 2006). Posto isto, a unidade de análise que foi alvo de estudo foram adolescentes com idades compreendidas entre os 13-19 anos de idade, na escola [A] e [B] da cidade de Portalegre, que possuam ou tenham acesso a qualquer um dos novos dispositivos tecnológicos. Escolheu-se este grupo de idades pois é quando atingem a adolescência, começam a preocupar-se com a forma como olham para os outros e iniciam a formação da sua identidade através da experiência (Erikson, 2016). Para a realização das entrevistas e seleção dos entrevistados, definiram-se duas escolas na cidade de Portalegre por razões de exequibilidade.

A técnica de seleção de indivíduos utilizada foi em bola de neve¹³, isto é, começa com uma pessoa ou um pequeno número de indivíduos ou casos e vai aumentando com as ligações que esses indivíduos possuem com outros indivíduos, formando assim uma rede, terminará quando já não houver novas informações (Neuman, 2011). A amostra foi constituída por contraste e saturação, ou seja, foram realizadas entrevistas, de pequena duração, até que os entrevistados não revelassem mais nada de novo nos principais pontos da investigação (Guerra, 2006).

¹³ A construção da amostra foi realizada através de quatro contactos do investigador, que depois de os ter contactado e explicado o objetivo da entrevista mostraram disponibilidade, quer para participar quer para ajudar a encontrar mais possíveis entrevistados. Quando à escola [A] dado que o investigador conhecia um dos contatos que estudava lá, dirigiu-se à porta da escola com o contato com quem já tinha falado, para poder explicar aos possíveis entrevistados quais os objetivos deste estudo, agendar a entrevista e entregar uma Declaração de Consentimento Informado que caso fossem menores de idade, para poderem participar, teria de ser assinada pelo Encarregado de Educação. Quanto à escola [B] o informador-chave dos possíveis entrevistados falou com os mesmos e agendou-se uma ida à porta da escola para a realização das entrevistas, sendo que a Declaração de Consentimento Informado já tinha sido enviada através do contato-chave. Todas as Declarações de Consentimento Informado foram acompanhadas de um pequeno texto explicativo e elucidativo de qual era o objetivo e de como iria proceder a realização da entrevista. Para além destes entrevistados conseguidos através de informantes chave, houve alguns dos entrevistados que foram contactados pessoalmente e através do facebook pelo investigador. As entrevistas iniciais como as posteriores, num total de 30 entrevistas, decorreram em locais públicos combinados com os entrevistados.

Técnica de recolha de dados

Aplicou-se à amostragem a entrevista semiestruturada na qual se construíram diversas perguntas de acordo com o tema, em que o objetivo é obter diversas informações e visões dos entrevistados acerca do problema aqui em estudo (Flick, 2013). Ou seja, foram realizadas perguntas abertas no qual o entrevistado deve falar espontaneamente (Flick, 2005). Escolheu-se aplicar este tipo de entrevista visto que se pretende colocar os entrevistados a partilhar as suas opiniões e vivências sem qualquer restrição, para obter a melhor informação. Quando terminada a elaboração do guião¹⁴ (anexo A), realizaram-se cinco entrevistas exploratórias, para tentar encontrar algum dado novo para abordar no guião, relevante para o problema em estudo e até mesmo verificar possíveis retificações. Conseguiu-se perceber que ao aplicar o guião que estava elaborado, os adolescentes não respondiam àquilo que se pretendia, e nesse sentido procedeu-se à elaboração de novas perguntas mais diretas e de fácil compreensão para os mesmos. Além disto, as entrevistas exploratórias permitiram «ajustar o campo de leituras para investigação» (Quivy e Campenhoudt, 2008). Começou-se por redirecionar as leituras também para conteúdos que falassem das consequências de utilização dos dispositivos com acesso a internet, na vida dos adolescentes *offline*. Após a reformulação do guião de entrevista aplicou-se aos possíveis entrevistados, individualmente, com recurso à gravação áudio¹⁵, possibilitando uma maior apreensão do que o entrevistado diz, tornando-se mais fácil a sua análise. Realizaram-se 30 entrevistas. Posteriormente à aplicação das entrevistas, passámos à transcrição das mesmas.

Técnicas de tratamento de dados

A transcrição *verbatim* das entrevistas foi realizada a partir dos áudios gravados. Ouviu-se os áudios, transcreveu-se, voltou-se a ouvir e a reescrever de forma a preparar os dados para posteriormente facilitar a sua utilização ao nível analítico e interpretativo. Quando se efectuam transcrições é necessário ter em conta um conjunto de indicações, que facilita a passagem da narrativa oral para a escrita, de forma a tornar vivo o discurso oral quando transcrito, como por exemplo a respiração ou tom de voz¹⁶ (Costa, 2011). Todos os nomes utilizados ao longo do trabalho são pseudónimos de forma a preservar a identidade e anonimato quer dos entrevistados, quer dos dados que forneceram.

¹⁴ O guião é constituído por três partes, a primeira é a caracterização dos entrevistados, a segunda sobre o comportamento dos adolescentes e a terceira sobre os novos dispositivos tecnológicos.

¹⁵ Utilizou-se um gravador de áudio portátil de forma a facilitar gravação do discurso dos entrevistados sem se sentirem constrangidos.

¹⁶ Existem diferentes formas de transcrição, mas o utilizado nesta investigação encontra-se na Caixa 1 e 2 no artigo de Costa, 2011.

Posteriormente à transcrição das entrevistas, realizou-se a análise de conteúdo, baseada no uso de categorias (Guerra, 2006). Estas categorias permitem revelar classificações e significados das mensagens (Bardin, 1977). Assim, pode-se transcrever discursos da entrevista e colocar em categorias que cubram o problema em questão, para facilitar a relação de conceitos. O método utilizado para a categorização do conteúdo das entrevistas foi a análise temática, com alguma observação pragmática das narrativas.

Explicitada e detalhada a estratégia metodológica, procede-se à análise e discussão dos resultados.

Parte III – Os resultados

Análise de resultados

Dá-se agora início à análise dos dados recolhidos através das entrevistas realizadas aos adolescentes. Esta análise incide de modo particular sobre as práticas, significados e representações do comportamento dos adolescentes *offline*. Estar *online*¹⁷ pressupõe uma ligação a um computador ou uma rede como é o caso da internet. Já estar *offline*¹⁸ pressupõe que não exista qualquer ligação direta a um computador ou uma rede como a internet.

O problema central em estudo incide sobre o modo como os novos dispositivos tecnológicos e *software* influenciam o comportamento dos adolescentes *offline*. A fim de explorar este problema procede-se seguidamente à análise das respostas dadas pelos adolescentes às questões que lhes foram colocadas sobre o comportamento *online*, em concreto, o *medium* social que utiliza mais frequentemente, o que fazem nos *media* sociais, a razão pela qual utilizam os *media* sociais e o tempo de utilização dos dispositivos. Posteriormente, analisam-se as questões colocadas sobre o comportamento dos adolescentes *offline*, nomeadamente as que procuraram aferir quais as atividades que realizam *offline*, de que falam com os amigos quando estão *offline*, se utilizam os dispositivos quando estão *offline* e a forma como se relacionam. Além de questões sobre o comportamento dos adolescentes, foram também colocadas questões sobre os dispositivos tecnológicos, *online* e *offline*, visando essas recolher uma avaliação sobre a utilização dos dispositivos por parte dos adolescentes, a avaliação da própria utilização dos dispositivos, as perceções sobre as consequências da utilização dos dispositivos e a perceção da influência dos dispositivos quando estão *offline* (Anexo A).

Caracterização da amostra

A amostra é composta por 30 adolescentes, 22 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades entre os 14 e os 19 anos de idade. Há um adolescente com 14 anos, quatro adolescentes com 15 anos, seis adolescentes com 16 anos, 11 adolescentes com dezassete anos, cinco adolescentes com 18 anos e três adolescentes com 19 anos, todos de nacionalidade Portuguesa. Desses 30 adolescentes, cinco frequentam o nono ano de escolaridade, três o 10º ano e 12 o 12º ano de escolaridade, 18 pertencem à escola [A] e 12 à escola [B]. Na representação dos dados privilegia-se a utilização de figuras (nuvens de palavras) e tabelas.

¹⁷Como está descrito no Dicionário de Língua Portuguesa Priberam: “Que tem ligação directa ou remota a um computador ou a uma rede de computadores, como a Internet = Em linha”, url: <https://www.priberam.pt/dlpo/online> consultado a 5 de Junho de 2017.

¹⁸ Como está descrito no Dicionário de Língua Portuguesa Priberam: “Que não tem ligação directa ou remota a um computador ou a uma rede de computadores, como a Internet”, url: <https://www.priberam.pt/dlpo/offline> consultado a 5 de junho de 2017.

1- Caracterização dos dispositivos tecnológicos e de *software* que os jovens utilizam

No que diz respeito ao tipo de dispositivos que possuem e têm acesso, verifica-se que o que possuem mais frequentemente acedem é ao *smartphone* (30) e computador (29), em destaque na figura [1], seguindo-se a televisão (15) e *tablet* (11), sendo que os que possuem menos e tem menos acesso é à *Playstation* (2), Mp3 (2), Nintendo (1) e rádio (1). Visualizar figura [1] construída em termos proporcionais de acesso.



n: 91

Figura n.º 1: Tipo de dispositivos que possuem e tem acesso

Fonte: Elaboração própria, com recurso a *Word Cloud.com*

Relativamente aos dispositivos que utilizam no acesso aos *media* sociais, verifica-se que o mais utilizado é o *smartphone* (30) o qual se destaca na figura [2], seguindo-se o computador (22), e embora com menos incidência também a televisão (5) e o *tablet* (1), visualizar figura [2] em termos proporcionais de utilização.



n:58

Figura n.º 2: Dispositivos que utilizam no acesso aos *media* sociais

Fonte: Elaboração própria, com recurso a *Word Cloud.com*

2- Comportamento dos adolescentes «*online*»

Para compreender como é a vida dos adolescentes *offline*, é importante perceber quais as suas práticas *online*, embora com pouca profundidade para se poder dar conta daquilo que os adolescentes fazem *offline*, dado que hoje em dia é quase impossível delimitar o mundo *online* e *offline*. Num mundo em que grande parte das pessoas estão «conectadas» é pertinente perceber o que fazem quando estão «desconectadas» e se têm a perceção do limite que separa a vida *online* da vida *offline*. É ainda importante verificar como os adolescentes comunicam e se relacionam uns com os outros num mundo que é caracterizado pela «fluidez» das relações, pelas «solidões interativas» e pela urgência de «fotografar, filmar, gostar e comentar».

2.1- *Medium* social utilizado mais frequentemente

O *medium* social que os adolescentes afirmaram utilizar mais foi o *Instagram* (16) o qual aparece em destaque na figura [3], em seguida o *Facebook* (15). Com menos ocorrência segue-se o *Twitter* (3), o *Whatsaap* (3), o *Snapchat* (2) e o *Youtube* (1), visualizar figura [3] em termos proporcionais de utilização.



n:40

Figura n.º 3: Rede social mais utilizada pelos adolescentes.

Fonte: Elaboração própria, com recurso a *Word Cloud.com*

Nas páginas seguintes procede-se à análise dos dados para cada um dos seguintes temas: 1) comportamento dos adolescentes, 2) os novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Para cada um das seguintes categorias: 1) *online*, 2) *offline* e 3) *online* e *offline*. E para as subcategorias: 1) O que fazem nos *media* sociais, 2) Razão pela qual utilizam os *media* sociais, 3) Tempo de utilização dos dispositivos, 4) Atividades *offline*, 5) O que falam quando estão *offline*, 6) Utilização dos dispositivos quando estão *offline*, 7) Forma como se relacionam, 8)

Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos atualmente, 9) Avaliação da própria utilização dos dispositivos, 10) Perceção das consequências de utilização dos dispositivos, 11) Perceção da influencia dos dispositivos quando estão *offline*, 12) Importância dos *likes*. Posteriormente passar-se-á à discussão dos resultados.

2.2-O que fazem os adolescentes nos *media* sociais

Na tabela n.º 1 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-**Tema:** Comportamento dos adolescentes

-**Categoria:** *Online*

-**Subcategoria:** O que fazem os adolescentes nos *media* sociais

Tabela n.º 1: O que fazem os adolescentes nos *media* sociais

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Acesso a informação; partilha (23)	<i>Bruna [E_23_A] “ No Facebook pesquiso e (...) vou acendendo (...) aos tais jornais e informações...”</i>
-Comunicação com pessoas (14)	<i>Madalena [E_3_B] “... falar com os meus amigos por causa de coisas da escola, ou então para combinar coisas para vá estarmos todos juntos...”</i>
-Acesso ao entretenimento (21)	<i>Tomás [E_6_A] “... no Instragram é para ir ver as fotos, seguir por exemplo famosos, o Snapchat é mais para tirar fotografias com os efeitos engraçados ...”</i>
- Trabalho a partir do Facebook (1)	<i>António [E_2_A] “... hoje em dia muitas pessoas trabalham com essa rede no próprio dia a dia...”</i>
- Combinar atividades (1)	<i>Madalena [E_3_A] “... ou então para combinar coisas para vá estarmos todos juntos...”</i>
- Organizar eventos / atividades (1)	<i>Luís [E_18_B] “(...) organizo muita coisa pelo, pelo facebook (...) organizar atividades, organizar eventos...”</i>
-Estudar (1)	<i>Sofia [E_19_B] “... eu estudo também pelo smartphone...”</i>
-Não fazer nada em concreto (1)	<i>Nádia [E_20_B] “...as vezes não vou fazer nada em concreto...”</i>
- Acesso a novidades (2)	<i>Madalena [E_3_B] “...é basicamente ver as novidades...”</i>
-Pouca comunicação com outras pessoas (1)	<i>Nádia [E_20_B] “...por acaso não uso muito as redes sociais para falar com os meus amigos...”</i>
- Coscuvilhar a vida das pessoas (1)	<i>Laura [E_26_A] “... no Twitter coscuvilho muito a vida das pessoas [risos] ... ”</i>

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 1 “o que fazem nos *media* sociais” consegue-se verificar que muitas são as práticas dos adolescentes no que diz respeito aos *media* sociais. Entre elas estão aceder a informação, comunicar com pessoas aceder ao entretenimento, trabalhar a partir do *Facebook*, combinar atividades, organizar eventos, estudar, aceder a novidades e até mesmo não fazer nada em concreto ou coscuvilhar a vida das pessoas. Destacam-se como maior prática o acesso a informação (23), o acesso ao entretenimento (21) e a comunicação com pessoas (14), tal como referem Bruna [E_23_A], Madalena [E_3_B] e Tomás [E_6_A]. Estas práticas passam pela pesquisa e acabando em outras atividades que os *media* sociais permitem como «partilhar», «comentar» e «gostar», comunicar com os amigos, a família e pessoas que estão distantes.

2.1- Razão pela qual os adolescentes utilizam os *media* sociais

Na tabela n.º 2 estão presentes os indicadores de 28 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-**Tema:** Comportamento dos adolescentes

-**Categoria:** *Online*

-**Subcategoria:** Razão pela qual os adolescentes utilizam os *media* sociais

Tabela n.º 2: Razão pela qual os adolescentes utilizam os *media* sociais

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
-Facilidade de Utilização (<i>user friendly</i>) (1)	Madalena [E_3_B] “... é uma coisa fácil de ver as novidades de uma maneira divertida...”
-Acesso ao entretenimento (9)	Filipa [E_5_A] “[risos] Tão porque ... gosto de ver as imagens que as pessoas publicam e pôr depois também né, sigo vários perfis de fotos de ambientes e essas coisas, esse tipo de fotos” [E_5_A]
- Acesso a informação e partilha (9)	Bruna [E_23_A] “O <i>Facebook</i> é para me manter um pouco mais informada, também é um meio que eu tenho de acesso aos próprios jornais e aos meios de comunicação, o <i>Instagram</i> porque também me gosto de manter informada onde andam os meus amigos, onde andam as pessoas gosto de estar atenta a esse tipo de coisas e informação também.”
- Amigos também têm (2)	Nádia [E_20_B] “...os meus amigos também utilizam quase todos a mesma rede social...”
- Acesso a novidades (1)	Cristina [E_10_A] “talvez pelas novidades...”
- Comunicação com pessoas (11)	Manuela [E_28_A] “Para falar com pessoas mais distantes ou próximas”

- Hábito (2)	<i>Daniel [E_16_B] “Ah digamos que tornou-se num hábito, quando à dois ou três anos só se usava Facebook, agora nesta, nesta altura só costumo usar mesmo o Instagram...”</i>
- Gosto pela utilização (1)	<i>Lúcia [E_14_B] “...não sei é o que gosto mais.”</i>
- Acesso rápido e direto (1)	<i>Lúcia [E_14_B] “É a rede social onde temos acesso de forma mais rápida e mais direta, um bocado ao que as pessoas andam a fazer...”</i>
- Associado à imagem (2)	<i>Bárbara [E_24_B] “... é por mais fotografias acaba também por ser uma, uma rede social diferente...”</i>
- Organização de eventos (1)	<i>Luís [E_18_B] “...para organização de eventos, grupos, marcar datas com amigos, marcar reuniões...”</i>
- Facilitar a vida (1)	<i>Luís [E_18_B] “...para facilitar o acesso e a determinadas funções da nossa vida...”</i>
- Cansaço de outras redes (1)	<i>Nádia [E_20_B] “...já estou um bocadinho cansada das outras redes sociais porque já se tornaram um bocadinho mais banais...”</i>
- A rede possui diversas atividades (2)	<i>Tânia [E_22_B] “... uma rede social que já tenha um pouco das outras todas ...”</i>
- Tem mais interesse (2)	<i>Marisa [E_29_A] “... acho mais interessante do que outras redes sociais...”</i>
- Medo de julgamento/ ser mais verdadeiro online (1)	<i>Luísa [E_27_A] “As pessoas as vezes como, sei lá tem medo de ser julgadas cá fora então quando chegam as redes sociais são mais verdadeiras...”</i>

Fonte: Elaboração própria

Muitas das vezes aquilo que se faz nos *media* sociais está relacionado com a razão pela qual se os utiliza. Nesse sentido importa verificar quais as razões que levam os adolescentes a frequentar os *media* sociais. Na tabela n.º 2 “razão pela qual os adolescentes utilizam os *media* sociais” estão evidenciadas razões como a comunicação com os amigos (11), o entretenimento (9), e também a informação a que tem acesso (9), tal como afirmam Manuela [E_28_A], Filipa [E_5_A] e Bruna [E_23_A]. Estes três indicadores são os que aparecem com maior incidência tal como se evidenciou na categoria o que fazem os adolescentes nos *media* sociais.

Para além destes indicadores, aparecem outros no que se refere à razão pela qual os adolescentes utilizam os *media* sociais como a facilidade de utilização, o facto de os amigos também acederem aos *media* sociais, acesso a novidades, por ser um hábito, gosto pela utilização, acesso rápido e direto, a possibilidade de organizar eventos, facilitação da vida (quotidiana), o cansaço de outras redes, os *media* possuírem diversas atividades, terem mais

interesse para os jovens e o medo de serem julgados pessoalmente e ser mais fácil a comunicar *online*.

2.3-Tempo de utilização dos dispositivos

Na tabela n.º 3 estão presentes os indicadores de 30 respostas.

- Tema:** Comportamento dos adolescentes
- Categoria:** *Online*
- Subcategoria:** Tempo de utilização dos dispositivos

Tabela n.º 3: Tempo de utilização dos dispositivos

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Frequência de utilização dos dispositivos (21)	Luís [E_18_B] <i>“Eu não faço ideia mas de zero a vinte cinco é pouco, é pouco vou lá mais que vinte cinco vezes, umas vinte cinco vezes no mínimo, num dia normal...”</i>
- Período de utilização dos dispositivos (7)	Jorge [E_13_B] <i>“Das vinte e quatro horas, fora das aulas e quando estou a dormir, é o dia todo.”</i>
- Número de horas de utilização dos dispositivos (2)	Marta [E_15_A] <i>“Mais ou menos três ou quatros horas.”</i>

Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre o tempo de utilização dos dispositivos tecnológicos os adolescentes deram respostas muito diferentes. Na tabela n.º 3 “tempo de utilização dos dispositivos” verifica-se que uns basearam-se na frequência com que os utilizam, outros no número de horas e ainda nos períodos do dia que utilizavam os dispositivos. Sendo que a frequência de utilização dos dispositivos (21) foi o indicador mais referido pelos jovens, tal como está evidenciado na tabela n.º 3 pelo Luís [E_18_B].

3- Comportamento dos adolescentes «*offline*»

3.1-Atividades praticadas pelos adolescentes *offline*

Na tabela [4] estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

- Tema:** Comportamento dos adolescentes
- Categoria:** *Offline*
- Subcategoria:** Atividades praticadas pelos adolescentes *offline*

Tabela n.º 4: Atividades praticadas pelos adolescentes *offline*

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Realização de atividades com amigos/família (16)	Marta [E_15_A] “... As vezes vamos para casa uns dos outros ver filmes, fazemos festas, ouvir música mais ou menos isso...”
- Realizar tarefas domésticas (1)	António [E_2_A] “...estou a fazer tarefas que me mandam em casa...”
- Praticar desporto (10)	José [E_17_B] “...sei lá praticamos desporto...”
-Atividades de entretenimento (24)	Jorge [E_13_B] “Vejo filmes, séries, estudar, também não convém estar online quando se estudo”
- Comunicar com pessoas (6)	Nádia [E_20_B] “... O que é que fazemos, falamos, e estamos uns com os outros...”
- Estudar (15)	Cristina [E_10_A] “...e estudar pois [risos] ...”
- Dormir (1)	Sofia [E_19_B] “...durmo [risos]...”
-Estar com os amigos/família (5)	Nádia [E_20_B] “...tento passar o máximo de tempo com a minha família também com os meus amigos e pronto não faço muito mais para além disso...”

Fonte: Elaboração própria

Dado que hoje em dia é difícil distinguir o espaço *online* e o espaço *offline* e o tipo de atividades que lá se realizam, tentou-se perceber o que os adolescentes faziam *offline*. É visível na tabela [4] “atividades *offline*” que os adolescentes mesmo *offline* estão em contato com os dispositivos tecnológicos, mesmo que não tenham ligação à internet embora realizem outras atividades com amigos ou família, praticar desporto, realizar atividades de entretenimento, dormir, estudar, estar com os amigos, comunicar com amigos e família, ou fazer tarefas domésticas. Os indicadores que se destacaram mais foram: atividades de entretenimento (24), realização de atividades com amigos ou família (16) e estudar (15) como se pode verificar pelas respostas de Jorge [E_13_B], Marta [E_15_A] e Cristina [E_10_A].

3.2. O que falam os adolescentes quando estão *offline*

Na tabela n.º 5 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-Tema: Comportamento dos adolescentes

-Categoria: *offline*

-Subcategoria: O que falam os adolescentes quando estão *offline*

Tabela n.º 5: O que falam os adolescentes quando estão *offline*

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Quotidiano (23)	António [E_2_A] “...Então, falamos, partilhamos um pouco dos nossos dias, da nossa vida escolar, da nossa vida quotidiana ah falamos um pouco de tudo, partilhamos, falamos dos nossos problemas, aconselhamo-nos, rimo-nos ah é isto...”
-Conteúdos da internet (4)	Marisa [E_29_A] “...a maior parte das vezes eu sinto que falamos de coisas que nós vemos online...”
-Conteúdos partilhados nos <i>media</i> (2)	Miguel [E_8_A] “...quando aparecem algumas polémicas nas redes sociais, sim também o que vão partilhando os outros...”
-Contam piadas (1)	Filipa [E_5_A] “...Ah brincamos contamos piadas, pronto é uma diversão...”
-Sobre o futuro (2)	Sílvia [E_11_A] “...falamos coisas do futuro...”
-Falam de tudo (2)	Teresa [E_12_A] “...Falamos sobre tudo...”
-Notícias (1)	Luís [E_18_B] “...aquilo que vemos, as notícias que apanhamos lá...”
-Raramente falam das redes sociais (1)	Nádia [E_20_B] “...“ E do que é que falamos de tanta coisa, raramente falamos das redes sociais...”
-Problemas da sociedade atual (4)	Bruna [E_23_B] “...vamos falando sobre o estado em que se encontra o mundo atual...”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 5 “o que falam os adolescentes quando estão *offline*” é visível que devido à internet e aos novos *softwares* que os adolescentes alteraram o tipo de conversas. Os adolescentes disseram que quando estão *offline* tem diversos tipos de conversas entre elas estão o quotidiano, conteúdos da internet, conteúdos partilhados nos *media* sociais, sobre o futuro e problemas da sociedade atual. Afirmaram ainda que contavam piadas, acediam a notícias. No entanto houve um jovem Nádia [E_20_B] que afirmou que raramente falam de redes sociais. Em destaque estão as conversas sobre o quotidiano (24), conteúdos da internet (4) e problemas da sociedade atual (4) tal como evidenciam António [E_2_A], Marisa [E_29_A] e Bruna [E_23_B].

3.3- Utilização dos dispositivos quando os adolescentes estão *offline*

Na tabela n.º 6 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-**Tema:** Comportamento dos adolescentes

-**Categoria:** *offline*

-**Subcategoria:** Utilização dos dispositivos quando estão *offline*

Tabela n.º 6: Utilização dos dispositivos quando estão *offline*

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Smartphone (18)	<i>Tânia [E_22_B] “Algumas vezes sim o smartphonel...”</i>
- Televisão (1)	<i>Nádia [E_20_B] “ah sim a televisão...”</i>
- Comunicar (11)	<i>Soraia [E_21_B] “ As vezes uso o smartphone para tirarmos umas fotos ou assim também mesmo estando offline uso o smartphone para falar por mensagens com alguém ou ligar a alguém e é só”</i>
-Para atualização própria (2)	<i>Tomás [E_6_A] ” Estou ... a atualizar-me vá consoante o que estiver a pensar ir fazer.”</i>
- Aceder as redes sociais através dos dados móveis (1)	<i>Alice [E_9_A] “... posso aceder as redes sociais através dos dados móveis...”</i>
-Atividades de entretenimento (6)	<i>Cristina [E_10_A] “...ah tirar fotografias, ouvir música, mensagens e vídeos...”</i>
- Quase nunca utiliza (1)	<i>Teresa [E_12_A] “Quase nunca, quando utilizo é porque recebo alguma mensagem...”</i>
- Tendência a não mexer no dispositivo (2)	<i>Lúcia [E_14_B] “...quando estou offline então não costumo ter, não costumo ter a tendência de mexer “</i>
- Está sempre no Smartphone (1)	<i>Marta [E_15_A] “ Sim, Porque tenho o hábito de estar, estar sempre no smartphone e as vezes esqueço-me que estou com eles e continuo também”</i>
- Se tiver aborrecido (1)	<i>Daniel [E_16_B] “...Depende [risos] se tiver, se tiver aborrecido e sem nada para fazer sim estou sempre a mexer no telemóvel...”</i>
- Utiliza sozinho (2)	<i>Nádia [E_20_B] “... quer dizer quando estou com os meus amigos menos quando estou sozinho claro, quando estou sozinho uso muito o telemóvel...”</i>
- Ver as horas (1)	<i>José [E_17_B] “ ... para ver as horas...”</i>

-Aceder à internet (1)	José [E_17_B] “...as vezes uso estamos de conversa e tal queremos um exemplo ah vamos lá ver isto ali à internet...”
-Pesquisa (1)	Tânia [E_22_B] “...Sei lá de vez enquanto por alguma dúvida que tenhamos ou alguma pessoa que pesquisamos ou assim é por isso basicamente”
- Conhecer pessoas (1)	Bárbara [E_24_B] “... conseguimos conhecer outras pessoas acabamos por socializar dessa forma”
- Falta de integração (1)	Manuela [E_28_A] “Hum as vezes só, ah posso não estar muito integrada la na conversa ou assim”
-Hábito (1)	Marisa [E_29_A] “...acho que é o hábito, estou habituada a utilizar então, cada vez ais utilizo”
- Tentam não usar muito (1)	Nuno [E_30_A] “As vezes mas tentamos não usar muito...”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 6 “utilização dos dispositivos quando estão *offline*” os adolescentes evidenciaram utilizar os dispositivos para atualização própria, aceder a redes sociais através dos dados móveis, realizar atividades de entretenimento, se estiver aborrecido, ver as horas, aceder à internet, pesquisar, conhecer pessoas, por ser um hábito. Houve ainda quem referisse que quase nunca utilizava os dispositivos, que tentavam não usar e que por vezes quando usavam era por falta de integração. O dispositivo que afirmaram utilizar mais foi o *smartphone* (18), como evidencia Tânia [E_22_B]. Afirmaram utilizar os dispositivos essencialmente para comunicar (11), como refere Soraia.

3.4- Forma como os adolescentes se relacionam

Na tabela n.º 7 estão presentes os indicadores de 6 respostas.

-**Tema:** Comportamento dos adolescentes

-**Categoria:** *offline*

-**Subcategoria:** forma como os adolescentes se relacionam

Tabela n.º 7: Forma como os adolescentes se relacionam

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Relacionam-se bem (1)	Filipa [E_5_A] “...eu acho que me relaciono bem, porque eu dou-me bem com toda a gente...”
- Mais fácil via virtual (1)	Tomás [E_6_A] “Acho que é mais fácil via virtual [risos]”
- É melhor face a face (1)	Joana [E_7_A] “...é melhor o contato do que via internet”

-Relacionam-se menos (1)	Miguel [E_8_A] “... Acabam por se relacionar menos e ganhar uma dependência...”
-Pouca comunicação face a face (1)	Alice [E_9_A] “Acho que as pessoas antigamente falavam mais umas com as outras, acho que ah vá se divertiam mais umas com as outras do que é agora...”
-Falam lado a lado via sms (1)	Alice [E_9_A] “... usamos os telefones e em vez de estarmos a falar mais a s vezes, estamos ao lado da pessoa e a falar por mensagem”
-Falta de abertura para outras atividades (1)	Jorge [E_13_B] “...a sua utilização excessiva pode não dar tanto, abrir tantos os horizontes para ler um livro, fazer outras coisas”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 7 “forma como os adolescentes se relacionam” afirmaram que se relacionavam bem, que era mais fácil virtualmente, mas que consideravam melhor “face –to- face”. Afirmam que atualmente se relacionam menos uns com os outros, que comunicam menos cara- a- cara e que têm pouca abertura para desenvolver outras atividades.

4- Os novos dispositivos tecnológicos *online e offline*

4.1-Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos atualmente

Na tabela n.º 8 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-**Tema:** Novos dispositivos tecnológicos

-**Categoria:** *online e offline*

-**Subcategoria:** Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos atualmente

Tabela n.º 8: Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- É bom (3)	Tânia [E_22_B] “ ...no geral acho que as pessoas utilizam de uma forma positiva.”
- É mau (2)	Daniel [E_16_B] “...Mau, sem dúvida mau, mau porque... tenho amigos que, eu próprio tenho que os mandar desligar o telemóvel ali ao pé de mim porque não são capaz, eu estou a falar para eles e eles levam o tempo a olhar para o smartphone...”
-Utilização é boa e má (4)	Madalena [E_3_B] “É, então é assim ah, quando estamos afastados é bom, porque, porque mantém o contato entre nós, mas quando estamos juntos ah, pode ser um bocado mau, porque em vez de estarmos a falar pessoalmente estamos todos agarrados no smartphone e acaba por ser um bocado desconfortável...”
- Acesso a redes sociais (1)	Andreia [E_1_A] “Então temos acesso a muita coisa que não tínhamos antes [hum]...As redes sociais, por exemplo! Isto antes era impossível por exemplo...”
-Acesso à informação (7)	Lúcia [E_14_B] “... por um lado a facilidade do acesso à informação tudo isso é muito benéfico...”

-Facilidade de comunicação (3)	de	<i>Manuela [E_28_A] “Ah porque as pessoas estão sempre no smartphone, em vez de estarem com os amigos ou mesmo sozinhas e pegam no smartphone mesmo lado a lado e em vez de estarem a conversar ou assim...Pode-se conversar com pessoas que não estejam ao pé de nós e partilhas gostos fazer mais amigos”</i>
-Falta de comunicação (7)	de	<i>Teresa [E_12_A] “...estar com alguém e por exemplo estar num grupo de amigos e uma pessoa estar no smartphone ou outras pessoas, logo acontece as pessoas por exemplo estar numa mesa de amigos e estarem todos no smartphone...”</i>
-Estão viciados /dependentes (11)		<i>Lúcia [E_14_B] “... Por outro lado acho que também nós acabamos por estar tão viciados ou tão dependentes que já não sabemos fazer outra coisa.”</i>
-Facilidade de socialização (1)	de	<i>Tomás [E_6_A] “...hum e é uma maneira mais fácil de socializar com as pessoas, acho eu...”</i>
- Excessiva (11)		<i>Nádia [E_20_B] “Acho que tão, tão a ser utilizadas de uma forma exagerada, muito, muito, muito, muito exagerada e acho que isso depois vai, afeta as nossas relações com os outros porque, parece que dimi, diminui a nossa facilidade de nos relacionarmos com os outros, começamos a relacionar-nos só connosco próprios...”</i>
- Falta de estudo (1)		<i>Marta [E_15_A] “... Estraga mais ou menos a vida de algumas pessoas porque passam mais tempo no, nessas coisas do que estudam...”</i>
-Rapidez/facilidade de acesso à informação (1)	à	<i>Luís [E_18_A] “...Claro que há é tudo muito mais rápido, uma fotografia chega daqui à China em segundos e fotografias da China aqui é outros segundos...”</i>
- Falta de limites (1)		<i>Vera [E_25_A] “... há pessoas que exageram um bocadinho e não sabem diferenciar depois saber parar e saber os limites...”</i>

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 8 “avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos”, afirmaram no geral ser excessiva, mas ao mesmo tempo vantajosa. Anunciaram que as tecnologias tinham aspetos positivos e negativos. Quanto aos aspetos positivos evidenciaram que têm acesso aos *media* sociais, acesso a informação, a comunicação é facilitada e que o acesso a mesma é mais fácil e rápido. Quanto aos pontos negativos disseram que pode existir falta de comunicação, que estão dependentes e viciados nos dispositivos e que perdem tempo de estudo. Os indicadores com mais ocorrência foram: estão viciados ou dependentes (11), a utilização excessiva (11) e a falta de comunicação (7), como referem Lúcia [E_14_B], Nádia [E_20_B], Teresa [E_12_A].

4.2-Avaliação da própria utilização dos dispositivos

Na tabela n.º 9 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-Tema: Novos dispositivos tecnológicos

-Categoria: *online* e *offline*

-Subcategoria: Avaliação da própria utilização dos dispositivos

Tabela n.º 9: Avaliação da própria utilização dos dispositivos

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Utilização boa e má (2)	<i>Andreia [E_1_A] “É bom porque como já disse conseguimos ter acesso a muita coisa e é mau porque ... então ... pode prejudicar de alguma forma...”</i>
-Utilização é boa (4)	<i>Luísa [E_27_A] “ Maioritariamente positiva porque [impercetível] não faço nada de mal, nas redes sociais falo com amigos, vejo coisas, o que se passa só que as vezes acho que que devia usar um bocadinho menos.”</i>
- Gosto pela utilização dos media sociais (2)	<i>António [E_2_A] “No meu caso gosto, gosto, gosto de utilizar as redes sociais, a tecnologia GOSTO muito, mas digamos que não sou uma pessoa fanática e se tiver que passar um dia sem lá ir mexer não mexo...”</i>
-Razoável (1)	<i>Madalena [E_3_A] “Razoável, assim mais ou menos é ... É assim por exemplo, na, nas, quando, quando estou com as outras pessoas EU tento evitar, e não ir ao telemóvel, mas só que depois, mas só que depois de vez em quando, quando falta assunto de conversa, é hum é quando a gente agarra no smartphone a ver, sei lá as ver as novidades...”</i>
- Excessiva (7)	<i>Alice [E_9_A] “ Provavelmente excessiva também, eu faço o que referi à bocado eu estou ao pé dos meus amigos e estou a mandar mensagens para eles, ah depois também vá eu estou a falar com os meus pais e a mexer no smartphone, é um bocado falta de educação mas já estou tão pegada a ele que é hábito”</i>
-Utilização moderada (6)	<i>Bárbara [E_24_B] “ Eu acho que até nem sou uma pessoa assim muito dependente das tecnologias, consigo preciso, sem estar as tecnologias desde que tenha amigos, desde que tenha alguém para estar também a conviver e a conversar</i>
- Utiliza muito (1)	<i>Joana [E_7_A] “Ah às vezes o smartphone utilizo muito”</i>
- Utilização reduzida (2)	<i>Miguel [E_8_A] “Reduzida, porque, não, não quero criar um vicio [risos] e gosto da natureza e em vez de, de ir ver o que os outros fazem”</i>
- Enviam sms para amigos quando estão Juntos (1)	<i>Alice [E_9_A] “...eu faço o que referi à bocado eu estou ao pé dos meus amigos e estou a mandar mensagens para eles...”</i>
- Vicio e gosto (2)	<i>Teresa [E_12_A] “...sou um bocado viciada, nem é bem viciada porque eu sei controlar-me mas sim tenho essa tendência a estar nas redes sociais. “</i>
- Sabem controlar-se (1)	<i>Teresa [E_12_A] “Eu sei-me controlar porque eu sei separar o tempo para estar no smartphone, o tempo para estar com os amigos e o tempo para estudar por isso...”</i>
-Utiliza para o necessário (2)	<i>Tânia [E_22_B] “Muitas das vezes não utilizo para aquilo que [risos] realmente necessário muitas vezes é por coisas superficiais ah mas tento cada vez mais utilizar para outras coisas, para informações e não tanto para estar nas redes sociais”</i>

-Dependência (1)	Marisa [E_29_A] “ <i>ah também eu noto que estou mais dependente do meu smartphone e do computador ...</i> ”
-Afeta os estudos (2)	Marta [E_15_A] “ <i>Deixo de estudar menos e passo a estar no Facebook e assim, porque as vezes não me apetece estudar</i> ”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 9 “avaliação da própria utilização dos dispositivos”, as opiniões dividem-se entre uma boa utilização e uma utilização excessiva. Houve quem dissesse que utilizada porque gosta dos *media* sociais, afirma ter uma utilização razoável, uma utilização moderada e até uma utilização reduzida. Afirmaram que enviam *sms* para os amigos mesmo quando estão juntos, que sabem controlar-se, que utilizam apenas para o necessário, que são dependentes e que afeta os estudos a utilização dos dispositivos. Os indicadores que mais se destacaram nesta categoria foram: a utilização excessiva (7), a utilização moderada (6) e a que utilização é boa (4), como evidenciam Bárbara [E_24_B], Alice [E_9_A] e Luísa [E_27_A].

4.3-Perceção das consequências de utilização dos dispositivos

Na tabela n.º 10 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-Tema: Novos dispositivos tecnológicos

-Categoria: *online* e *offline*

-Subcategoria: Perceção dos adolescentes sobre as consequências de utilização dos dispositivos.

Tabela n.º 10: Perceção dos adolescentes sobre as consequências de utilização dos dispositivos

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
-Consequências para a saúde (11)	Soraia [E_21_B] “ <i>Os óculos também, também tive que começar a usar óculos por causa disso, as dores nas coluna nas costas e porque nos tamos sempre a olhar para baixo no smartphone também algumas consequências psicológicas...</i> ”
-Perda de capacidades sociais (10)	Nádia [E_20_B] “ <i>Um tema que me custe mais falar com alguém, ou um assunto e às vezes tenho tendência a recorrer as redes sociais que é mais fácil, é mais fácil falamos com uma pessoa quando ela não está diretamente a olhar para nós...</i> ”
-Consequências na escola (4)	Marta [E_15_A] “ <i>Sim, tiro piores notas.</i> ”
-Consequências a nível de segurança (3)	Laura [E_26_A] “ <i>...dá para ser raptado através da internet...</i> ”
-Limitação de atividades (1)	Jorge [E_13_B] “ <i>...Se calhar limitar as atividades, podia fazer mais, enquanto agora faço menos</i> ” Vera [E_25_A] “ <i>... estamos em contato com mais pessoas...</i> ”

- Maior comunicação (1)	
-Acesso a informação (2)	Vera [E_25_A] “... ter acesso a mais informação e esse tipo de coisas as negativas é que a informação...”
-Acham que não há consequências (1)	Cristina [E_10_A] “Acho que não”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 10 “a perceção das consequências de utilização dos dispositivos” os adolescentes referiram essencialmente quatro níveis: a nível de saúde, ao nível escolar, a nível de capacidades sociais e a nível de segurança. Para além disto ainda evidenciaram que a utilização pode limitar a prática de outras atividades, que se pode estar em contato com mais pessoas e ter acesso a mais informação. Houve ainda um jovem Cristina [E_10_A] que acha que a utilização dos dispositivos não provoca qualquer tipo de consequência. Os indicadores que mais referidos pelos jovens foram consequências para a saúde (11), perda de capacidades sociais (10) e consequências na escola (4), tal como afirmaram Soraia [E_21_B], Nádía [E_20_B] e Marta [E_15_A].

4.4-Perceção da influencia dos dispositivos quando estão *offline*

Na tabela n.º 11 estão presentes os indicadores de 30 respostas. É importante mencionar que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

-Tema: Novos dispositivos tecnológicos

-Categoria: *online* e *offline*

-Subcategoria: Perceção dos adolescentes sobre a influencia dos dispositivos quando estão *offline*

Tabela n.º 11: Perceção dos adolescentes sobre a influencia dos dispositivos quando estão *offline*

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
-Não influencia (19)	Daniel [E_16_B] “No meu caso não que eu como sou nos, nos ah nas redes, nos media, nas redes sociais sou igual na, pessoalmente...”
-Influencia (11)	Laura [E_26_A] “Em certos aspetos sim, por exemplo ah ... uma pessoa que eu fale assim não diariamente mas frequentemente por mensagens sinto-me muito mais próxima dessa pessoa do que uma pessoa que eu vejo na rua e digo bom dia boa tarde”

Fonte: Elaboração própria

Na tabela n.º 11 “perceção dos adolescentes sobre a influência dos dispositivos quando estão *offline*” as respostas incidiram em grande parte no indicador não influencia (19) como

exemplifica Daniel [E_16_B], no entanto também referiram que os dispositivos influenciavam (11) o seu comportamento *offline*, tal como refere Laura [E_26_].

Importância dada aos «likes»

Na tabela n.º 12 estão presentes os indicadores de 20 respostas.

-**Tema:** Novos dispositivos tecnológicos

-**Categoria:** *online* e *offline*

-**Subcategoria:** Importância dada aos «Likes»

Tabela n.º 12: Importância dada aos *likes*

Indicadores/unidade de registo	Unidade de contexto
- Dão importância (5)	Lúcia [E_14_B] “ <i>Isso acima de tudo as pessoas que não conheço, conheço de vista por assim dizer, aquelas que conheço de vista sou capaz de simpatizar mais com aquelas que metem likes nas minhas coisas ou que partilham coisas que também gosto, também partilho as mesmas ideias que elas aí sim acaba por influenciar um pouco.</i> ”
-Não dão importância (15)	Bruna [E_23_A] “ <i>Nunca, eu dou importância aqueles que estão ao meu lado e diariamente comigo é aqueles que mostram que se importam.</i> ”

Fonte: Elaboração própria

Ainda a propósito da influência dos dispositivos e media sociais nas relações *offline* dos adolescentes, quando confrontados com a importância que davam aos *likes* nos *media* sociais, evidenciado na tabela n.º 12 “importância dada aos *likes*”, grande parte dos jovens afirmou que não dava qualquer importância a esta prática, no entanto houve algumas exceções que disseram que davam importância aos *likes* que tinham nas suas fotografias nos *media* sociais, como referem Lúcia [E_14_B] e Bruna [E_23_B].

Posta esta análise aos dados recolhidos por via das entrevistas aos jovens adolescentes, passa-se à discussão dos resultados apresentados em modo de reflexão em conjunto com as componentes teóricas, para perceber que influência têm afinal os novos dispositivos tecnológicos e de *software* no comportamento dos adolescentes *offline*.

Discussão de resultados

A partir das componentes tóricas apresentadas anteriormente emergem três ideias chave: a primeira é que os adolescentes utilizam os novos dispositivos tecnológicos e de *software*; a segunda é que eles continuam a comunicar, apenas a sua forma de o realizar se modificou e a terceira é que eles continuam a ter uma vida *offline* ativa. Estas ideias são apresentadas do ponto de vista dos significados e representações dos adolescentes em relação ao seu comportamento por influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. São também expostas a partir das avaliações e perceções dos seus comportamentos quer *online* quer *offline*.

É de facto visível que os adolescentes são adeptos dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Ao longo do tempo muito se tem questionado acerca das consequências (positivas e negativas) que estes dispositivos têm na forma como os jovens se relacionam atualmente. Há a ideia generalizada de que estão «viciados» nos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, mas Boyd (2015) afirmou que os adolescentes não perderam o contato uns com os outros, mas o que efetivamente mudou foi a maneira de comunicar devido à aceleração e programação das vidas quotidianas que os impossibilita de se encontrarem mais vezes em espaços públicos. Portanto apesar de se constatar que eles continuam a comunicar, apenas de maneira diferente, pode-se dizer, como evidencia Lenhart *et al.* (2007) que eles continuam a ter uma vida *offline* ativa.

Os tempos mudaram e com isso trouxeram alterações a nível económico, social e político. No que diz respeito aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, apareceram e desde logo emergiram no meio social, o caso do *smartphone* inicialmente como forma de comunicação e o da internet como meio de obter informação. Mas isso não durou muito tempo. Os *smartphones* começaram a ter um leque e opções para se poder trabalhar, pesquisar, comunicar e até brincar. Para além de, com o passar dos anos, terem ganho importância tal, que se tornaram objetos com características específicas, que se pudessem enquadrar nos gostos nas necessidades e desejos de cada pessoa. A internet, ao mesmo tempo, deixou também de ser um meio apenas para ter acesso a informação e passou a ser um sítio onde se tem acesso a media sociais tais como o *Facebook*, onde se pode falar com as mais diversas pessoas, sejam elas quem forem.

Os adolescentes desde logo demonstraram interesse por estes aparelhos, pois tinham acesso a informação e podiam falar com os amigos a qualquer momento do dia.

1- Adolescentes, Dispositivos tecnológicos e (des) conexões – significados e representações

Quanto à caracterização dos dispositivos tecnológicos e de *software* que os jovens utilizam, eles afirmaram que possuíam ou tinham acesso ao *smartphone* e computador. Os dispositivos que revelaram utilizar mais no acesso aos *media* sociais foram o *smartphone* e o computador. Pode-se efetivamente verificar que aqueles que possuem são mesmo os que acedem aos *media* sociais. Como já tinha referido Espanha (2012) os *smartphones* ganharam força entre os adolescentes porque estes querem ganhar autonomia e comunicar mais uns com os outros. E os *media* sociais que evidenciaram utilizar mais frequentemente foram o *Facebook* e o *Instagram*. De facto, os *smartphones* possibilitaram a libertação face ao local em que se está para comunicar com os outros possibilitando novas dinâmicas de comunicação, seja através daquilo que se escreve (que pode ser modificado antes de enviar para outra pessoa), seja através das expressão ou não expressão permitida pelos “*emoji*” nos *chat* de conversação dos *media* sociais. Além disto, o *Facebook* hoje em dia é em grande parte utilizado para fazer o mesmo que se fazia por *email* anteriormente (Esperança, 2016).

Os *media* sociais, tais como o *Facebook* ou o *Instagram*, impõe um processo de «gramatização» (Stiegler, 2007), levando as pessoas a comportarem-se de uma determinada maneira, o exemplo mais claro é o facto de o *Facebook* permitir colocar “*likes*” e partilhar conteúdos num procedimento quase automático quando se usufrui deste *medium*.

Aquando da utilização destes dispositivos tecnológicos como o computador ou o *smartphone*, há uma perda do saber-fazer, pois deixa-se de guardar informação na memória das pessoas (memória anamnésica), para se passar a guardar num dispositivo tecnológico (memória hipomnésica) como é o caso de guardar números de contacto no *smartphone* (Stiegler, 2007), informações de uso corrente ou até páginas inteiras da net.

No que se refere ao comportamento dos adolescentes «*online*», estes estão hoje mais envolvidos para a utilização dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, muitas são as atividades que exercem e que esses mesmos objetos e locais possibilitam. Aquilo que fazem nos *media* sociais, passa por pesquisar para trabalhos da escola, como disse Madalena [E_3_B] ou informação de interesse; comunicar com os amigos ou com os familiares que estão longe; realizar atividades de entretenimento, como partilhar conteúdos e fotos pessoais (*Snapchat*), colocar «*likes*», ver notícias, ver vídeos e organizar eventos, ver o que os outros partilham; ou até mesmo como disse Nuno [E_30_A] só para «passar tempo, estar entretido». É possível encontrar aqui duas das *affordances* enunciadas por Boyd (2015) como a «visibilidade» ao

visualizarem o que os outros partilham nos *media* sociais, e a «pesquisabilidade» ao pesquisarem informações do próprio interesse e para trabalhos da escola.

Assim, como já referiram Ferreira & Vilarinho (2013) a opção de colocar um «*like*» representa uma aprovação de ideias, de imagens e de fotografias, sendo esta aprovação dada por uma multidão que visualiza esses conteúdos. Portanto, ao partilhar, colocar e receber um «*like*» nos *media* sociais está-se a obter uma aprovação dos seus gostos pessoais. Remete-se assim para o «imaginário social» que são o conjunto de significações coletivas que permite às pessoas serem aprovadas socialmente (Rocca, 2011). Apesar de que esta ideia não ser assim tão linear, muitas vezes ao partilhar-se determinados conteúdos, está-se apenas a querer essa mesma aprovação, sendo que «o verdadeiro “eu” de cada pessoa pode não estar ali representado» (Andersson, 2015).

Quando acedem à internet, não se limitam a aceder aos *media* sociais para colocar fotografias, realizar partilhas ou colocar «*likes*», os adolescentes também pesquisam informações dos seus interesses e vêem notícias. O que se verifica também no estudo realizado por Lenhart *et al.* (2005) em que os jovens procuram notícias *online* adquirir informação ou até mesmo fazer compras.

Por outro lado, podem verificar-se aqui elementos como a privacidade e a identidade que estão presentes quando se fala do mundo *online*. Ao partilhar, mesmo que os *media* sociais tenham políticas de privacidade, é notório que «uma vez publicado *online* para sempre *online*» (Boyd, 2015; Costa, 2011), dado que a disseminação de conteúdos é realizada rapidamente como dizem grande parte dos jovens que acedem a informação e partilham, nomeadamente Filipa [E_5_A] «partilho algumas coisas» ou «partilho o que mais gosto». Como diz Costa (2011) o utilizador quando está a partilhar está a mostrar a sua identidade e a partilhá-la com um conjunto de pessoas mesmo que coloque as restrições das políticas de privacidade, e como afirma Boyd (2015) a identidade é assim criada através da relação com outras pessoas quer *online* quer *offline*. O que se pode efetivamente ver é que existe uma nova forma de construção da identidade que pode ir para além do mundo *offline*, onde os adolescentes continuam a partilhar, colocar «*likes*», procurar informação e a comunicar com as pessoas.

De facto a distopia que existe em torno dos *media* sociais e dos dispositivos tecnológicos, e em grande parte relativamente aos adolescentes, é muito grande. Por conseguinte é importante não cair em demasia nas perspetivas distópicas, nem nas perspetivas utópicas, no que concerne às tecnologias no quotidiano dos jovens. Tem de existir um equilíbrio na análise destas questões, dado serem muito sensíveis à época em que ocorrem, e à constante

transformação que provocam nas sociedades. As tecnologias têm aspetos claramente negativos, mas também têm efetivamente muitos aspetos positivos. Embora Bauman afirme que se vivem tempos líquidos em que nada está para durar, e de facto na atualidade as relações humanas surgem entre comunicações por via tecnológica e cara-a-cara, ao mesmo tempo estão cada vez mais distantes e mais próximas. Com efeito, declara Boyd (2015), as pessoas continuam a comunicar e a relacionar-se, apenas as formas de o fazer se alteraram.

Depois de se saber o que os adolescentes fazem nos *media* sociais, é importante perceber que razões os levam a aceder a esses meios. Em primeira análise verifica-se que aquilo que fazem nos *media* sociais está relacionado com as razões que os levam a aceder a esses mesmos *media*.

As razões que levaram os adolescentes a utilizarem os *media* sociais circunscrevem-se a estes motivos: para entretenimento, como ver e colocar fotografias, e partilhar conteúdos; para comunicar com os amigos; para obter informação através do acesso a notícias, ao que está acontecer no mundo e ao que os amigos estão a fazer, e outras razões como o fato de estarem cansados de outros *media* sociais, por terem acesso mais rápido ao que os amigos estão a fazer ou porque alguns *media* estão associados apenas à imagem como afirma Madalena [E_3_B] «até porque é por imagens não cansa» e não precisam de ler pois «está associado logo à imagem».

Vivemos numa época em que o «aqui» e o «agora», o «imediato» e o «rápido» fazem parte de qualquer prática quotidiana. Portanto, os adolescentes revelaram que estavam cansados de alguns *media* sociais como o *Facebook* e passavam a utilizar outros *media* como o *Instagram* ou quando afirmaram que preferiam *media* sociais que estivessem associados à imagem. Verificou-se claramente a rapidez com que os adolescentes se aborrecem de algo e precisam imediatamente de outro *medium* que lhes dê satisfação, além de que se vive num tempo em que o «saber fazer» está a ausentar-se dando origem a pessoas alienadas, proporcionando uma «sociedade de controlo» (Stiegler, 2010).

Por conseguinte, como evidenciou Espanha (2012) os adolescentes gostam de navegar na internet falar com os amigos no *chat*, comentar fotos e vídeos, tal como referiram os adolescentes nos dados recolhidos. Ademais, a autora explica que a geração é demarcada pelo «fim da rua» como forma de socialização e autonomia, afirmando que os adolescentes preferem relacionar-se com outras pessoas através dos dispositivos tecnológicos. De facto os novos dispositivos estão enraizados na vida dos adolescentes, contudo é perceptível que eles continuam a encontrar-se *offline*. A comunicação entre os jovens é outra das razões que os levam a aceder

aos *media*, é possível assim afirmar que de facto continuam a comunicar tanto *online* como *offline*.

O que acontece é que os jovens acedem aos *media* sociais para ter acesso ao espaço público, onde se podem reunir com os seus pares, podendo contemplar um mundo que está para além dos seus quartos (Boyd, 2015). Os jovens no que se refere ao tempo de utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software*, declararam a sua utilização através da frequência com que os utilizavam, em que período do dia os utilizavam e quantas horas os utilizavam.

Os jovens no que se refere ao tempo de utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software*, declararam a sua utilização através da frequência com que os utilizavam, em que período do dia os utilizavam e quantas horas os utilizavam. De facto, afirmaram passar muito tempo nos dispositivos, o que por sua vez induz que estão com eles todos os dias em qualquer lugar. Os que referiram utilização por frequência revelaram em grande parte utilizá-los entre três a quatro vezes, sendo que outros adolescentes afirmaram utilizar os dispositivos entre duas a 25 vezes ou até mesmo mais de 50 vezes tal como disse Miguel [E_8_A] «três ou quatro vezes» referiu Lúcia [E_14_B] «não digo mais do que vinte vezes (...) fora do tempo de aulas se calhar digo ai umas cinquenta vezes». Os adolescentes que declaram utilizar os dispositivos por período do dia, enunciaram que os utilizavam essencialmente de manhã, à hora de almoço e à noite antes de se deitarem, como afirmou Bruna [E_23_B] «de manhã quando me levanto quando tenho tempo, à hora de almoço e normalmente quando chego casa» ou Filipa [E_5_A] «de manhã, à tarde e à noite». Já os que evidenciaram utilizar por horas variam entre duas a três horas e três a quatro horas. É visível que os adolescentes passam grande parte do dia com os dispositivos tecnológicos e os utilizam frequentemente. Consegue-se perceber que os jovens não têm uma ideia precisa de quanto tempo passam nos dispositivos que utilizam, no entanto o número de vezes que eles declaravam era efetivamente alto.

O que se pode verificar é que não só existe um número elevado de utilizadores de dispositivos tecnológicos e de *software*, como esse número de utilizadores passa um elevado número de horas nos *media* sociais. Como já era revelador, o estudo de Ponte (2012) no qual evidencia que em Portugal existe um número elevado de utilizadores de internet.

No que diz respeito ao comportamento dos adolescentes «*offline*» evidenciaram-se diversas atividades realizadas. Os jovens adolescentes enunciaram que tipo de atividades realizam quando estavam *offline* eram: fazer desporto, ler livros, passear, ver televisão, ouvir música, realizar tarefas domésticas, falar com amigos, falar com a família e estudar. De facto, verifica-se que apesar de ter perguntado o que faziam quando estavam *offline*, houve um adolescente que evidenciou ver vídeos num *medium* social como é o caso da Sílvia [E_11_A]

«vejo televisão também vejo vídeos no *Youtube*», que pressupõe estar *online*, dando a perceber que se denota uma noção de indefinição do que é estar *offline* e *online*. Houve também quem afirmasse que via televisão quando estava *offline*. É evidente que as tecnologias hoje estão na vida destes jovens e como tal é difícil distanciar o que para eles é *online* e o que é *offline*, dado que eles estão com esses dispositivos todos os dias, muitas das vezes a qualquer hora e em qualquer lugar. No entanto nem todos os aparelhos necessitam efetivamente de acesso à internet para que haja uma influência nos seus comportamentos, como o caso dos que disseram que ouviam música no mp3 ou viam televisão.

Constata-se assim que os adolescentes pressupõem que estão *offline*, mesmo quando utilizam os dispositivos tecnológicos para ver televisão, ou aparelhos para ver filmes e ouvir música. Existe ainda a questão da inexistência da delimitação entre o mundo *online* e o mundo *offline*, no qual facilmente se confundem, quando confrontados sobre que atividades praticavam quando estavam *offline*. Os objetos técnicos estão cada vez mais incorporados, já quase nem como próteses claramente «intencionais», e criados para satisfazer as necessidades e desejos das pessoas (Stiegler, 2010).

Um dos entrevistados, o Miguel [E_8_A] que afirmou «estar quase sempre *offline*» dizendo que quando estava *offline* «falava com pessoas que também estejam *offline*», bem como «lia livros e jornais». Quando disse estar quase sempre *offline*, distingue-se da maioria dos jovens que afirmam estar sempre associados a dispositivos tecnológicos como televisões ou *smartphones*, pelo fato de ler livros ou jornais e falar com outras pessoas que também estejam *offline*. O que por sua vez não impede que possua ou tenha acesso a algum dispositivo tecnológico nesses momentos, pois pode-se estar *offline*, e comunicar com outra pessoa via chamada telefónica ou mensagens.

No que se refere aquilo que os adolescentes falam *offline*, os temas de conversa atualmente sofreram ligeiras alterações, dada a grande permanência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* na sociedade. Quando estão *offline* declararam que falavam sobre a vida, o quotidiano como referiu Daniel [E_16_B] «sobre coisas que acontecem no dia-a-dia», os seus problemas, sobre o futuro e que partilhavam histórias, falavam também sobre a sociedade, sobre fofuques e sobre os trabalhos da escola. No entanto percebe-se também que além destes temas de conversa, os adolescentes quando estão *offline*, também conversam muitas vezes sobre o que se passa nos *media* sociais, como evidencia Miguel [E_8_A] «algumas polémicas nas redes sociais (...) o que vão partilhando os outros». Isto é revelador pois, apesar de os adolescentes manterem outros tipos de conversas, os novos dispositivos tecnológicos e de *software* estão tão enraizados na sociedade que eles muitas vezes falam sobre temas relacionados com os *media* sociais. Os jovens continuam a falar do seu dia-a-dia, dos seus

problemas, dos trabalhos da escola, embora de facto entre conversas surjam temas relacionados com o *Facebook* ou o *Instagram*, os *media* mais utilizados por eles.

Pode-se efetivamente perceber que o espaço público alterou-se, passando de um mero espaço de discussão de questões sociais (Moreno, 2013), para a exibição daquilo que se passa *online*, ou seja, das partilhas muitas vezes de conteúdo privado (Bauman, 2001). Assim, é de facto visível que hoje em dia, os novos dispositivos tecnológicos e de *software* estão com as pessoas a maior parte do dia, e até muitas vezes durante a noite. Como tal, é pertinente perceber se os adolescentes os utilizam mesmo quando estão *offline*. Denotou-se que os adolescentes, quer sozinhos ou acompanhados, utilizam os dispositivos mesmo quando estão *offline*. Revelaram que os utilizavam para receber chamadas ou mensagens e até mesmo para acederem à internet para saberem o que está acontecer no momento como evidencia Tomás [E_6_A] «no caso de alguém ligar ou mandar mensagem estar a par do que aconteceu». Afirmaram que mesmo *offline* acediam *online* para falar com os amigos ou aceder aos *media* sociais como referiu Alice [E_9_A] «dá para falar com os meus amigos, posso aceder as redes sociais». No entanto, ainda houve quem dissesse que apesar de receber mensagens dos amigos ou dos pais, que quando está com os amigos não costuma utilizar os dispositivos. Além disto percebeu-se que também existem adolescentes que dizem que utilizar os dispositivos já é um hábito como afirmou Marisa [E_29_A] «acho que é o hábito» e que se esquecem que estão com os amigos continuando a utilizá-los, como referiu Marta [E_15_A] «tenho o hábito de estar, estar sempre no *smartphone* e as vezes esqueço-me que estou com eles e continuo». Há ainda a perspetiva de que utilizam os dispositivos para ver horas, pesquisar temas da conversa do momento ou estar sempre contactável.

É visível que os adolescentes mesmo *offline*, utilizam os dispositivos e muitas vezes acedem à internet. Como afirma Lenhart *et al.* (2007) os adolescentes continuam a ter uma vida *offline* ativa, mas também continuam a falar com os amigos pelos *media* sociais. Também é possível ver que de facto a maneira de comunicar entre os jovens se alterou e que portanto a sociedade também é alterada (Shirky, 2011). O aparelho que os adolescentes evidenciaram utilizar mais quando estavam *offline* foi o *smartphone*. Além do *smartphone*, também referiram utilizar aparelhos como o *mp3* e respetivos *phones*, para ouvir música. O *smartphone* é o dispositivo que veio assinalar a alteração da forma como os adolescentes se relacionam, dado que simbolizam a libertação face ao lugar, pois o termo proximidade não pressupõe estar num espaço físico nem a proximidade física pressupõe proximidade (Bauman, 2006).

Um dos casos em que se verifica que a proximidade física já não pressupõe proximidade é o de Manuela [E_28_A] quando diz utilizar os dispositivos porque «poderia não se sentir integrada

na conversa», evidenciando-se aqui a tentativa de se sentir mais confortável no meio de um grupo de amigos. Aqui consegue-se constatar que os dispositivos tecnológicos são um meio de segurança, quando os jovens são confrontados com acontecimentos constrangedores ou imprevistos, pois acedem a estes dispositivos tecnológicos por já estarem familiarizados, e onde encontram um ambiente controlável que provoque conforto (Silva, 2014). Inclusive, outra questão que está na base da utilização dos *smartphones* e computadores quando estão com os amigos é o facto de muitas vezes acharem as conversas «maçadoras» e num simples *click* ao *smartphone* e à internet têm um mundo em constante estimulação e solicitação (Turkle, 2015).

No entanto, a solidão e o isolamento social dos adolescentes, devido à internet, também é um elemento importante nesta discussão. Como grande parte dos jovens utilizam os dispositivos acendendo à internet, existe aqui três estudos reveladores Kraut, Sherlis & Kiesler (1998) as pessoas mais extrovertidas aumentam a comunicação através da internet, já Mckenna, Bargh & Katelyn (2000) evidenciam que a internet pode diminuir a solidão e Mckenna, Green & Gleason (2002) afirmam que pessoas mais ansiosas e solitárias expressam-se melhor no mundo *online*. Existem aqui claramente vários fatores que podem contribuir para o isolamento social e todas elas contribuem para a reflexão de alguns efeitos que o acesso à internet podem provocar. De facto o acesso a internet pode trazer consequências positivas para uns e negativas para outros.

Porém, existe ainda a possibilidade de este isolamento se tornar cíclico. Como traduz Seepesad (2004) os comportamentos para evitar o isolamento e solidão *offline*, estão relacionados também com o uso da internet. As pessoas para evitar a solidão e isolamento social acedem à internet para tentar resolver a situação, o que por sua vez pode levar a um aumento desse isolamento e solidão social.

Em oposição a grande parte dos adolescentes houve ainda quem afirmasse que utiliza pouco ou nada os dispositivos dado que preferem estar a conversar com os amigos face a face do que estar a mexer no *smartphone* como disse Teresa [E_12_A] que «prefere estar a falar quando está com os amigos e não mexer no *smartphone*» ou como Daniel [E_16_B] «que não gosta de estar a falar com alguém e essa pessoa estar a mexer no *smartphone*».

As formas como os jovens se relacionam vieram claramente alterar-se com a utilização dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Os adolescentes afirmaram que falavam mais com as pessoas através dos dispositivos e criavam uma maior dependência dos mesmos, ao ponto de evidenciarem que muitas vezes estão ao lado das pessoas e estão a comunicar por mensagem como referiu Alice [E_9_A] «usamos os *smartphones* e em vez de estarmos a falar mais as vezes, estamos ao lado da pessoa e a falar por mensagem». Assim, Morais (2017) diz

que quando se passa do mundo *online* para o mundo *offline* existe uma incapacidade de as pessoas se relacionarem, embora se disfrute da sensação de que existe uma conexão e que se está mais próximo das pessoas. No entanto, estas formas de se relacionarem à distância através dos *media* sociais ou dos dispositivos tecnológicos permitem também combinar encontros pessoalmente (Barcelos, 2010). Desta forma, os jovens continuam a relacionar-se apenas de maneira diferente, embora possa existir algum constrangimento social quando estes estejam cara- a- cara.

2- Mundos *online* e *offline* – Perceções e avaliações

Quanto à utilização dos novos dispositivos tecnológicos e de *software online* e *offline* os adolescentes fizeram a sua avaliação sobre a utilização dos dispositivos atualmente.

No geral eles afirmaram que a utilização dos dispositivos era excessiva, mas que ao mesmo tempo tinham diversas vantagens. Evidenciaram que os através dos dispositivos tinham acesso a informação, podiam realizar chamadas de voz e vídeo chamadas com pessoas que estão longe. Afirmaram ainda que ao estarem demasiado envolvidos nos dispositivos podem, como refere António [E_2_A] «perder o contato social». Grande parte dos adolescentes evidenciou que a sua utilização dos dispositivos era excessiva mas que também tinha vantagens como manter contato com amigos e até mesmo fazer trabalhos da escola. Para além de como disse Nádía [E_20_B] que as tecnologias ao serem utilizadas de forma exagerada «podia existir uma perda de facilidade de relacionamento» e «deixar de dar importância às conversas».

Houve ainda quem afirmasse, como é o caso da Cristina [E_10_A] que «pegava apenas por pegar» nos dispositivos porque já «era um vício» e sentia necessidade de mexer no *smartphone*. A tecnologia não é apenas técnica, tem um carácter afetivo. Os *smartphones* que hoje se utilizam e estão no dia-a-dia com as pessoas são pensados e criados com muito cuidado para satisfazer as necessidades e preferências daqueles que os utilizam. Acaba por ser mais fácil realizar uma chamada do que ir ver as pessoas pessoalmente, e ainda deixar uma mensagem é mais fácil do que fazer uma chamada. Acaba por trazer consequências como a solidão, tornando o tempo menos presente, menos íntimo e menos rico (Foer, 2016). Já Wolton (1999) tinha afirmado que se iria entrar numa era de «solidões interativas». Ressalta-se ainda que, apesar de receberem mensagens e chamadas como disse Luís [E_18_B] «não acedia aos dispositivos quando está com a família ou com os amigos».

Consegue-se perceber que os jovens, apesar de utilizarem constantemente os dispositivos tecnológicos e de *software*, tem consciência das consequências da sua utilização, mesmo que

em geral considerarem a utilização excessiva, podendo afirmar-se que os jovens estão ao mesmo tempo próximos e distantes.

3- Conseguimos controlar-nos (?)

Quando confrontados com a pergunta de como avaliavam a sua própria utilização dos dispositivos, grande parte dos adolescentes afirmaram utilizar os dispositivos excessivamente, embora exista quem afirmasse que não são das piores pessoas a utilizar os dispositivos, como evidencia Sílvia [E_11_A] «acho que não sou das piores pessoas, acho que não sou das pessoas que abusa mais dos, na utilização mas tenho a consciência que também às vezes é demais». Enquanto na questão anterior quase todos consideraram a utilização excessiva e abusiva por parte dos adolescentes em geral aqui, embora considerem excessiva muitos afirmaram que sabiam controlar essa utilização.

Quando aos que afirmaram que utilizavam excessivamente, como é o caso da Alice [E_9_A], muitas vezes «estavam num grupo de amigos e, quando olhavam, estava tudo no *smartphone*» ou a «falar com os pais e a mexer no *smartphone*». Houve quem dissesse que a utilização dos dispositivos, como referiu Marisa [E_29_A] fazia com que se «distraísse dos estudos» e afetasse as notas da escola. Também declararam que, apesar de considerarem a utilização excessiva, que se conseguem controlar. Expressaram ainda que, quando é necessário conseguem desligar-se dos dispositivos.

Segundo Walkefied, Wareen & Ponnors (2016) os estudos não são consensuais acerca dos benefícios e dos malefícios da utilização dos *media* sociais pelos alunos e a sua influencia nos resultados escolares. Portanto, apesar de um dos entrevistados dizer que a utilização excessiva influenciava as notas que tirava na escola, todos os outros afirmaram conseguir gerir essa situação.

Assim, quanto aos que disseram que tinham uma boa utilização dos dispositivos conseguem gerir bem o tempo de utilização sem a intervenção dos pais, que durante a escola utilizam menos do que nas férias, tornando-se assim um pouco mais exagerada a utilização. Afirmam que se tiverem alguém com quem sair e conversar que utilizam menos os dispositivos. E que utilizavam os dispositivos sem fins maliciosos. Observa-se aqui a questão da solidão, no qual é possível evidenciar que os jovens adolescentes se não tiverem ninguém com quem estar e conversar, utilizam os dispositivos tecnológicos e de *software*. No entanto, como diz Seepersad (2004) esta forma de lidar com a solidão pode ser cíclica, ou seja, uma utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software* para escapar a esta solidão pode aumentá-la.

De facto, os adolescentes têm a percepção das consequências da utilização dos dispositivos sejam elas positivas ou negativas. Os jovens evidenciaram quatro níveis de consequências de utilização dos dispositivos: de saúde, da escola, de capacidades sociais e de segurança. Na saúde evidenciaram consequências a nível de uso de óculos, excesso de peso associado ao sedentarismo, problemas na audição devido à utilização de *phones* com música alta e o cansaço mental. É de facto importante considerar que os objetos estão a particularizar os nossos corpos como os *phones* nas cabeças ou os *smartphones*. Estão em constante relação com o nosso corpo alterando a gestualidade e corporalidade das pessoas, no qual se pode estar num espaço físico específico e contactar através de um dispositivo móvel outra pessoa noutra espaço (Rocca, 2011). Na escola referiram que devido à utilização dos dispositivos o rendimento escolar era prejudicado. Ao nível de capacidades sociais afirmaram que deixavam de saber estar uns com os outros e deixavam de lado o convívio. Apesar de as tecnologias simplificarem as relações sociais, podem levar a um desfasamento em relação ao meio envolvente e uma falta de envolvimento social (Rieffel, 2003). Quanto à segurança, têm a percepção de que podem encontrar pessoas que pretendam fazer-lhes mal como, por exemplo, o rapto ou sequestro. Neste sentido, em maioria, os adolescentes afirmaram que aquilo que faziam com os amigos *online* não influenciava a maneira como estavam com eles *offline*.

Apesar de existir um pequeno número de jovens de afirmaram que influenciava a maneira como se relacionavam que dependia do conteúdo partilhado e falado ou até mesmo da facilidade de comunicação entre os amigos.

Quando confrontados com a importância que davam aos *likes* que tinham nos conteúdos partilhados na internet, a maioria disse que não dava qualquer importância pelo facto de acharem uma prática superficial como evidencia Tânia [E_22_B] «Não, acho isso demasiado superficial» e que consideram seus amigos aqueles com quem estão diariamente. Embora houvesse uma pequena parte que dissesse que dava importância porque partilhavam dos mesmos interesses e simpatizavam mais com essas pessoas como afirma Lúcia [E_14_B] «Isso acima de tudo as pessoas que não conheço, conheço de vista por assim dizer, aquelas que conheço de vista sou capaz de simpatizar mais com aquelas que metem likes nas minhas coisas ou que partilham coisas que também gosto». Conseguem identificar-se aqui fatores ligados à identidade, em que os jovens têm interesse nas pessoas que colocam *likes* nas suas partilhas, pelo facto de gostarem dos mesmos conteúdos. É evidente que a internet permite uma liberdade de expressões, normas e expectativas sociais (Andersson, 2015) seja por parte de quem partilha ou por parte de quem visualiza essas partilhas. Portanto, a opção de colocar um *like* segue a tendência de representar aprovações de ideias, imagens, fotos e expressões, de modo a ser aprovado por uma multidão (Ferreira & Vilarinho, 2013).

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

Em geral, os adolescentes não têm a percepção da influência dos dispositivos tecnológicos quando estão *offline* ao nível da forma como se relacionam, a importância dada aos conteúdos partilhados pelas outras pessoas ou até mesmo quanto ao tipo de conversas, dizendo que a relação que têm com os amigos *offline* é a mesma *online* e o mesmo acontece do *online* para *offline*. Apesar disto, ainda houve alguns adolescentes que de facto perceberam que aquilo que fazem *online* influencia a maneira como se relacionam *offline*, quer pelo conteúdo partilhado ou pelas conversas que tiveram. Por conseguinte, nas questões colocadas anteriormente foi possível evidenciar que eles conseguem identificar as consequências que o uso dos dispositivos tecnológicos e de *software* podem provocar.

Conclusão

Vive-se uma época de profundas alterações económicas, políticas e sociais tendo consequências na maneira como as pessoas utilizam os novos dispositivos tecnológicos e de *software*, bem como na maneira como se relacionam. Perceber que atividades os adolescentes realizam quando estão *offline* é essencial à compreensão das suas práticas na sociedade atual, pois estes possuem novas formas de comunicar e de se relacionar. Hoje em dia os novos dispositivos tecnológicos e de *software* facilitam as formas de comunicar e de relacionamento entre as pessoas, dado que se pode estar fisicamente longe e fisicamente perto ou até mesmo partilhar quaisquer conteúdos do próprio interesse em qualquer hora e em qualquer lugar.

O mundo tecnológico no quotidiano das pessoas é atual e abrangente. Nesta investigação procurou-se responder à questão “de que forma os novos dispositivos tecnológicos e de *software* influenciam o comportamento dos adolescentes *offline*?”; numa tentativa de esclarecer algumas utopias e distopias relativas ao tema, criadas pela sociedade; romper com o senso comum e cobrir lacunas existentes nesta área, tendo em conta os objetivos propostos no início da investigação.

O primeiro objetivo específico proposto no início da investigação foi descrever o perfil socioeconómico dos adolescentes. Portanto foram entrevistados adolescentes com idades entre os 14 e os 19 anos de idade, que frequentavam os anos de escolaridade entre o 9º ano e o 12ºano.

No seguimento do segundo objetivo específico, nomeadamente identificar as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline* na contemporaneidade, conseguiu-se perceber que eles praticavam desporto, ouviam música no mp3, estavam com os amigos, falavam com a família, passeavam, estudavam, viam televisão, viam revistas e realizavam tarefas domésticas. É importante salientar que apesar destas atividades pressuporem que os jovens estavam *offline*, isso poderia não acontecer, dada a dificuldade de estabelecer uma linha que divida o mundo *online* do mundo *offline*. Ainda neste contexto compreende-se a dificuldade de os jovens estabelecerem o que é estar *online* e o que é estar *offline*.

Assim, tendo em conta o terceiro objetivo específico, designadamente compreender como os novos dispositivos tecnológicos e *software* influenciam as práticas e as formas de relação dos adolescentes *offline*, os jovens afirmaram que gostavam dos *media* sociais porque conseguem fazer diversas atividades, nomeadamente conversar com os amigos, partilhar e visualizar conteúdos, declarando que *media* sociais como o Instagram tinham imagens e não necessitavam

de ler, tornando assim mais fácil, rápida e imediata a sua utilização. Conseguiu-se perceber que por vezes estas atividades são realizadas quando os jovens estão juntos cara-a-cara, o que pressupõe que apesar de estarem fisicamente presentes uns com os outros, acedem ao mundo *online*. No entanto, apesar de alguns jovens terem noção de que os dispositivos tecnológicos e de *software* produzem consequências na forma como as pessoas se relacionam, dizem que os aproxima dos amigos, pois podem falar com eles quando estão longe uns dos outros.

Quando confrontados com a forma como se relacionavam e com a forma como utilizavam os dispositivos tecnológicos e de *software*, verificou-se que eles consideravam que as pessoas ao utilizarem os dispositivos acabavam por se relacionar e falar menos com as pessoas bem como criar dependência. Grande parte dos jovens afirmaram que a utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software* era excessiva quando falado na generalidade dos adolescentes. Já quando se referiam a eles próprios o caso mudava de figura. Alguns afirmaram que de facto utilizavam excessivamente. Outros embora utilizassem muito não consideravam essa utilização excessiva, impondo-se assim a resposta à segunda e terceira sub-questões referidas inicialmente na investigação.

Na tentativa de dar resposta ao quarto e último objetivo específico, particularmente analisar as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline* associados aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, verificou-se que os adolescentes continuam a comunicar mesmo através dos dispositivos tecnológicos e dos *media* sociais, muitas vezes até comunicam para realizar atividades *offline*. No entanto é possível verificar que esta delimitação de entre *online* e *offline* na atualidade é difícil de estabelecer. Outro facto importante que se conseguiu perceber é que os adolescentes mesmo quando estão com amigos, acedem aos dispositivos e que estes se atravessam nos temas das suas conversas. Concomitantemente, quando estão em grupo e algum dos jovens não se sente integrado na conversa, ou até mesmo não tem interesse nesse tema de conversa, acede a algum dispositivo tecnológico e de *software* para se ocupar nesses momentos. Em termos de efeitos relacionais, isso pode permitir que eles percam a capacidade de se relacionar com as outras pessoas, mesmo que tenham opiniões, ou temas de conversas que não estejam de acordo com os dos seus próprios interesses.

Após a explicitação da conclusão importa refletir sobre as limitações da investigação. Em termos de conhecimento verificou-se que ao longo da revisão da literatura estavam constantemente a aparecer novas informações e em abundância, o que tornou difícil a seleção das mesmas. O período de tempo para a elaboração da tese de um ano também causou algumas

limitações tem termos de tempo para a concretização quer das entrevistas, quer da componente escrita.

Do ponto de vista metodológico, as entrevistas, para uma maior pormenorização dos dados recolhidos, era desejável que os entrevistados tivessem aprofundado mais as suas respostas, isto não se verificou pois estava-se a trabalhar com adolescentes e rapidamente se verificou que eles ficavam aborrecidos com as perguntas e "desligavam" rapidamente. Outra limitação que encontramos deveu-se ao facto de as perguntas terem sido em maioria sob a forma de semiestruturadas. Dado que os adolescentes se cansavam rapidamente de estar a responder e darem respostas mais diretas, um questionário com perguntas mais abertas e realizadas em grupo teria sido uma alternativa, com a consciência de perdermos algumas "pérolas" que só aparecem na sequência de perguntas mais abertas e durante uma discussão de ideias em grupo.

Ressaltam ainda novas interrogações a este tema, dado que a investigação foi realizada apenas numa cidade. Como seriam as formas de relacionamento dos jovens e de utilização destes dispositivos tecnológicos de *software* noutros contextos espaço-temporais? Realizar uma investigação em profundidade, através da observação direta, que desse conta de como os jovens adolescentes utilizam os dispositivos tecnológicos e de *software* ao nível nacional. Uma outra proposta de investigação aparece na sequência de todos os problemas levantados em termos de segurança e que emergem com o uso massificado dos novos dispositivos, no modo como estes podem comprometer ou mesmo por em risco os próprios utilizadores.

Em suma, procurou-se compreender esta temática para lá daquilo que se apresentava inicialmente como «verdade» através da “imaginação sociológica” (Mills, 1982), tendo em conta a efemeridade destes estudos sobre os jovens e as novas tecnologias, dada a «rapidez» com que se alteram e as «contingências» espaciais e temporais que os suportam. Afinal “é fácil fazer da tecnologia o alvo das nossas esperanças e angústias” (Boyd, 2015: 145).

Referências

- Agamben, G. (2005). *O que é um dispositivo?*. Outra travessia, Ilha de Santa Catarina, n.5, 9-16. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>.
- Andersson, A.; Bohlin, M.; Ludin, L. & Sorbring, E. (2015). *Technology and youth growing up in a digital world (Adolescents' self defining internet experiences)*, Sociological Studies of children and youth, 105 – 132, vol. 19.
- Baert, P. & Silva, F. C. (2015). *Teoria Social Contemporânea*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Baptista, A. S. C. (2012). *Os valores dos pais predizem os valores dos filhos adolescentes? Um estudo com famílias nucleares intactas*. Universidade de Lisboa- Faculdade de Psicologia.
- Barcelos, R. H. (2010). *Nova Mídia, Socialização e Adolescência – um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barker, Eric (2016). *FOMO: This is the best way to overcome fear of missing out*. Recuperado em 14 de Janeiro de 2017, de <http://observer.com/2016/06/fomo-this-is-the-best-way-to-overcome-fear-of-missing-out/>
- Bauman, Z. (2006). *Amor líquido- sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. & Lyon, D. (2014). *vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, U.; Guiddens, A. & Lash, S. (2000). *Modernização Reflexiva*. Oeiras: Celta Editora.
- Becker, F. (2017). *O que é construtivismo?*. 87-93. Recuperado em 1 de Agosto de 2017 de http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf
- Berguer, P. L.; Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade*. Dina livro.
- Blitz, M. (2014). *Understanding Heidegger on Technology*. The New Atlantis – The Journal of Technology and Society, n.41, 63-80.
- Boodin; J. E. (1915). *Value and Social Interpretation*. University of Chicago Press, American Journal of Sociology, Vol. 21, n. 1, 65-103.
- Colaço, A. (2017). *Mais que uma moda*. (5 de Agosto de 2017), Jornal Expresso. Recuperado em 28 de Agosto de 217, de <http://animussemper.blogs.sapo.pt/redes-sociais-138783>
- Campos, J. L. & Chagas, F. (2008). *Os conceitos de Gilbert Simondon como fundamentos para o design*. Biblioteca online de ciências da comunicação. Recuperado em 10 de Agosto de 2017, de <http://www.bocc.uff.br/esp/autor.php?codautor=1501>

- Caselas, J. M. (2012). *A democracia digital e a redefinição do espaço público*. Universidade de Évora, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Recuperado em 18 de Agosto de 2017, de <http://cfc.ul.fc.ul.pt/projectos/cidadania/coloquio/Comunicacoes/JoseCaselas.pdf>
- Costa, M. S. & Neves, J. P. (2010). *O humano e as novas tecnologias digitais: perigos e potencialidades*. Tecnologia e configurações do humano na era digital: Edições Copy.
- Costa, P. R. (2011). *Entre a Objetivação e a subjetivação*. Revista Comunicação e linguagens- Genealogias da web 2.0, n.42, 165-181.
- Costa, R. (2011). *Ridendo Castigat Mores. A transcrição de entrevistas e a (re)construção social da realidade*. Universidade de Évora, VIII Congresso Português de Sociologia.
- Erikson, E. (2016). *Erikson's Stages of Development Chart*. Recuperado em 23 de Outubro de 2016, de <http://www.psychologycharts.com/erikson-stages-of-development-chart.html>
- FacebookIQ (2014). *Coming of age in screens- an in-depth look at teens and young adults around the world*. Recuperado em 9 de Setembro de 2017, de <https://www.facebook.com/iq/articles/fobo-is-the-new-fomo>
- Featherstone, M. (2014). *Lapesadilla de Einstein- sobre la tecno-distopia en Bernard Stiegler*. Theory beyond the codes. Recuperado em 12 de Dezembro de 2016, de <http://ctheory.net/la-pesadilla-de-einstein-sobre-la-tecno-distopia-en-bernard-stiegler/>
- Ferreira, F. I. O. & Vilarinho, L. R. G. (2013). *Territórios digitais: dilemas e reflexões sobre práticas de adolescentes na cibercultura*, Interacções, n.26, 191-214.
- Ferreira, M. & Nela, P. B. (2006). *Adolescências ... Adolescentes*. Educação Ciência e Tecnologia, Revista Millenium, n.32 141- 161.
- Fleury, J. (2008). *La culture*. Bréal.
- Flick, U. (2013). *Introdução à Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Penso Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Genaro, E. (2010). *O tempo da técnica: a crise da experiência temporal na modernidade técnica*. Universidade Federal de Santa Catarina, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Florianópolis.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia
- Gifalli, M. (2013). *Derrick de Kerckhove*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Recuperado em 4 de Janeiro de 2017, de <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/derrick-de-kerckhove>
- Gonçalves, A. S. J. (2009). *Da sociedade da informação à sociedade da comunicação: o valor da comunicação online no quotidiano dos portugueses*. ISCTE –IUL.
- Heidegger, M. (2007). *A questão da técnica*. São paulo: ScientaE Studia, v.5, n.3, 375-398.
- Harvard, B. R. (2016). *A impiedade que afeta os millennials. Comece por aceitar a solidão*. Dinheiro Vivo. Recuperado em 13 de janeiro de 2017, de <https://www.dinheirovivo.pt/carreiras/os-millennials-exigem-demasiado-a-si->

[mesmos/?utm_campaign=Echobox&utm_content=DinheiroVivo&utm_medium=Social&utm_source=Facebook#link_time=1475851825](https://www.facebook.com/mesmos/?utm_campaign=Echobox&utm_content=DinheiroVivo&utm_medium=Social&utm_source=Facebook#link_time=1475851825)

- Kajiwara, K. (2017). *Hikikomori: meio milhão de pessoas nunca saem de casa no Japão*. Coisas do Japão. Recuperado em 9 de Setembro de 2017, de <https://www.coisasdojapao.com/2017/08/hikikomori-meio-milhao-de-pessoas-nunca-saem-de-casa-no-japao-saiba-os-motivos/>
- Kellner, D. (2000). *Habermas, the public sphere and democracy: a critical intervencion*. In Hahn, L. E. (Ed.) *Perspectives on Habermas*. Chicago and la Salle, Illionois: Open Court.
- Kraut, R.; Scherlis, W. L. & Kiesler, S. (1998). *Internet Paradox: A Social Technology That Reduces Social Involvement and Psychological Well-Being?*. *American Psychologist*, v.53, n.9, 1017-1031.
- Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lenhart, A.; Madden, M.; Smith, A. & Macgill, A. (2007). *Teens' Online activities and gadgets*. Pew Research Center – Internet, Science & Tech. Recuperado em 23 Novembro de 2016, de <http://www.pewinternet.org/2007/12/19/teens-online-activities-and-gadgets/>
- Lenhart, A.; Lewis, O. & Rainie, L. (2001). *Teens and their friends*. Pew research Center, Recuperado em 18 de julho de 2017, de <http://www.pewinternet.org/2001/06/21/part-1-teens-and-their-friends/>
- Lenhart, A.; Hitlin, P. & Madden, M. (2005). *Teens and technology*. Pew research Center. Recuperado em 21 de Julho de 2017, de <http://www.pewinternet.org/2005/07/27/teens-and-technology/>
- Lehrer, J. (2011). *WE, Robots*. The New York Times. Recuperado em 23 de Novembro de 2016, de <http://www.nytimes.com/2011/01/23/books/review/Lehrer-t.html>
- Leopoldo, R. (2015). *Vigilância líquida: variações sobre o panoptismo*. Sapere Aude- Belo Horizonte, V.6, n.12, 894-902.
- Lopes, A. S. (2011). *Tecnologias da comunicação – Novas domesticações*. Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa: Edições Colibri.
- Maffesoli, M. & Martins, M. L. (2011). *Ciberculturas*, *Revista Comunicação e linguagens- Genealogias da web 2.0*, n.42, 41-52.
- Mills, W. G. (1982). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- McKenna, K.Y.A. & Bargh, J.A. (2000). *Plan 9 from cyberspace: The implications of the Internet for personality and social psychology*. *Personality and Social Psychology Review*.
- Mckenna, K. Y.A. ; Green, A. S. & Gleason, M.E.J. (2002). *Relationship formation on the internet: what's the big attraction*. *Journal of Social Issues*, V.58, n.1, 9-31.
- Messa, E. (2015). *Panoptico social: vigiados pelos próprios amigos*. Updateordie. Recuperado em 19 de Julho de 2017, de <http://www.updateordie.com/2014/08/02/panoptico-social-vigiados-pelos-proprios-amigos/>

- Morais, E. (2017). *Solitários Interconectados*. Pensar Contemporâneo. Recuperado em 14 de Abril de 2017, de <http://www.pensarcontemporaneo.com/1592-2/>
- Morozov, E. (2011). *Your Own Facts*. The New York Times, acessado a 15 de Dezembro de 2016, url: <http://www.nytimes.com/2011/06/12/books/review/book-review-the-filter-bubble-by-eli-pariser.html>
- Nascimento, R. F. O. (2014). *Realidade Aumentada: modelos de interação e visualização em Tablets*. Universidade de Aveiro – Departamento de Comunicação e Arte.
- Neder, T. R. (org.). (2013). *A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática e tecnologia*. (Feenberg, Andrew- *Do essencialismo ao construtivismo*). Brasília.
- Neuman, W. Lawrence; (2011). *Social Research Methods Qualitative and Quantitative Approaches*. Pearson Education, Inc.
- Neves, J. P. & Costa, P. R. (2010). *A individuação eco(socio)lógica na pós modernidade*, Comunicação e sociedade, v.18, 179-192.
- Neves, J. P. (2010). *Individuação e concretização dos objectos técnicos: o contributo de Gilbert Simondon*. Tecnologia e configurações do humano na era digital: Edições Copy.
- Nunes, F. D. (2017). *Há conversas no Messenger para lá da morte graças ao chatbot*. Dinheiro Vivo. Recuperado em 7 de Setembro de 2017, de <https://www.dinheirovivo.pt/outras/ha-conversas-no-messenger-para-la-da-morte-gracas-ao-chatbot/>
- Outhwaite, W.; Bottomore, T.; Gellner, E.; Nisbet, R. & Touraine, A. (1993). *Dicionário do Pensamento Social do século XX*. Brasil: Jorge Zahar Editora.
- Pequenino, K. (2017). *Notícias sobre a inteligência artificial são “irresponsáveis”*, Jornal Público. Recuperado em 7 de Setembro de 2017, de <https://www.publico.pt/2017/08/01/tecnologia/noticia/chatbots-facebook-desenvolvem-linguagem-1781024>
- PONTE, C.; Jorge, A.; Simões, J. A. & Cardoso, D. S. (Org). (2012). *Crianças e internet em Portugal, acessos, usos, riscos, mediações: resultados do inquérito europeu EU KIDS ONLINE*. (Espanha, Rita – *Práticas da E-GENERATION em Portugal: resultados de estudos e questões contemporâneas*). Coimbra: Minerva
- Ponte, C.; Jorge, A.; Simões, J. A. & Cardoso, D.S. (Org). (2012). *Crianças e internet em Portugal, acessos, usos, riscos, mediações: resultados do inquérito europeu EU KIDS ONLINE*. (Ponte, Cristina - *Acesso, usos e competências. Resultados Nacionais do inquérito EU KIDS ONLINE*). Coimbra: Minerva.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora.
- Robert, B. (2012). *Technics, Individuation and Tertiary Memory: Bernard Stiegler’s Challenge to Media Theory*. New Formations, n.77, 1-17.

- Rocca, F. (2011). *Habitar a web- Paisagens e nuvens da cultura digital*. *Revista Comunicação e linguagens- Genealogias da web 2.0*, n.42, 53-58.
- Sales, N. (2016). *American Girls: Social Media*. Time. Recuperado em 15 de Dezembro de 2016, de <http://time.com/americangirls/>
- Seepersad, S. (2004). *Coping with Loneliness: Adolescent Online and Offline Behavior*. *Cyberpsychology & Behavior*, v.7, n.1, Mary Ann Liebert.
- Silva, P. (2014). *Dispositivo: um conceito, uma estratégia*. Universidade Federal de São Paulo, *Profanações*, n.2, 144-158.
- Shirky, C. (2010). *Eles vêm aí- O poder de organizar sem organizações*. Lisboa: Actual Editora.
- Shorter, E. (1975). *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar.
- Suwa, M. & Suzuki, K. (2013). *The phenomenon of "hikikomori" (social withdrawal) and the socio-cultural situation in Japan today*. *Journal of Psychopathology*, n.19, 191-198.
- Stiegler, B. (2007). *Anamnésia e hipomnésia: Platão, primeiro pensador do proletariado*. Parafernália: Corpus Informáticos.
- Stiegler, B. (2012). *Relational Ecology and the Digital Pharmakon*. *Culture Machine*, v.13.
- Stiegler, B. (2017). *A glossary of terms*. Recuperado em 1 de Setembro de 2017, de <http://cultureandcommunication.org/galloway/pdf/Stiegler%20glossary.pdf>
- Stiegler, B. (2010). *O desejo asfixiado*. *Le monde diplomatique*. Recuperado em 13 de Dezembro de 2016, de <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=593>
- Stiegler, B. (2009). *Anamnese e Hipomnese*. *Revista de Comunicação e Linguagens «Escrita, Memória, Arquivo»*, n.40, 11.
- Stiegler, B. (2012). *On lights and shadows in the digital age*. Digital Inquiry Symposium, Berkeley Center for New Media.
- Stiegler, B. (2012). *A rational theory of miracles: on pharmacology and transindividuation*. *New Formations*.
- Stiegler, B. (2016). *Lieu, Memoire Et Technique*. Recuperado em 7 de Setembro de 2017, de <http://www.philosophie.ulg.ac.be/documents/PhiloCite2008/Stiegler.pdf>
- Tavares, H. (2012). *Cyberbulling na adolescência*. *Nascer e Crescer, Revista de Pediatria do Centro hospitalar do Porto*, v.21, n.3, 174-177.
- Teo, A. R. & Gaw, A. C. (2010). *Hikikomori, a Japanese culture bound Syndrome of social withdrawal?*. US National Library of medicine, National Institutes of Health. Recuperado em 9 de Setembro de 2017, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4912003/>
- Timrainer (2012). *Foucault and social media: the call of the crowd*. Recuperado em 2 de Novembro de 2016, de <https://philosophyforchange.wordpress.com/2012/07/26/foucault-and-social-media-the-call-of-the-crowd/>

- Thayne, M. (2012). *Friends like mine: the productions of socialised subjectivity the attention economy*. Culture machine, v.3.
- Thompson, J. B. (2005). *The New Visibility*. Theory, Culture & Society, SAGE, London, Thousand Oaks and New Delhi, v. 22, 31-51
- Turkle, S. (2015). *Talk to each other; not your phone*. Recuperado em 13 de janeiro de 2017, de https://www.nytimes.com/2015/10/01/opinion/talk-to-each-other-not-your-phone.html?_r=1
- Wakefield, J. S.; Wareen, S. J. & Ponnors, P. (2016). *Affective impacts of learning on facebook: postsecondary students' voices*. In Tettegah Sharon Y. (Ed.) *Emotions technology and social media*, Beckman Institute for Advanced Science and Technology, National Center for Supercomputing Applications, affiliate University of Illinois, Urbana, IL, USA,: Elsevier.
- Wolton, D. (1999). *E depois da internet? – Para uma teoria crítica dos novos mídias*. Miraflores: DIEFEL – difusão editorial
- Wortham, J. (2011). *Feel like a wallflower? Maby it's your facebook Wall*. Recuperado em 13 de janeiro de 2017, de http://www.nytimes.com/2011/04/10/business/10ping.html?_r=0

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevista

Universidade de Évora | Mestrado Sociologia | Guião de entrevista
Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes offline.

Caracterização do entrevistado:

1. Masculino/ Feminino
2. Idade:
3. Ano de escolaridade:
4. Nacionalidade:
7. Que tipos de dispositivos tecnológicos possui/tem acesso:
8. Que aparelhos costuma utilizar no acesso aos *media* sociais

I. Comportamentos dos adolescentes

9. Que rede social utilizas mais frequentemente? Porquê e como?

Indagar:

- Facebook
- Instagram
- SnapChat
- Youtube

10. Por alto, quantas vezes por dia acedes as redes sociais que mais utilizas? – o que mais lá fazes?

Explorar:

- Cuscar
- Por *likes*
- *Posts*
- Partilhar *posts*
- Fazer comentários
- Falar com os amigos

11. Fala-me sobre o que fazes quando estás *offline*?

Explorar:

- Jogar nos dispositivos (computador, telemóvel, televisão, consolas)
- Leitura de livros /revistas/jornais
- Tirar fotografias
- Dialogar com a família
- Falar com os amigos via *sms*
- Praticar desporto
- Ver filmes/séries/documentários

11.1- E quando estás com os teus amigos o que fazem e sobre que falam?

Indagar:

- Saem à noite
- Vão ao café
- Vão à casa dos amigos
- Passeiam
- Falam sobre o quotidiano
- Falam sobre o que se passa nas redes sociais

12. Quando estás *offline*, sozinho ou com os teus amigos, costumavas utilizar algum dispositivo tecnológico?

12.1- Porquê e o que fazes nele?

II. Os novos dispositivos tecnológicos

13. De um modo geral, como avalias a utilização das tecnologias atualmente pelos adolescentes?

Explorar:

- O que fazem com os dispositivos
- O tempo de utilização
- Forma como se relacionam
- A importância atribuída à utilização dos dispositivos

14. E no teu caso, como avalias a tua utilização dos dispositivos?

Explorar:

- Tempo de utilização
- O que faz com os dispositivos
- A forma como se relaciona com as pessoas
- Significado da sua utilização
- Perceção das consequências de utilização

15. Na tua opinião, aquilo que fazes com os amigos nas redes sociais influencia a maneira como estás com eles fora das redes sociais?

Explorar:

- Importância dada as pessoas fora das redes (em função dos *likes/Não likes*)
- Relativamente ao conteúdo partilhado
- Tipos de conversas com os amigos (sobre os conteúdos das redes sociais)

15.1-Se sim Como?

15.2- Se não, porque achas que não influencia?

[Chegámos ao fim da entrevista.

Tem alguma questão que gostasse de colocar ou de desenvolver mais?

Muito obrigado pela colaboração!]

Anexo B- Apresentação do estudo e objetivos da entrevista



Apresentação do estudo e objetivos da entrevista

Bom dia, sou aluna de Mestrado em Sociologia na Universidade de Évora e estou a desenvolver um estudo com o objetivo de compreender de que forma os novos dispositivos tecnológicos e *software* influenciam o comportamento dos adolescentes *offline*. Neste sentido, envio em anexo a Declaração de Consentimento Informado, a qual permite dar a autorização para a realização da entrevista.

Cheguei até si através de _____.

Quero especificar que a informação recolhida através da entrevista destina-se apenas e exclusivamente à realização de um trabalho de natureza académica, e garanto-lhe que nunca o nome verdadeiro do participante, será associado a qualquer informação que nos venha a transmitir.

É importante também saber que não existem respostas certas ou erradas. A entrevista não tem uma duração pré-definida, dado que o participante pode falar o tempo que achar necessário. Quero que o participante se sinta à vontade para voltar atrás se o entender, não responder a algumas questões, ou até mesmo desistir de participar neste estudo, se for essa a sua vontade.

Finalmente, quero pedir autorização, através da assinatura da Declaração de Consentimento Informado, em anexo, para gravar a entrevista com recurso a um gravador áudio. Será utilizado o gravador porque não conseguiria memorizar tudo o que será dito, e também porque este procedimento é simples e não interfere em nada com a nossa conversa.

Com os melhores cumprimentos,

A aluna de Mestrado em Sociologia na Universidade de Évora,

Alexandra Batista

Anexo C- Caracterização dos entrevistados

Nº entrev.	Pseudónimo	Sexo	Idade	Ano de escolaridade	Nacionalidade	Que tipo de dispositivos possui/ tem acesso	Que aparelhos utilizam no acesso a <i>media</i> sociais
E [1_A]	Andreia	Feminino	17	11º	Portuguesa	Computador Smartphone	Smartphone Computador
E [2_A]	António	Masculino	19	12º	Portuguesa	Smartphone Computador Televisão	Computador Smartphone
E [3_B]	Madalena	Feminino	18	12º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Computador Smartphone
E [4_A]	Isabel	Feminino	16	11º	Portuguesa	Smartphone Computador Televisão <i>tablet</i>	Computador Smartphone
E [5_A]	Filipa	Feminino	17	11º	Portuguesa	Smartphone	Smartphone
E [6_A]	Tomás	Masculino	17	11º	Portuguesa	Computador Smartphone <i>tablet</i>	Smartphone <i>tablet</i>
E [7_A]	Joana	Feminino	17	11º	Portuguesa	Smartphone Computador <i>Tablet</i>	Computador Smartphone
E [8_A]	Miguel	Masculino	17	11º	Portuguesa	Computador Smartphone	Computador Smartphone
E [9_A]	Alice	Feminino	16	10º	Portuguesa	Computador Smartphone <i>tablet</i>	Computador Smartphone
E [10_A]	Cristina	Feminino	17	11º	Portuguesa	Smartphone Computador Televisão	Smartphone Computador Televisão
E [11_A]	Sílvia	Feminino	17	11º	Portuguesa	Smartphone Computador <i>tablet</i>	Smartphone Computador
E [12_A]	Teresa	Feminino	16	11º	Portuguesa	Computador Smartphone	Smartphone
E [13_B]	Jorge	Masculino	16	10º	Portuguesa	Smartphone <i>Tablet</i> Computador	Smartphone

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

E [14_B]	Lúcia	Feminino	17	12º	Portuguesa	Smartphone Tablet Computador	Smartphone
E [15_A]	Marta	Feminino	16	11º	Portuguesa	Computador Smartphone	Smartphone
E [16_B]	Daniel	Masculino	16	10º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Computador Smartphone Televisão
E [17_B]	José	Masculino	18	12º	Portuguesa	Televisão Smartphone Computador	Smartphone Computador
E [18_B]	Luís	Masculino	18	12º	Portuguesa	Computador Televisão Smartphone Rádio Mp3	Computador Smartphone Televisão
E [19_B]	Sofia	Feminino	19	12º	Portuguesa	Smartphone Computador Televisão Mp3	Smartphone Computador
E [20_B]	Nádia	Feminino	18	12º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão Tablet	Smartphone Televisão
E [21_B]	Soraia	Feminino	18	12º	Portuguesa	Computador Televisão Smartphone Tablet	Computador Smartphone
E [22_B]	Tânia	Feminino	17	12º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Smartphone
E [23_B]	Bruna	Feminino	17	12º	Portuguesa	Computador Tablet Nintendo Playstation Smartphone	Computador Smartphone
E [24_B]	Barbara	Feminino	17	12º	Portuguesa	Computador Tablet Smartphone	Computador Smartphone
E [25_A]	Vera	Feminino	15	9º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Computador Smartphone

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

E [26_A]	Laura	Feminino	15	9º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Computador Smartphone
E [27_A]	Luísa	Feminino	15	9º	Portuguesa	Computador <i>Tablet</i> Smartphone Televisão	Smartphone Computador
E [28_A]	Manuela	Feminino	15	9º	Portuguesa	Computador Smartphone <i>Playstation 3</i>	Smartphone Computador
E [29_A]	Marisa	Feminino	14	9º	Portuguesa	Computador <i>Tablet</i> Smartphone	Smartphone Computador
E [30_A]	Nuno	Masculino	19	12º	Portuguesa	Computador Smartphone Televisão	Computador Smartphone Televisão

Anexo D-Matriz de análise

Tema	Categorias	Subcategorias	Entrevistados	Indicadores/Unidade de registro	Unidade contexto
Comportamento dos adolescentes	→ <i>Online</i>	- Rede social que mais utiliza.	[E_1_A]	“Youtube e o Facebook!” [E_1_A]	“Costumo usar várias, mas com mais frequência talvez o Youtube e o Facebook!” [E_1_A]
			-----	-----	-----
			[E_2_A]	“Facebook” [E_2_A]	“Facebook” [E_2_A]
			-----	-----	-----
			[E_3_B]	“ Instagram ” [E_3_B]	“Ah o Instagram sim” [E_3_B]
			-----	-----	-----
			[E_4_A]	“Instagram” [E_4_A]	“Instagram” [E_4_A]
			-----	-----	-----
			[E_5_A]	“ O Instagram” [E_5_A]	“ O Instagram” [E_5_A]
-----	-----	-----			
[E_6_A]	“ Instagram ou <i>Snapchat</i> .” [E_6_A]	“ Instagram ou <i>Snapchat</i> .” [E_6_A]			
-----	-----	-----			
[E_7_A]	“ Facebook e Instagram” [E_7_A]	“ Facebook e Instagram” [E_7_A]			
-----	-----	-----			
[E_8_A]	“O Facebook” [E_8_A]	“O Facebook” [E_8_A]			
-----	-----	-----			
[E_9_A]	“O Instagram. (...) Facebook, o Snap, Whatsaap” [E_9_A]	“ O Instagram. Não, uso também o Facebook, o Snap, Whatsaap” [E_9_A]			

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_10_A]	"O Facebook" [E_10_A]	"O Facebook, ah talvez por causa dos amigos, todos tem facebook hoje em dia e não sei talvez pelas novidades, mais nada" [E_10_A]
			[E_11_A]	" Talvez o whatsapp ou o Instagram" [E_11_A]	" Talvez o whatsapp ou o Instagram" [E_11_A]
			[E_12_A]	"Instagram e Whatsapp" [E_12_A]	" Instagram e Whatsapp" [E_12_A]
			[E_13_B]	"Sem dúvida o Facebook." [E_13_B]	"Sem dúvida o Facebook." [E_13_B]
			[E_14_B]	" Instagram" [E_14_B]	" Instagram" [E_14_B]
			[E_15_A]	" O Facebook." [E_15_A]	" O Facebook." [E_15_A]
			[E_16_B]	" O Instagram" [E_16_B]	" O Instagram" [E_16_B]
			[E_17_B]	" O Facebook" [E_17_B]	" O Facebook" [E_17_B]
			[E_18_B]	"O Facebook" [E_18_B]	"O Facebook sem dúvida" [E_18_B]
			[E_19_B]	"O Facebook" [E_19_B]	"O Facebook, sem dúvida." [E_19_B]
			[E_20_B]	" O Instagram" [E_20_B]	"O Instagram." [E_20_B]
			[E_21_B]	" O Instagram" [E_21_B]	" O Instagram" [E_21_B]
			[E_22_B]	"O Instagram" [E_22_B]	"Utilizo o Instagram" [E_22_B]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_23_B]	" Facebook, Twitter, Instagram" [E_23_B]	" Facebook, Twitter, Instagram" [E_23_B]
			[E_24_B]	"O Instagram" [E_24_B]	" Se calhar agora o Instagram" [E_24_B]
			[E_25_A]	" Facebook" [E_25_A]	" Facebook talvez" [E_25_A]
			[E_26_A]	"O Instagram"	" Talvez o Instagram"
			[E_27_A]	" Twitter"	" Talvez Twitter"
			[E_28_A]	"O facebook"	" O facebook"
			[E_29_A]	" O Twitter"	" O Twitter"
			[E_30_A]	" O facebook"	" O facebook"
		- O que fazem nos <i>media</i> sociais	[E_1_A]	- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento - Comunicação com pessoas [E_1_A]	"Consigo ter acesso as coisas que ... hum que andam a circular no mundo, posso partilhar, ver coisas do meu interesse, falar com pessoas que estejam longe, variadas situações [risos]!" [E_1_A]
					"aah vejo coisas, vejo notícias, imagens que andam virais na internet, vídeos, falo com os meus, com os meus, os meus os meus colegas, família! E no Youtube,

					pronto consigo ter acesso a vídeos e a filmes, consigo ver variadas coisas!" [E_1_A]
			[E_2_A]	- Acesso a informação e partilha [E_2_A]	"Assim pôr coisas, não tenho por hábito no meu dia-a-dia colocar lá coisas, tenho é por hábito vá partilhar informações. Porque acho que para os meus amigos são importantes de notícias da região, pronto é esse tipo de coisas que eu ponho, sobre a minha vida meto só um bocadinho mas só durante as férias, de resto!" [E_2_A]
				- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento - Trabalho a partir do Facebook	Porque o Facebook é uma rede social onde nós podemos consultar não só ah digamos ver um pouco daquilo que os nossos amigos partilham, consultar informação, além de que o Facebook é uma rede onde vá digamos onde se concentra tudo, é hoje em dia o Facebook não serve só para ah como é que eu eide dizer, não serve só para nós vermos entre aspas a vida dos outros, o que os outros partilham no Facebook, hoje em dia o facebook também está muito a parte informativa e entretenimento, e acho que é uma

					das principais rede sociais é o Facebook e até porque hoje em dia muitas pessoas trabalham com essa rede no próprio dia a dia!" [E_2_A]
			[E_3_B]	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso a novidades - Comunicação com pessoas - Combinar atividades com amigos - Acesso a informação 	<p>-----</p> <p>"E depois é basicamente ver as novidades ou pronto, ou então, falar com os meus amigos por causa de coisas da escola, ou então para combinar coisas para vá estarmos todos juntos, sim acho que é basicamente isso. Ou até para pesquisas também para trabalhos." [E_3_B]</p> <p>-----</p>
			[E_4_A]	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso ao entretenimento 	<p>-----</p> <p>"E vejo as fotografias e comento se gosto, se não gosto." [E_4_A]</p> <p>-----</p>
			[E_5_A]	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento [E_5_A] 	<p>-----</p> <p>"Vejo ah, no Facebook vejo as notícias e publico algumas coisas, partilho o que mais gosto e no Instagram é basicamente ver as fotos das outras pessoas e quando me apetece partilhar alguma" [E_5_A]</p> <p>-----</p>
			[E_6_A]	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento 	<p>-----</p> <p>"Por exemplo no facebook dá para ver as notícias vá o que aconteceu ou durante o tempo, ah no Instragram é para ir ver as fotos, seguir por exemplo famosos, o Snapchat é mais para tirar</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					fotografias com os efeitos engraçados" [E_6_A]
			[E_7_A]	- Acesso ao entretenimento [E_7_A]	" Sim, meto <i>like</i> nas fotos" [E_7_A]
			[E_8_A]	- Acesso a informação e partilha [E_8_A]	"Vejo o que é que os outros partilham, vejo as notícias e partilho alguma coisa" [E_8_A]
			[E_9_A]	- Acesso ao entretenimento - Acesso a informação e partilha - Comunicação com pessoas [E_9_A]	" Ver fotos e por fotos. No Facebook vejo as notícias, porque há sempre informação sobre outras coisas e dá-nos sempre um alerta, no Whatsaap falo com as pessoas de longe e vá falo com os meus amigos e no Snap tiro fotografias engraçadas digamos assim" [E_9_A]
			[E_10_A]	- Comunicação com pessoas - Acesso a informação [E_10_A]	"Falo com amigos ah vejo notícias, fotografias e penso que é apenas " [E_10_A]
			[E_11_A]	-Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento - Acesso a informação e partilha [E_11_A]	"Ah no Whatsaap converso é essencialmente isso, e no "insta" talvez ver as fotos dos outros e publicar também" [E_11_A]
			[E_12_A]	-Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento	" Então no Whatsaap falo com os meus amigos e no Instagram como

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_12_A]	já disse meto fotos, vejo ..." [E_12_A]
			[E_13_B]	- Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento [E_13_B]
			[E_14_B]	- Acesso a informação e partilha - Acesso a novidades [E_14_B]
			[E_15_A]	- Acesso ao entretenimento [E_15_A]
			[E_16_B]	- Acesso a informação e partilha [E_16_B]
				" [Cuscar, por <i>likes</i>] [risos] é mais ou menos isso [fazer comentários] Sim também as vezes. " [E_15_A]
				" [risos] Essa pergunta é, então o que é que faço, [impercetível] sempre vamos vendo assim o que as outras pessoas fazem, torna-se algo digamos que, vamos sendo algo que, um bocado cuscos em relação à vida dos outros mas, mas pronto nós também vamos partilhando a nossa vida no Instagram, vamos partilhando fotografias e coisas do género, as pessoas quer se queira

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>quer se não vai-se sempre sabendo quase mais da vida dos outros do que da nossa própria vida, acho que é por ai. “ [E_16_B]</p>
			[E_17_B]	<p>-Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento [17_B]</p>	<p>“É mesmo para, para me informar, ver notícias, vá temos lá as paginas e metemos gostos naquilo que nos interessa, para me ir informando depois vou guardando e vou lendo.” [E_17_B]</p>
			[E_18_B]	<p>-Acesso a informação e partilha -Organização de atividades/eventos [E_18_B]</p>	<p>“Falo, ah tenho acesso a informações, a notícias, não só de âmbito nacional mas também distrital e concelhio ah organizo, organizo muita coisa pelo, pelo Facebook ah ah as coisas que mais faço a procura de informação e noticias e falar e organizar atividades, organizar eventos” [E_18_B]</p>
			[E_19_B]	<p>-Comunicação com pessoas -Acesso a informação e partilha -Estudar -Acesso ao entretenimento [E_19_B]</p>	<p>“Ou falo com os meus amigos vejo as notícias até para ficar, ficar informada, eu estudo também pelo smartphone, leio alguns livros, ver séries, tudo.” [E_19_B]</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>[E_20_B]</p> <hr/> <p>[E_21_B]</p> <hr/>	<p>- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento - Não fazer nada em concreto nos <i>media</i> - Pouca comunicação com outras pessoas [E_20_B]</p> <hr/> <p>- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento - Comunicação com pessoas [E_21_B]</p> <hr/>	<p>“ Gosto, gosto de ler notícias gosto de saber o estado do mundo, gosto de ler textos, gosto de ver fotografias é isso”</p> <p>“ O que é mais lá faço, normalmente vejo, vou vendo o que me vai aparecendo, as vezes também vou procurar coisas por mim, coisas que surgem em temas de conversa e nos temos dúvidas, para esclarecer algumas dúvidas, as vezes não vou fazer nada em concreto, fazer comentários exatamente, por acaso não uso muito as redes sociais para falar com os meus amigos, mas uso claro também.” [E_20_B]</p> <hr/> <p>“Vejo as publicações que as pessoas metem as vezes ponho uma foto minha no Instagram ou no Snapchat as vezes partilho algumas publicações que me interessam no Facebook coisas desse género”</p> <p>“Sim com o Messenger falo, costumo sempre falar mais do que mensagens, mas comentários não costumo comentar muitas fotos das pessoas.” [E_21_B]</p> <hr/>
--	--	--	---	---	--

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_22_B]	- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento [E_22_B]	“Então vejo as fotografias das pessoas, vejo notícias, ah fora dessa rede social também vejo histórias e informações no mundo, coisas assim” [E_22_B]
			[E_23_A]	- Acesso a informação e partilha - Acesso ao entretenimento [E_23_A]	“ No Facebook pesquiso e vou, vou acendendo aos, aos tais aos tais jornais e informações como também vejo as fotografias dos outros e as chamadas de fofuquices, no Instagram vejo as fotografias dos meus colegas, no Twitter as vezes é uma forma também de saber como estão os meus colegas do lado de lá que não se expressam tanto e é uma forma de estar também em contato por ai.” [E_23_A]
			[E_24_A]	- Acesso a informação e partilha - Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento [E_24_A]	“ Ah ver ah neste caso do Instagram as coisas das pessoas as fotografias pronto as vezes como também temos a opção de conversar também as vezes falar com outras pessoas” “Sim fazer comentários aquelas coisas de trocar <i>likes</i> , gostos essas coisas assim [risos] ” [E_24_A]
			[E_25_A]	- Acesso à partilha - Comunicação com pessoas	“ Então ando lá a passear pelo, pela internet ou falo com as pessoas, sim por <i>likes</i> e ver o que é que as

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

				-Acesso ao entretenimento [E_25_A]	“ pessoas andam a publicar” [E_25_A]
			[E_26_A]	- Coscuvilhar a vida das pessoas -Comunicação com pessoas [E_26_A]	“Sim e por exemplo no Twitter coscuvilho muito a vida das pessoas [risos]” “Porque é assim uma coisa mais para desabafar e da para perceber “ [E_26_A]
			[E_27_A]	- Acesso a informação e partilha [E_27_A]	“ Ah ah compartilho <i>tweet</i> ou meto um <i>tweet</i> meu, as vejo mesmo só o que se passa porque as vezes também tem as notícias e os [impercetível] mundiais” [E_27_A]
			[E_28_A]	-Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento [E_28_A]	“ Converso com pessoas, partilho coisas e <i>likes</i> .” [E_28_A]
			[E_29_A]	-Comunicação com pessoas -Acesso a informação e partilha	“Ah converso com outras pessoas, partilho coisas e procuro muitas coisas e fico a conhecer mais coisas, acho que a cada dia isso me ajuda muito.”
			[E_30_A]	- Acesso entretenimento [E_30_A]	“ Só mesmo passar tempo, estar entretido” “ Por ai [por <i>likes</i> e comentários] ” [E_30_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

		- Razão pela qual utilizam os <i>media</i> sociais	[E_3_B]	- Facilidade de utilização (<i>user friendly</i>)	"Porque, sei lá, porque é uma coisa, que me desperta um bocadinho, até porque é a única aplicação que funciona agora no meu smartphone e o smartphone anda sempre comigo por isso é uma coisa fácil de ver as novidades de uma maneira divertida até porque é por imagens não cansa, não tenho de estar a ler constantemente." [E_3_B]
			[E_4_A]	- Acesso ao entretenimento	"Porque gosto de ver as fotografias e o que os outros põem" [E_4_A]
			[E_5_A]	- Acesso ao entretenimento [E_5_A]	" [risos] Tão porque ... gosto de ver as imagens que as pessoas publicam e pôr depois também né, sigo vários perfis de fotos de ambientes e essas coisas, esse tipo de fotos" [E_5_A]
			[E_6_A]	- Acesso ao entretenimento [E_6_A]	"Para partilhar as fotografias e o que está a acontecer, ao longo do dia vá." [E_6_A]
			[E_7_A]	- Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento - Acesso a informação [E_7_A]	"Para falar com os amigos, ver fotos, ver notícias" [E_7_A]
				- Acesso a informação e partilha	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_8_A]	[E_8_A]	“ Para ver as notícias, e para partilhar alguma coisa que me apeteça [risos] ” [E_8_A]
			[E_9_A]	- Acesso ao entretenimento [E_9_A]	“Porque posso ver as fotos das outras pessoas e depositar as minhas fotos favoritas.” [E_9_A]
			[E_10_A]	- Amigos também têm - Acesso a novidades [E_10_A]	“Ah talvez por causa dos amigos, todos tem facebook hoje em dia e não sei talvez pelas novidades, mais nada” [E_10_A]
			[E_11_A]	- Comunicação com pessoas - Hábito	“ O Whatsaap porque é onde falo mais com amigos e assim, o Instagram é porque é a rede social que, pronto que estou mais habituada a usar e vou lá mais vezes é mais por ai.” [E_11_A]
			[E_12_A]	- Comunicação com pessoas - Acesso ao entretenimento [E_12_A]	“Ah o Whatsaap, dantes utilizava-se o Messenger para falar com os amigos mas agora é o Whatsaap porque é muito mais fácil e o Instagram pronto estou sempre a ver o que é que as pessoas estão a fazer, não é sempre mas [risos] mas estou a ver o que as pessoas estão a

					fazer e meto fotos e essas coisas” [E_12_A]
			[E_13_B]	- Gosto pela utilização - Acesso a informação e partilha [E_13_B]	“Se calhar por gosto, Não é tanto de partilhar mas de ver de informar acho que é mais por ai.” [E_13_B]
			[E_14_B]	- Acesso rápido e direto - Associado à imagem - Gosto pela utilização [E_14_B]	“ É a rede social onde temos acesso de forma mais rápida e mais direta, um bocado ao que as pessoas andam a fazer, ou o que gostam mais de partilhar como também está associado logo à imagem, não sei é o que gosto mais.” [E_14_B]
			[E_15_A]	- Comunicação com pessoas - Acesso a informação e partilha [E_15_A]	“Ah porque tenho mais informação e onde consigo falar com os meus amigos também.” [E_15_A]
			[E_16_B]	- Hábito [E_16_B]	“Ah digamos que tornou-se num hábito, quando à dois ou três anos só se usava Facebook, agora nesta, nesta altura só costumo usar mesmo o Instagram, usando também as outras mas é a que uso mais frequentemente” [E_16_B]
			[E_17_B]	- Comunicação com pessoas - Acesso a informação e partilha [E_17_B]	“Tão para falar com amigos e para combinar coisas, falar assim na boa, fazer grupos e tudo, para saber noticias, para me informar essas coisas todas.”

			<p>-----</p> <p>[E_18_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunicação com pessoas - Acesso a informação e partilha - Organização de eventos - Facilitar a vida [E_18_B] <p>-----</p>	<p>[E_17_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Ah o hum o Facebook muito por, por ser fácil falar com as pessoas, toda a gente tem e toda agente recebe as notificações se envio uma mensagem, ah para organização de eventos, grupos, marcar datas com amigos, marcar reuniões, marcar falar com pessoas ah grupos, falar de pessoa a pessoa em vez de falar logo com um grupo inteiro de pessoas, afinal de contas aquilo é uma rede como todas as redes sociais são feitas para facilitar o acesso e a determinadas funções da nossa vida e acaba por realmente facilitar e ao facilitar nos como seres humanos né gostamos facilitar as coisas e também gostamos de encurtar cada vez mais a nossa vida ah para pormos mais coisas num dia por ser útil para as nossas vidas”</p> <p>[E_18_B]</p> <p>-----</p>
			<p>-----</p> <p>[E_19_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunicação com pessoas - Acesso a informação e partilha <p>[E_19_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>“Porque é, é o lugar onde tenho acesso a informação mais facilmente, eu sei tudo o que está a acontecer no mundo instantaneamente, vejo tudo quase, quase que está a decorrer no momento. E tenho lá os meus amigos, é onde eu falo mais facilmente, também já morei no</p> <p>-----</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					Brasil tenho acesso mais informação.” [E_19_B]
			[E_20_B]	- Comunicação com pessoas - Acesso a informação e partilha - Amigos utilizam - Cansaço de outras redes sociais [E_20_B]	“Ah porquê [pausa] porque é uma rede social que partilha fotografias, os meus amigos também utilizam quase todos a mesma rede social, também porque já estou um bocadinho cansada das outras redes sociais porque já se tornaram um bocadinho mais banais e onde se tratam um bocadinho mais assuntos que não me interessam tanto.” [E_20_B]
			[E_21_B]	- Acesso ao entretenimento [E_21_B]	“Porque acho que é mais engraçado, acho que gosto mais de ver as fotos e gosto mais de usar acho que é mais giro.” [E_21_B]
			[E_22_B]	- A rede possui diversas atividades [E_22_B]	“Talvez por ser uma rede social que já tenha um pouco das outras todas e porque há algumas coisas nas outras que não, que não atraem tanto, não chamam tanto a atenção.” [E_22_B]
			[E_23_B]	- Acesso a informação e partilha [E_23_A]	“O Facebook é para me manter um pouco mais informada, também é um meio que eu tenho de acesso aos próprios jornais e aos meios de comunicação, o Instagram porque também me gosto de manter

					informada onde andam os meus amigos, onde andam as pessoas gosto de estar atenta a esse tipo de coisas e informação também.” [E_23_A]
			[E_24_B]	- À base de fotografias -Tem mais interesse [E_24_B]	“ Porque acho que é uma rede apesar de não haver não tão contato em questão de falar mais com as pessoas é por mais fotografias acaba também por ser uma, uma rede social diferente porque pronto, falava-mos muito no facebook mas o Facebook acho que, acho que já é muito muito uma grande rotina e já perdeu um pouco o interesse e o Instagram é uma rede mais recente e acaba por ter mais interesse” [E_24_B]
			[E_25_A]	-Acesso ao entretenimento -Comunicação com pessoas [E_25_A]	“ Não sei é só [risos] tão porque para jogar eu sou dessas e é isso e para falar com as outras pessoas para comunicar” [E_25_A]
			[E_26_A]	-Acesso ao entretenimento [E_26_A]	“ Porque eu gosto muito de ver as fotografias que as pessoas metem, acho interessante” [E_26_A]
			[E_27_A]	- Medo de julgamento/ ser mais verdadeiro <i>online</i> -Acesso a informação	“ As pessoas as vezes como, sei lá tem medo ser julgadas ca fora então quando chegam as redes sociais são

				[E_27_A]	mais verdadeiras, não tem tanto medo de dizer algumas coisas ou seja sinto que as vezes nas redes sociais utilizadas vá por exemplo positivamente, ou pessoas que são mais positivas tem menos preconceito nalgumas partes, porque também há muitas pessoas com preconceito na internet, por exemplo as pessoas que eu gosto vá são diferentes as vezes, também as vezes aparecem notícias, assuntos atuais, as vezes pequenas discussões mais positivas.” [E_27_A]
			[E_28_A]	- Comunicação com pessoas [E_28_A]	“Para falar com pessoas mais distantes ou próximas” [E_28_A]
			[E_29_A]	-Tem mais interesse -Interação /comunicação com outras pessoas” [E_29_A]	“Porque acho que é mais engraçado consegues ter mais interação com outras pessoas e acho mais interessante do que outras redes sociais.” [E_29_A]
			[E_30_A]	- Tem diversas opções de atividades [E_30_A]	“ Ah talvez porque consiga ter um bocado de tudo das outras e se torna mais completa por causa disso.” [E_30_A]
		- Tempo de utilização dos dispositivos.	[E_1_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_1_A]	“Não sei ah, talvez três vezes ou

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					quatro por dia! Ah o que é que eu faço?”
			----- [E_2_A] -----	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_2_A]	“Em termos de utilização eu passo MUITO tempo lá utilizo com muita frequência, todos os dias, quase todos os dias, costumo ir ao computador ou até mesmo ao smartphone, utilizo mesmo muito!” [E_1_A]
			----- [E_3_B] -----	- Frequência/período de utilização dos dispositivos [E_3_B]	“Pronto, no Facebook como eu tenho o smartphone acedo várias vezes ao dia, não sei dizer em número mas é algumas vezes” [E_2_A]
			----- [E_4_A] -----	- Frequência/período de utilização dos dispositivos [E_4_A]	“Por dia? Sei lá por dia? Se calhar pelo menos três vezes, que é tipo de manhã, depois à hora de almoço e depois antes e me ir deitar” [E_3_B]
			----- [E_5_A] -----	-Período de utilização dos dispositivos [E_5_A]	“Então acedo duas vezes, uma de manhã antes de sair de casa e uma tarde por causa das aulas” [E_4_A]
			----- [E_5_A] -----	-Período de utilização dos dispositivos [E_5_A]	“Muitas [risos], de manhã, à tarde e à noite, não sei bem, ah depende do que tenha para fazer.” [E_5_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

		[E_6_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_6_A]	“ Depende há dias que vou lá assim dois minutos a um bocado a esta e no fim de um bocado vou outra vez a outra, depende da rede social.” [E_6_A]
		[E_7_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_7_A]	“ Três vezes” [E_7_A]
		[E_8_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_8_A]	“Três ou quatro vezes” [E_8_A]
		[E_9_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_9_A]	“ Não tem conta” [E_9_A]
		[E_10_A]	- Número de horas que utiliza os dispositivos [E_10_A]	“São muitas em horas duas três horas “ [E_10_A]
		[E_11_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_11_A]	“ [risos] para ai umas quinze no mínimo” [E_11_A]
		[E_12_A]	-Frequência de utilização dos dispositivos [E_12_A]	“ Para ai umas oito vezes ou mais [risos] ” [E_12_A]
		[E_13_B]	-Período de utilização dos dispositivos [E_13_B]	“ Das vinte e quatro horas, fora das aulas e quando estou a dormir, é o dia todo.” [E_13_B]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_14_B]	-Frequência de utilização dos dispositivos [E_14_B]	“São bastantes [risos], então em tempo de aulas não digo mais do que vinte vezes por ai ah vezes é só mesmo olhar no intervalo dar uma vista de olhos e sair, fora do tempo de aulas se calhar digo ai umas cinquenta vezes se estiver em casa sim sem fazer nada, se tiver mais distraída são menos.” [E_14_B]
			[E_15_A]	- Número de horas de utilização dos dispositivos [E_15_A]	“Mais ou menos três ou quatros horas.” [E_15_A]
			[E_16_B]	- Período /horas de utilização dos dispositivos [E_16_B]	“ Ah depende, depende de, se for em tempos de, dias de semana escolar só mesmo ao fim do dia quando chega a casa, por vezes até só quando já estou deitado na cama é que vou só a fazer ah hum <i>scroll</i> ou uma coisa do género, nos fins-de-semana e feriados e pronto quando não tenho nada para fazer ai sim levo muito tempo nas redes sociais, no Instagram. Ah depende, Porque vezes entro só para ver qualquer coisa, depois saio depois passado dois minutos já lá estou outra vez, depois vou fazer qualquer coisa passado uma hora já não, é muito relativo mas no dia todo para ai duas horas se formos juntando o tempo todo passo para

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					ai duas três horas no máximo.” [E_16_B]
			[E_17_B]	-Frequência de utilização dos dispositivos [E_17_B]	“Várias vou lá várias vezes a ver se vejo alguma coisa, mesmo várias, uma média? [pausa] à vontade, quinze vinte vezes, se calhar é pouco até.” [E_17_B]
			[E_18_B]	-Frequência de utilização dos dispositivos [E_18_B]	“Eu não faço ideia mas de zero a vinte cinco é pouco, é pouco vou lá mais que vinte cinco vezes, umas vinte cinco vezes no mínimo, num dia normal porque se por exemplo há dias que estou ou vou passar dias ao campo ou até mesmo à pesca numa atividade onde a internet é mais escassa não uso muito, mas num dia normal umas vinte cinco vezes.” [E_18_B]
			[E_19_B]	- Período de utilização dos dispositivos	“Isso é difícil mas, todos os intervalos, todos os momentos que eu posso eu dou uma olhada, até para saber porque eu tenho um sobrinho pequenino e quero sempre saber agora e é assim vou lá todos os momentos que posso para acompanhar tudo.” [E_19_B]
			[E_20_B]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_20_B]	“Hum, três, três horas por aí, três, três e meia” [E_20_B]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_21_B]	- Período de utilização dos dispositivos [E_21_B]	"Quase todos os intervalos da escola e depois em casa regularmente." [E_21_B]
			[E_22_B]	- Período/frequência de utilização dos dispositivos [E_22_B]	"O número de vezes que acedo? Ah não sei algumas pelo menos uma dez vezes, assim nos intervalozinhos" [E_22_B]
			[E_23_B]	- Período de utilização dos dispositivos [E_23_B]	" Por alto, de manhã quando me levanto quando tenho tempo, à hora de almoço e normalmente quando chego casa, na escola dependendo também da disponibilidade da internet acedo ou não." [E_23_B]
			[E_24_B]	-Frequência de utilização dos dispositivos [E_24_B]	"Três ou quatro" [E_24_B]
			[E_25_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_25_A]	"Considerando que isto está sempre ligado no telemóvel para aí umas vinte talvez no mínimo [risos]" [E_25_A]
			[E_26_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_26_A]	"Mais de vinte à vontade" [E_26_A]
			[E_27_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_27_A]	" Muitas mesmo muitas para aí vinte MUITO mais de vinte, porque

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					sempre que vejo que há uma notificação vou lá, as vezes no intervalo depois desligo depois volto a ir por isso" [E_27_A]
			[E_28_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_28_A]	" Umas cinco ou seis" [E_28_A]
			[E_29_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_29_A]	" Ah MUITAS, mais ou menos dez vezes no mínimo" [E_29_A]
			[E_30_A]	- Frequência de utilização dos dispositivos [E_30_A]	" Cinco seis por ai" [E_30_A]
	→ Offline	- Atividades <i>offline</i> .	[E_1_A]	- Realização de atividades com amigos [E_1_A]	"Tão normalmente costumamos ir sair, combinar alguma coisa, lanches hum ..." [E_1_A]
			[E_2_A]	- Realizar tarefas domésticas - Realizar atividades com os amigos - Praticar desporto - Estudar [E_2_A]	"Quando estou <i>offline</i> , hum então, quando estou <i>offline</i> ah ou estou a fazer outras coisas, porque EU não gosto muito só de estar agarrado ao computador, as redes sociais, gosto de me divertir, gosto muito de estar fora de casa, não gosto de estar parado ou então estou a fazer tarefas que me mandam em casa ah pronto basicamente é isto!" "Essas pronto, gosto muito de andar de bicicleta, gosto muito de passear, passeio muito com os

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					meus amigos, vou para a escola ah as coisas que faço em casa é tarefas domésticas e é isto." [E_2_A]
			[E_3_B]	- Realizar atividades com os amigos /família -Fazer desporto -Estudar - Atividades de entretenimento [E_3_B]	"Quando estou <i>offline</i> , então visto que sou estudante estudo não é e depois, depois nesse tempo que não estou na net nem estou a estudar, estou com os meus amigos, de vez em quando também vou dar umas corridinhas, vejo televisão, de vez em quando, quando tenho tempo, que é pouco gosto de ler um livrinho, sei lá, gosto de passear de vez em quando também com a minha família, pronto é essas coisas!" [E_3_B]
			[E_4_A]	- Realizar atividades com os amigos /família -Fazer desporto - Conversar com pessoas [E_4_A]	"Leio, faço desporto, ah isto tudo ... <i>offline</i> ? Passeamos, conversamos" [E_4_A]
			[E_5_A]	- Atividades de entretenimento -Realizar atividades com amigos [E_5_A]	"Oiço música e como eu ando na banda também toco e estudo os papéis para o teatro, Vamos ao café X que há lá em sítio Y que é o bar da vila e vamos beber um cházinho [risos]" [E_5_A]
			[E_6_A]	-Atividades de entretenimento	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

				-Fazer desporto" [E_6_A]	" Offline ah estou muitas vezes em casa, costumo ver televisão, e ouvir música e nos tempos livres pratico desporto" [E_6_A]
			[E_7_A]	- Atividades de entretenimento [E_7_A]	" Vejo filmes, televisão ah vejo revistas, vou passear, dar uma volta." [E_7_A]
			[E_8_A]	-Estudar - Comunicação com pessoas - Atividades de entretenimento [E_8_A]	"Eu faço tudo e mais alguma coisa, eu estou quase sempre <i>offline</i> mas hum [risos] estudo, falo com as pessoas que também estejam <i>offline</i> , hum sei lá, ler livros também, jornais" [E_8_A]
			[E_9_A]	- Atividades de entretenimento -Estudar [E_9_A]	"Ah vejo televisão, não faço assim grande coisa, as vezes estudo, leio, mas não faço assim muito" [E_9_A]
			[E_10_A]	- Atividades de entretenimento - Fazer Desporto -Realizar atividades entretenimento - Estudar [E_10_A]	"Costumo ler, ah televisão, séries, filmes as vezes desporto e estudar pois [risos]. Passear ir às compras, ao café mais nada" [E_10_A]
			[E_11_A]	- Atividades de entretenimento [E_11_A]	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“ Bem as vezes leio, vejo televisão também vejo vídeos no Youtube, sim é basicamente isso” [E_11_A]</p>
			[E_12_A]	<p>-----</p> <p>-Atividades de entretenimento - Estudar -Comunicar com os amigos [E_12_A]</p>	<p>-----</p> <p>“Vejo televisão, estou com os meus amigos, estudo e é isso. Pronto nós jogamos, hum mas não são jogos no telemóvel são jogos no coiso [impercetível] jogamos, falamos basicamente falamos sobre tudo.” [E_12_A]</p>
			[E_13_B]	<p>-----</p> <p>- Atividades de entretenimento -Estudar [E_13_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Bem, mais hum, como não tenho namorada é mais a tocar bateria. Vejo filmes, séries, estudar, também não convém estar <i>online</i> quando se estudo” [E_13_B]</p>
			[E_14_B]	<p>-----</p> <p>- Estudar - Realizar atividades com os amigos - Fazer desporto [E_14_B]</p>	<p>-----</p> <p>“ Uma parte do tempo, durante o tempo de aulas é estudar claro, ah também gosto de sair com os amigos ah e pronto é basicamente isso. Sim também gosto de correr às vezes. O que fazemos é geralmente ir tomar um café [com os amigos] ” [E_14_B]</p>
			[E_15_A]	<p>-----</p> <p>- Atividades de entretenimento - Realizar atividades com amigos [E_15_A]</p>	<p>-----</p> <p>“ Vejo televisão, no meu curso também costumo desenhar em casa e as vezes passear o cão. As vezes vamos para casa uns dos outros ver</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					filmes, fazemos festas, ouvir música mais ou menos isso. [amigos] ” [E_15_A]
			[E_16_B]	- Comunicar com a família - Realizar atividades em família - Realizar atividades com amigos [E_16_B]	“Quando estou <i>offline</i> , se tiver em casa, estou com os meus pais, converso com eles, estou com a minha irmã, brinco com a minha irmã, a minha irmã é mais nova que eu, se tiver, se for sair com os meus amigos (...) Depois... normalmente além de costumarmos conviver eu e os meus amigos combinamos sair, vamos sair” [E_16_B]
			[E_17_B]	- Atividades de entretenimento - Praticar desporto -Realizar atividades com amigos [E_17_B]	“ <i>Offline</i> ... consideramos a televisão <i>offline</i> ? Tão vejo televisão, vejo filmes, saio com os amigos, pratico desporto e anda muito à volta disto.” “Também é relativo, sei lá praticamos desporto, saímos mesmo só por sair estamos lá no convívio, vou dar um exemplo o outro dia fui à piscina com os amigos, tivemos lá o quê... uma hora e meia dentro de água fizemos dez piscinas porque tivemos quarenta e cinco minutos numa ponta só a falar. Portanto não há, vamos só para o convívio para estar

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_18_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> -Atividades de entretenimento - Realizar atividades em família - Realizar atividades com amigos <p>[E_18_B]</p>	<p>-----</p> <p>uns com os outros e fazemos de tudo.” [E_17_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Quando estou <i>offline</i> [suspiro] ou estou em casa, simplesmente sem fazer nada ah ver televisão, ver filmes, ver séries principalmente ah vou, vou como já disse à bocado um dos meus hobbies é ir à pesca, atividade desportiva que é a pesca, acaba por ser uma atividade desportiva raramente infelizmente por estar ocupado muitas vezes acabo por praticar poucas vezes desporto, mas por vezes pratico ah mais coisas que eu faço ah estou com os amigos, saímos à noite, de dia à tarde é quando apanhamos oportunidade lá vamos nós ah é praticamente isso estou com a família também posso estar com a família, em jantares de família, jantares de grupo é as coisas que mais faço quando não estou online.” [E_18_B]</p>
			<p>-----</p> <p>[E_19_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> -Estudar -Pratico desporto -Dormir -Comunicar com família/amigos - Atividades de entretenimento <p>[E_19_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Quando estou <i>offline</i> estudo [risos] pratico algum desporto, corro [pausa] só, durmo [risos] só, falo com os meus familiares amigos e mesmo quando estou com os meus amigos estou, estou a interagir com</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_20_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>-Estudar -Estar com amigos /família -Comunicar com família/amigos - Atividades de entretenimento [E_20_B]</p> <p>-----</p>	<p>outras pessoas estou nas redes sociais tudo.” [E_19_B]</p> <p>-----</p> <p>“Quando estou <i>offline</i>, estudo tenho que estudar, quando não tenho que estudar ah leio, leio algumas coisas, tento passar o máximo de tempo com a minha família também com os meus amigos e pronto não faço muito mais para além disso”</p> <p>“ O que é que fazemos, falamos, e estamos uns com os outros”</p> <p>“ Quer dizer agora o sítio onde mais estou com os meus amigos é aqui na escola, sei lá, sim mas as vezes passeamos, as vezes vamos tomar o pequeno-almoço, as vezes vamos almoçar fora da escola” [E_20_B]</p> <p>-----</p>
			<p>-----</p> <p>[E_21_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>- Estudar -Realizar atividades com amigos - Atividades de entretenimento [E_21_B]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>“ Estudo [risos] as vezes vou beber café com os meus amigos, falo com eles, também as vezes leio livros, não só os da escola que são obrigatórios mas outros que me interessem também, vejo televisão, isso é <i>offline</i>? Vejo filmes e séries.”</p> <p>“Costumamos ir beber café, as vezes à noite ou até de dia”</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“Costumamos ir beber café, costumamos ir jogar setas também as vezes também vamos passear por ai pela cidade” [E_21_B]</p>
			[E_22_B]	<p>- Atividades de entretenimento -Praticar desporto - Realizar atividades com os amigos [E_22_B]</p>	<p>“Ok fora da internet, fora de tudo isso. Estou com os meus amigos pratico desporto ah vejo televisão basicamente e isso.” “Sim passeamos, andamos de bicicleta, vamos à natação fazemos esse tipo de coisas.” [E_22_B]</p>
			[E_23_B]	<p>-Estudar - Realizar atividades com os amigos -Comunicar com pessoas [E_23_B]</p>	<p>“Quando estou <i>offline</i> estudo muito, hum tenho pronto um objetivo muito definido e estudo muito, as vezes estudo mais do que propriamente estou online e acabo por não ter tempo para os meus amigos e até mesmo para o agregado familiar porque o meu objetivo é muito elevado e quando não estou a estudar, ou é porque já me estou a ir deitar ou é porque tenho que almoçar ou porque estou em tempo de escola.” [E_23_B]</p> <p>“Durante as aulas, pertenço a [A] e é se calhar o local onde se calhar consigo conviver com mais pessoas e com uma panóplia de idades</p>

					<p>também e dedicamo-nos as atividades da própria [A], fora da [A] e fora da escola encontram-nos a noite porque durante a semana é praticamente impossível de nos encontrarmos devido a carga horaria letiva de cada um encontramos à noite e falamos durante a noite e acho que no ano em que estou é o que fazemos e é a forma de nos encontrarmos” [E_23_B]</p>
			[E_24_B]	<p>-Realizar atividades com os amigos -Atividades de entretenimento -Estudar [E_24_B]</p>	<p>“ Estar com os amigos ah passear ah tentar também socializar, estudar a base disso” “ Sim ver filmes, ler livros também, sim ver televisão [risos] ” [E_24_B]</p> <p>“Costumamos fazer brincadeiras, costumamos as vezes combinar fins de semanas e ir quando é de verão as piscinas essas atividades, as vezes as festas à noite, costumamos estar o máximo de tempo juntos e também aproveitar.” [E_24_B]</p>
			[E_25_A]	<p>-Estou com os amigos -Atividades de entretenimento - Estudar [E_25_A]</p>	<p>“ No jogo, ah pera sem ser nas redes sociais? Então vejo series estudo ouço musica estou com as minhas coleguinhas [risos] ”</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“As vezes filmes sei lá vamos passear a qualquer lado” [E_25_A]</p>
			[E_26_A]	<p>-Atividades de entretenimento - Estar com os amigos [E_26_A]</p>	<p>“Então vejo séries e filmes no computador, ouço música, estou na rua com o meu cão e vou ter com os meus amigos.” [E_26_A]</p>
			[E_27_A]	<p>-Comunicar com pessoas -Estar com amigos -Atividades de entretenimento [E_27_A]</p>	<p>“ Tão as vezes leio outras vezes falo com a minha irmã, com a minha mãe, as vezes vou sair com as minhas amigas e amigos, também costumo fazer algumas coisas tipo pintar ou tentar fazer algumas coisas é mais tentar fazer mas também tento aproveitar um tempo assim mais fora da internet para não depender tanto dela” [E_27_A]</p>
			[E_28_A]	<p>-Atividades de entretenimento - Estar com os amigos [E_28_A]</p>	<p>“ Leio, ouço música, estudo, sim também sair com amigos sim e acho que só” [E_28_A]</p>
			[E_29_A]	<p>-Realizar atividades com amigos -Atividades de entretenimento -Estudar [E_29_A]</p>	<p>“Então, gosto de ler, ver televisão, não sei se isso conta?!, gosto de ver televisão ah também gosto de passear com os amigos e assim essas coisas também estudo as</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					vezes quando calha mas acho que é só isso.” [E_29_A]
			[E_30_A]	-Atividades de entretenimento -Realizar atividades com os amigos -Praticar desporto [E_30_A]	“ Ah [pausa] por exemplo estou com os amigos no futebol, ajudo outros amigos na ah pronto que já trabalham na, profissões como produção de gado e assim tudo coisas por ai” “Ver filmes também, beber café com os amigos, praticar desporto.” [E_30_A]
		- O que falam quando estão <i>offline</i> .	[E_1_A]	- Quotidiano - Conteúdos da internet [E_1_A]	“Ah ... Coisas que se passam nas nossas vidas que achamos engraçadas, interessante ah coisas que andam a circular na internet, notícias, notícias! Variadas coisas!” [E_1_A]
			[E_2_A]	- Quotidiano [E_2_A]	Então, falamos, partilhamos um pouco dos nossos dias, da nossa vida escolar, da nossa vida quotidiana ah falamos um pouco de tudo, partilhamos, falamos dos nossos problemas, aconselhamo-nos, rimo-nos ah é isto, e normalmente, pronto alguns podem estar agarrados ao smartphone outros não, dependendo! [E_2_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_4_A]	- Quotidiano [E_4_A]	"Ah sobre tudo, sobre a escola, sobre a vida, sobre problemas ou não, coisas do dia-a-dia." [E_4_A]
			[E_5_A]	- Contam piadas [E_5_A]	"Ah brincamos contamos piadas, pronto é uma diversão" [E_5_A]
			[E_6_A]	- Quotidiano [E_6_A]	" Sobre o que aconteceu no dia-a-dia" [E_6_A]
			[E_7_A]	- Quotidiano [E_7_A]	" Coisas do dia-a-dia" [E_7_A]
			[E_8_A]	- Quotidiano - Política - Polémicas nas redes sociais - Conteúdos partilhados nos <i>media</i> [E_8_A]	"Falamos sobre tudo [risos] o que venha à baila, ah os assuntos da escola, os assuntos pessoais, os assuntos que também não nos dizem respeito [risos], ah política, sim quando aparecem algumas polémicas nas redes sociais, sim também o que vão partilhando os outros" [E_8_A]
			[E_9_A]	-Quotidiano - Conteúdos partilhados nos <i>media</i> [E_9_A]	"As vezes sim, outras vezes não, outras vezes falamos por exemplo quando saímos do teste vamos falar do teste, quando estamos a falar que aconteceu alguma coisa só as vezes quando vemos notícias no

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					Facebook ou no Instagram é que vamos falar sobre isso [E_9_A]
			[E_10_A]	-Quotidiano [E_10_A]	“Hum às vezes sobre a escola, sobre problemas do dia-a-dia e assuntos típicos da nossa idade [risos] e assuntos que surgem naturalmente” [E_10_A]
			[E_11_A]	- Sobre o futuro [E_11_A]	“ Os assuntos são temas variados, é desde coisas mesmo na brincadeira até coisas sérias também falamos coisas do futuro e assim e etc.” [E_11_A]
			[E_12_A]	- Falamos de tudo [E_12_A]	“ Falamos sobre tudo” [E_12_A]
			[E_13_B]	- Quotidiano [E_13_B]	“Epa problemas, a nossa vida, namoradas...” [E_13_B]
			[E_14_B]	- Quotidiano - Conteúdos da internet [E_14_B]	“Falamos muitas vezes dos trabalhos que temos para fazer da escola ah ah as novidades tipo fofoquices do que é que um fez ou assim, acaba por ser isso um assunto banal qualquer que venha.” “Não muito, pode ocorrer um dia por acaso alguém dizer ah tão e aquilo que partilhaste ou não sei o quê, mas não ocorre muitas vezes.” [E_14_B]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_15_A]	- Quotidiano [E_15_A]	"Hum muitas vezes falamos do que é que costumamos fazer, outras vezes dizem mal uns dos outros e assim." [E_15_A]
			[E_16_B]	- Quotidiano [E_16_B]	" Ah, eh ... agora sinceramente sobre raparigas, sobre coisas que acontecem no dia-a-dia, pronto nós moramos aqui numa vila relativamente pequena, falamos das coisas que acontecem por cá, as novas, ah como é que eide dizer, as, as NOVIDADES, acho que é só as redes sociais agora nesta altura as pessoas como é que eide dizer é um meio para conhecer raparigas novas, giras e para a escola às vezes também usamos as redes sociais, nós próprios, por exemplo a minha turma tem um grupo no Instagram, no Facebook, no Snap, só para coisas da turma, as vezes dá, dá jeito." [E_16_B]
			[E_17_B]	- Quotidiano [E_17_B]	"Epa tudo, tanto depressa tamos a falar da vida e de amizades e isso como estamos a falar de armários mas é mesmo assim uma transição assim repentina, uma questão de segundos, epa falamos mesmo de tudo." [E_17_B]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_18_B]</p>	<p>-----</p> <p>-Quotidiano -Notícias -Falamos de tudo [E_18_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Ah quando estou com os meus amigos <i>offline</i> o que é que falamos, falamos sobre tudo, falamos sobre tudo, tanto depressa estamos a falar, vou dizer a mesma expressão que ele disse, tanto estamos a falar de vida como do nada estamos a falar porque é que aquele armário é castanho, é estúpido mas falamos de tudo muitas vezes também falamos de mesmo de atividades, vamos ali vamos além, combinar coisas, combinar as coisas uns com os outros”</p> <p>“Sim, sim, sim claro, aquilo que vemos, as notícias que apanhamos lá, até porque se nós não falarmos com os nossos amigos sobre aquilo que nos chega até nós, notícias e tudo a vida não faz sentido não é a gente tem acesso a qualquer coisa aí agora lançaram o novo computador xpto e a gente [imperceptível] a gente ouve, conversa-se, fala-se [imperceptível] tá estragada e diz agora saiu um computador todo xpto” [E_18_B]</p> <p>-----</p>
			<p>-----</p> <p>[E_19_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Quotidiano [E_19_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Nós falamos praticamente sobre tudo, falamos de todas as coisas, falamos somos amigos à uma certa</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>intimidade, nós falamos de todas as coisas desde de tudo, porque é que o céu é azul”</p> <p>“Exatamente sobre o quotidiano, sobre ... sobre a escola. [E_19_B]</p>
			[E_20_B]	<p>-Raramente falam das redes sociais -Quotidiano [E_20_B]</p>	<p>“ E do que é que falamos de tanta coisa, raramente falamos das redes sociais”</p> <p>“Falamos sobre o quotidiano, falamos sobre temas que nos interessem uns aos outros.” [E_20_B]</p>
			[E_21_B]	<p>- Problemas da sociedade atual - Quotidiano [E_21_B]</p>	<p>“Temos acho que vários temas de conversa até problemas da sociedade atual, problemas da nossa escola, problemas que se passem connosco até ai acho que temos uma grande diversidade de temas” [E_21_B]</p>
			[E_22_B]	<p>- Problemas da sociedade atual - Quotidiano [E_22_B]</p>	<p>“Então falamos sobre o dia-a-dia sobre questões normais, muitas</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			----- [E_23_B]	----- -Conteúdos da Internet -Problemas da sociedade atual [E_23_B]	veze falamos sobre questões sociais” [E_22_B] ----- “Sobre o que falamos curiosamente acho que isto muda um pouco de geração para geração eu quando entrei para esta escola eu tinha uma geração em que conseguíamos falar sobre assuntos da atualidade e isso tem diminuído um pouco e o que eu tenho notado é que nos temos desleixado de assuntos mais importantes de falar da sociedade, falar das perspetivas de futuro pois acabam por se fechar um pouco porque não tem capacidade de alcançar certo objetivo e optam por não falar dele com medo que as pessoas criem certas expectativas e não o alcancem acabam por ficar um pouco mais desiludidas com elas mesmas, por isso nos neste momento falamos mais sobre as redes sociais, vamos falando sobre o estado em que se encontra o mundo atual mas não tanto como se falava a dois anos atras ou a três anos atras. [E_23_B]
			----- [E_24_B]	----- - Problemas da sociedade atual -Quotidiano [E_24_B]	----- “Acho que isso falamos um bocadinho sobre pronto sobre os assuntos as vezes sobre os

					<p>momentos que mostram mais interesse, sobre a sociedade algumas vivências que já tivemos partilhamos algumas coisas que gostávamos de fazer, começamos a partilhar histórias e coisas entre nós.” [E_24_B]</p>
			[E_25_A]	-Quotidiano	<p>“ Sobre coisas que nos acontecem no dia-a-dia ah algum assunto do momento” [E_25_A]</p>
			[E_26_A]	-Quotidiano [E_26_A]	<p>“Então ah brincamos assim uns com os outros, metemo-nos uns com os outros, falamos do que se passa nos dias de hoje, de coisas da escola, as vezes se houver alguma coisa costumamos falar sobre isso” [E_26_A]</p>
			[E_27_A]	-Sobre o futuro [E_27_A]	<p>“ Basicamente e falamos sobre MUITAS coisas, as vezes fazemos pequenos debates, damos as nossas opiniões, falamos sobre as coisas que queremos fazer, ainda por cima agora no nono ano aquilo que vamos seguir ou também aquilo que vamos fazer no décimo segundo as nossas ideias o que costumamos fazer no dia-a-dia o que se passou o que passa” [E_27_A]</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_28_A]	-Quotidiano [E_28_A]	“Falamos sobre o quotidiano, coisas da [impercetível] e a conversamos ficamos a vontade num sitio e conversamos” [E_28_A]
			[E_29_A]	- Quotidiano - Conteúdos da internet [E_29_A]	“ Falamos sobre a nossa vida não sei quê, a maior parte das vezes eu sinto que falamos de coisas que nós vemos <i>online</i> coisas dessas mas é basicamente só isso” [E_29_A]
			[E_30_A]	-Sobre a vida [E_30_A]	“ Isso é complicado, ah muita coisa se calhar a maior parte das vezes sobre futebol e coisas assim também é normal acho eu, mas de resto é um bocado complicado” “Nesta altura andamos a falar muito sobre a vida, o que é que cada um vai fazer a seguir a isto e o que cada um quer ser” [E_30_A]
		- Utilização dos dispositivos <i>offline</i> .	[E_6_A]	- Comunicar - Para atualização própria [E_6_A]	“Às vezes! Hum no caso de alguém ligar ou mandar mensagem estar a par do que aconteceu. Estou ... a atualizar-me vá consoante o que estiver a pensar ir fazer.” [E_6_A]
			[E_7_A]	-Smartphone - Para atualização própria [E_7_A]	“O smartphone , sim, sim gosto de ir vendo [o que está a acontecer] ” [E_7_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_8_A]	- Não gosta de utilizar [E_8_A]	“Ah não, eu não! [risos], Gosto de estar, quando estou com alguém gosto estar com alguém mesmo, não é a olhar para o ecrã.” [E_8_A]
			[E_9_A]	- Smartphone - Comunicar - Aceder as redes sociais através dos dados móveis -Atividades de entretenimento -Smartphone [E_9_A]	“ O smartphone, porque estou mesmo ligada ao smartphone , o telemóvel dantes eu era capaz de viver sem o smartphone mas agora já estou mesmo agarrada. Dá para falar com os meus amigos, posso aceder as redes sociais através dos dados móveis, pronto basicamente, por vezes posso jogar no smartphone , basicamente é isso.” [E_9_A]
			[E_10_A]	- Smartphone - Atividades de entretenimento - [E_10_A]	“O smartphone, ah tirar fotografias, ouvir música, mensagens e vídeos também é isso, acho que é mais um vício” [E_10_A]
			[E_11_A]	- Smartphone -Comunicar [E_11_A]	“O smartphone só, Pois, ah mesmo que eu esteja com outros amigos posso estar a receber mensagens de outras pessoas ou mesmo dos meus pais, por aí mas geralmente não, não estou ligada à internet quando estou com eles.” [E_11_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			----- [E_12_A]	----- -Quase nunca utiliza - Comunicar - Smartphone [E_12_A]	----- “ Quase nunca, quando utilizo é porque recebo alguma mensagem ou assim qualquer coisa. Porque prefiro estar a falar quando estou com os meus amigos e não mexer no smartphone.” [E_12_A]
			----- [E_13_B]	----- - Smartphone -Comunicar [E_13_B]	----- “Smartphone, quando não estou <i>online</i> o telemóvel, mensagens. Se calhar no caso mais extremo, ah não sei o quê E_13 anda ter a casa, as x horas está em casa, mas é só.” [E_13_B]
			----- [E_14_B]	----- - Tendência a não mexer no dispositivo -Smartphone	----- “ Hum não, acho que não. Não sei é um dispositivo tecno, por exemplo se tiver o smartphone se não for para estar numa rede social ou quer que seja, mesmo as minhas próprias mensagens quase não mando mensagens acaba muito por ser a base das redes sociais quando não estou a utilizar, quando estou <i>offline</i> então não costumo ter, não costumo ter a tendência de mexer “ [E_14_B]
			----- [E_15_A]	----- -Está sempre no Smartphone [E_15_A]	----- “ Sim, Porque tenho o hábito de estar, estar sempre no smartphone e as vezes esqueço-me que estou

			<p>-----</p> <p>[E_16_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tendência a não mexer no dispositivo - Smartphone -Se tiver aborrecido - Utiliza sozinho [E_16_B] 	<p>-----</p> <p>com eles e continuo também. [E_15_A]</p> <p>-----</p> <p>“ É muito raro mexer no telemóvel, é mesmo muito raro até porque não gosto, não gosto de estar a falar para alguém e essa pessoa estar a mexer no smartphone , é DETESTO mesmo, ou estamos os dois a mexer no smartphone ou então não, não bate certo.</p> <p>“Depende [risos] se tiver, se tiver aborrecido e sem nada para fazer sim estou sempre a mexer no telemóvel, agora se tiver por exemplo sozinho hum acaba também por ser também um aparelho tecnológico mas por exemplo se estiver sozinho em casa se calhar em vez de estar no smartphone ou no computador, gosto de estar a ver televisão. Hum sozinho não tenho esse hábito de estar sempre a mexer no smartphone.” [E_16_B]</p>
			<p>-----</p> <p>[E_17_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Smartphone - Comunicar - Ver as horas -Aceder à internet <p>[E_17_B]</p>	<p>-----</p> <p>“ Ah sim eu ando sempre com o smartphone ”</p> <p>“Sei lá porque posso precisar de falar com pessoas que não estão comigo no momento, para ver as horas, para estar sempre</p>

					<p>contactável, podem precisar de mim eu posso precisar dos outros”</p> <p>“Se for é para ver se tenho mensagens, ver se alguém me ligou, ou então por exemplo as vezes uso estamos de conversa e tal queremos um exemplo ah vamos lá ver isto ali à internet, pego no smartphone vemos e confirmamos, fazemos muitas vezes isso.” [E_17_B]</p>
			[E_18_B]	<p>-----</p> <p>- Smartphone -Comunicar [E_18_B]</p>	<p>-----</p> <p>“O smartphone anda sempre comigo, sempre, sempre, sempre, o telemóvel anda sempre comigo, faz-me muita falta devido a ao estilo de vida às complexidades mais profundas que vai havendo na minha vida não é, nomeadamente a atividade Y e tudo mais acabo por muita vez ter de andar mais agarrado ao telemóvel, estou sempre a receber telefonemas, a receber mensagens a “chatearem-me” e acabo sempre por usar muito o smartphone por tanto.” [E_18_B]</p>
			[E_19_B]	<p>-----</p> <p>- Smartphone -Atividades de entretenimento [E_19_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Claro, o smartphone está sempre comigo, mesmo quando não é necessário, música também gosto muito de ouvir por isso o mp3 também está sempre comigo, os</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p><i>phones</i> também estou sempre com eles de modo a otimizar as coisas.” [E_19_B]</p>
			[E_20_B]	<p>- Televisão - Smartphone</p> <p>- Utiliza Sozinho - Smartphone [E_20_B]</p>	<p>“ [pausa] ah sim a televisão, basicamente sim acho que é só a televisão” “Ah sim uso [o smartphone] quer dizer quando estou com os meus amigos menos quando estou sozinho claro, quando estou sozinho uso muito o smartphone ah não sei bem porque é que faço, acho que já sinto uma necessidade de ver outra coisa de estar a passar outra coisa, estar a mexer noutra coisa” [E_20_B]</p>
			[E_21_B]	<p>- Atividades de entretenimento - Comunicar [E_21_B]</p>	<p>“ As vezes uso o smartphone para tirarmos umas fotos ou assim também mesmo estando <i>offline</i> uso o smartphone para falar por mensagens com alguém ou ligar a alguém e é só” [E_21_B]</p>
			[E_22_B]	<p>- Smartphone - Pesquisa [E_22_B]</p>	<p>“Algumas vezes sim o smartphone , grande parte das vezes utilizo quando estou com os meus amigos principalmente tento não o fazer porque é para estarmos todos juntos em convívio e a conversarmos”</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“ Sei lá de vez enquanto por alguma dúvida que tenhamos ou alguma pessoa que pesquisamos ou assim é por isso basicamente.” [E_22_B]</p>
			[E_23_B]	<p>- Smartphone - Comunicar [E_23_B]</p>	<p>“Ah o smartphone as vezes por qualquer mensagem ou qualquer chamada que não implique estar ligada propriamente o <i>online</i> pronto” [E_23_B]</p>
			[E_24_B]	<p>- Entretenimento - Conhecer pessoas [E_24_B]</p>	<p>“Depende as vezes pronto podemos estar numa conversa entre amigos e lembramo-nos de um assunto e dizem logo se calhar vamos ali aquela pessoa é esta e acabamos por mostrar aquela pessoa mas tentamos não estar muito com as tecnologias porque se é para estarmos também a socializar entre nós não é para estarmos um bocadinho a parte e nos tornarmos dependentes das tecnologias.” [E_24_B]</p> <p>“Porque acho que por vezes também nos também é assim tem coisas más mas também tem coisas boas aprendemos coisas e também tem vantagens portanto também é um bocadinho acho que é um bocadinho para estarmos distraídos e para estarmos um bocadinho a parte também ca, conseguimos</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					conhecer outras pessoas acabamos por socializar dessa forma." [E_24_B]
			[E_25_A]	- Não utiliza o dispositivo <i>offline</i> [E_25_A]	"Quando estou <i>offline</i> não, normalmente não "
			[E_26_A]	- Smartphone - Comunicar - Entretenimento [E_26_A]	"Tão porque quando estou <i>offline</i> não há tantas coisas para fazer, não há tanto interesse especialmente quando estou com os meus amigos." [E_25_A]
			[E_27_A]	-Comunicar [E_27_A]	"As vezes, o smartphone, por exemplo para ligar a minha mãe para me vir buscar ah as vezes para jogar quando não há assim nada para fazer" [E_26_A]
			[E_28_A]	- Falta de integração [E_28_A]	"As vezes não muito, só ver se alguém me mandou alguma mensagem só assim" [E_27_A]
			[E_29_A]	- Smartphone -Hábito [E_29_A]	"Hum as vezes só, ah posso não estar muito integrada la na conversa ou assim" [E_28_A]
					"Ah normalmente sim o meu smartphone "
					"Não sei, não é tanto mas não sei assim acho que é o hábito, estou

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					habituada a utilizar então, cada vez ais utilizo” [E_29_A]
		- Forma como se relacionam	[E_30_A]	- Tentam não usar muito [E_30_A]	“As vezes mas tentamos não usar muito porque pronto já passamos maior parte do tempo com, já que estamos com eles desviar um bocado.” [E_30_A]
			[E_5_A]	- Relacionam-se bem [E_5_A]	“Ai eu acho que me relaciono bem, porque eu dou-me bem com toda a gente, e faço muitas piadas e as pessoas riem-se.” [E_5_A]
			[E_6_A]	-Mais fácil via virtual [E_6_A]	“Acho que é mais fácil via virtual [risos]” [E_6_A]
			[E_7_A]	- É melhor o contato face a face [E_7_A]	“Não, é melhor o contato do que via internet” [E_7_A]
			[E_8_A]	- Relacionam-se menos - Ganham dependência [E_8_A]	“ Não, acabam por se relacionar menos e ganhar uma dependência só a falar com as pessoas nesses dispositivos” [E_8_A]
			[E_9_A]	- Pouca comunicação face a face - Falam lado a lado via sms [E_9_A]	“Acho que as pessoas antigamente falavam mais umas com as outras, acho que ah vá se divertiam mais umas com as outras do que é agora, porque agora, usamos os smartphones e em vez de estarmos a falar mais a s vezes, estamos ao

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_13_B]	-Falta de abertura para outras atividades	lado da pessoa e a falar por mensagem.” [E_9_A] “Hum acho que se calhar a sua utilização excessiva pode não dar tanto, abrir tantos os horizontes para ler um livro, fazer outras coisas.” [E_13_B]
Novos dispositivos Tecnológicos	→ Online e offline	- Avaliação dos adolescentes sobre a utilização dos dispositivos.	[E_1_A]	- É bom - Acesso a redes sociais - Facilidade de comunicação	“É bom!” “Então temos acesso a muita coisa que não tínhamos antes [hum” “As redes sociais, por exemplo! Isto antes era impossível por exemplo fazeres chamadas com outras pessoas, chamadas de vídeo com outras pessoas longe e isso agora é possível, é uma coisa boa, conseguimos ter acesso a muitas coisas que antes não eramos capaz!” [E_1_A]
			[E_2_A]	- É bom - Utilização deve ser moderada - Falta de contato entre as pessoas - Falta de comunicação [E_2_A]	“Acho que as tecnologias é uma boa ferramenta para nós consultamos, mas acho que devemos ter ah um pouco de peso e medida daquilo que usamos, não pode ser nem de mais nem de menos, tem que haver ali assim um equilíbrio, porque se é demais estamos a entrar num

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_3_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Utilização é boa e má [E_3_B]</p>	<p>mundo sozinho só para nós, estamos sempre agarrados aos dispositivos, o contato social perde-se, não há comunicação, as pessoas hoje em dia ah até mesmo em casa a televisão vem tirar talvez muita comunicação entre as pessoas, pelas famílias, veio roubar alguma comunicação e é isto, acho que deve de haver um termo e medida para a utilização das tecnologias.” [E_2_A]</p> <p>-----</p> <p>“É, então é assim ah, quando estamos afastados é bom, porque, porque mantém o contato entre nós, mas quando estamos juntos ah, pode ser um bocado mau, porque em vez de estarmos a falar pessoalmente estamos todos agarrados no smartphone e acaba por ser um bocado desconfortável para a pessoa que não está com esse mesmo interesse ou, sei lá, é, mas por exemplo mas depois também é bom, no, nos trabalhos porque, costumamos também trabalhar muito em grupo e quando não temos o computador à mão utilizamos o smartphone , então para tirar algumas dúvidas porque, por exemplo, nós agora fazemos muitos debates sobre assuntos e depois para irmos pesquisar</p>
--	--	--	-----------------------------	---	--

					<p>informação ah utilizamos o smartphone em certa parte é bom porque, enriquece o nosso conhecimento, mas depois tem essa parte da comunicação muito pessoalmente entre as pessoas em que acaba por ser, acaba por nos tornar monótonos, acho que é isso.” [E_3_B]</p>
			[E_4_A]	<p>- Estão viciados - Falta de noção de utilização -Facilidade de comunicação [E_4_A]</p>	<p>“Eu acho que os adolescentes estão muito viciados na, nas redes sociais e nos smartphone e acabam por não aproveitar um pouco a vida e as coisas de bom que há para fazer sem ser estar o dia inteiro em frente a um ecrã.” [E_4_A]</p> <p>“Eu acho que, em termos de nas redes sociais as pessoas não têm muita noção, daquilo que fazem ou acabam por falar muito no, no, nas redes sociais mas depois no dia-a-dia não se calhar capazes de chegar ao pé de uma pessoa e dizer olá, essas coisas assim. [E_4_A]</p>
			[E_5_A]	<p>- É um vício - Excesso de utilização da internet</p>	<p>“É um vício [Risos] porque usamos muito a internet e devíamos desligar-nos mais um bocado, estamos a perder a beleza das coisas [risos].” [E_5_A]</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_6_A]	- Facilidade de socialização [E_6_A]	“ Que são muito influenciados pelo que, pela tecnologia, porque é agora o que está a dar vá, que toda a gente usa, hum e é uma maneira mais fácil de socializar com as pessoas, acho eu.” [E_6_A]
			[E_7_A]	- É mau [E_7_A]	“É muito utilizado, é mau.” [E_7_A]
			[E_8_A]	- Excessiva - Vício / dependência” [E_8_A]	“Excessiva, não sei as pessoas criaram um vício as tecnologias uma dependência” [E_8_A]
			[E_9_A]	- Excessiva - Dependência	“Se calhar um bocado excessiva, porque acho que nós agora já estamos mais dependentes dos smartphones, qualquer coisa vamos ao telemóvel “ [E_9_A]
			[E_10_A]	- Excessiva - Vício [E_10_A]	“Acho que acabamos por exagerar, acho que se tornou mesmo um vício, é mesmo as vezes pegar no telemóvel por pegar mesmo que não estejamos a fazer nada é mesmo pegar por pegar é um vício. A parte do smartphone é mau, porque lá está é um vício e eu pego no telemóvel por pegar mesmo que não tenha nada para fazer” [E_10_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_11_A]	- Excessiva - Falta de comunicação [E_11_A]	"Acho que sinceramente é um abuso. Porque atualmente dá-se demasiada importância a isso e as vezes deixa-se de lado coisas mais importantes tipo o convívio mesmo cara a cara." [E_11_A]
			[E_12_A]	-Vício - Falta de comunicação [E_12_A]	" Pronto os adolescentes estão muito adictos, acho que as tecnologias tem muita influência sobre eles, muitas vezes abdicam de fazer coisas, estar com alguém e por exemplo estar num grupo de amigos e uma pessoa estar no telemóvel ou outras pessoas, logo acontece as pessoas por exemplo estar numa mesa de amigos e estarem todos no smartphone pronto é isso." [E_12_A]
			[E_13_B]	- Bom e mau - Acesso a informação [E_13_B]	"Epá acho que é um bocado as duas [bom e mau] porque é bom estarmos informados, também é mau estarmos informados demais." [E_13_B]
			[E_14_B]	-Positivas / Negativas - Acesso a informação - Vício	" Eu acho que tem vertentes positivas e negativas, as positivas estão relacionadas com ... isto

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

				[E_14_B]	acaba por ser um pouco contraditório, por um lado a facilidade do acesso à informação tudo isso é muito benéfico, por outro lado acho que também nós acabamos por estar tão viciados ou tão dependentes que já não sabemos fazer outra coisa.” [E_14_B]
			[E_15_A]	- Falta de estudo [E_15_A]	“ Acho que as pessoas vá, estraga mais ou menos a vida de algumas pessoas porque passam mais tempo no, nessas coisas do que estudam. [perspetiva positiva] as informações basicamente isso.” [E_15_A]
			[E_16_B]	- É mau [E_16_B]	“Epá isto é assim, cada vez, à dez ou vinte nos atrás isto não era metade do que é hoje e, e se calhar daqui para a frente ainda se vai tornar ainda mais sei lá Mau, sem dúvida mau, mau porque eu próprio utilizamos essas novas, utilizo tudo mesmo utilizando essas tecnologias todas sei distinguir quando é que as devo usar e quando é que não as devo usar e conheço bastantes, muitas, muitas, muitas pessoas que como eu próprio estava a dizer tenho amigos que, eu próprio tenho que os mandar desligar o telemóvel ali ao pé de mim porque não são

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					capaz, eu estou a falar para eles e eles levam o tempo a olhar para o smartphone e eu a mim isso descontrola-me logo. É assim costuma-se dizer que tudo o que é demais enjoa e é assim se for usado como deve ser usado, acho que não faz mal a ninguém, eu também as uso, agora tudo o que é em excesso para mim não. “ [E_16_B]
			[E_17_B]	- Excessivo - Vício [E_17_B]	----- “Um abuso [riso]” “Não falo de mim eu, eu, eu não abuso e sou um meio-termo, mas epa há pessoas que passam os dias agarradas ao smartphone, estão em família por exemplo, agora já não estou a falar de amigos estou a falar de família que se vê poucas vezes por ano e epa estão sempre no smartphone a ver coisas e a fazer coisas que podiam estar a fazer noutra altura qualquer, mas parece que estão agarrados aquilo parece que não largam, é é é um abuso” [E_17_B]
			[E_18_B]	- Excessivo - Falta de comunicação - Rapidez/facilidade de acesso à informação [E_18_B]	----- “Abusiva, muito abusiva, a chegar a pontos de eu apesar de receber muita chamada e muita mensagem por vezes quando estou com amigos ou em família eu nem vou

					<p>ver quem me está a ligar recebo, sinto o smartphone a vibrar e simplesmente carrego no botão agora vou dizer em inglês <i>Snooze</i> e pronto ele fica lá a tocar sozinho e eu nem se quer vou ver quem me está a ligar, simplesmente não me interessa, mas muito jovens preferem logo ir ver e falar e logo ir e depois, ei vai lá vera aquilo ao Facebook, mas é abusivo deixam de estar com os familiares e com os amigos só para estarem na internet, considero que é abusiva apesar de eu utilizar muito frequentemente ah certos momentos inibo-me a mim próprio de o fazer, posso abusar também um pouco sei disso mas não consigo evitar”</p> <p>“Claro que há é tudo muito mais rápido, uma fotografia chega daqui à China em segundos e fotografias da China aqui é outros segundos, claro que há, há muita coisa boa na tecnologia se nós a soubéssemos usar então era maravilhosa.” [E_18_B]</p> <p>-----</p> <p>“Atualmente é muito abusiva, é muito, é o extremo o meu sobrinho tem cinco anos e quando ele, ele, ele não consegue jantar sem ver televisão, ele o miúdo fica um</p>
			[E_19_B]	- Excessiva	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_20_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Excessiva - Falta de comunicação - Acesso à informação <p>[E_20_B]</p>	<p>bocado passado quando isso não acontece ele já tá a crescer com isso, eu sinto que não cresci tanto com isso porque, na minha época não era tão comum, mas agora está muito excessivo.”</p> <p>“Ah claro que sim eu estudo pelo smartphone, eu leio livros pelo smartphone, vejo filmes faço quase tudo pelo smartphone há muita coisa boa, acho que há mais coisas positivas que negativas só que nós pesamos muito nesse lado claro que temos que nos preocupar com os aspectos negativos mas louvar os positivos” [E_19_B]</p> <p>-----</p> <p>“Acho que tão, tão a ser utilizadas de uma forma exagerada, muito, muito, muito exagerada e acho que isso depois vai, afeta as nossas relações com os outros porque, parece que dimi, diminui a nossa facilidade de nos relacionarmos com os outros, começamos a relacionar-nos só conosco próprios e deixamos um bocadinho, deixamos de dar importância às conversas e esse tipo de coisas. “</p> <p>“Claro que há aspectos positivos, há um maior conhecimento,</p>
--	--	--	------------------------------	---	--

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					adquirimos também muito conhecimento através das redes sociais, podemos estar em contato com pessoas que não podem estar em contato direto connosco, isso também é bom, também tem aspetos positivos. “ [E_20_B]
			----- [E_21_B]	----- - Excessiva [E_21_B]	----- “ Acho que é excessiva, e nós não temos muita noção disso eu por exemplo também as vezes não tenho só quando começo a falar sobre isto é que tenho a noção do uso excessivo do meu smartphone l do computador e outros dispositivos.” “Porque as vezes até dou por mim tipo a tentar mexer em alguma coisa ou quando não estou com o smartphone onde é que ele tá e preciso de mexer às vezes tipo não tenho nada para fazer e vejo que não tenho mesmo nada para fazer e vou para o smartphone não encontro alguma coisa para fazer sem estar a mexer no smartphone ” [E_21_B]
			----- [E_22_B]	----- - É bom [E_22_B]	----- “De um modo geral depende muito do objetivo que a pessoa tenha ao utilizar as redes sociais porque muitas das vezes o objetivo não é

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_23_B]</p>	<p>-----</p> <ul style="list-style-type: none"> - Excessiva - Falta de comunicação [E_23_B] - Acesso à informação 	<p>pesquisar informação ou conhecer outras pessoas ou ver pessoas que estejam longe mas no geral acho que as pessoas utilizam de uma forma positiva.” [E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>“Excessiva”</p> <p>“Porque eu própria sou adolescente e vejo que ao estar ligada a isto perco um pouco o contato social mas também perco um pouco o contato com o mundo global porque por muito que eu queira estar ligada aos telejornais aos tais artigos que saem na internet sobre pronto sobre tudo tenho mais a curiosidade de investigar aquilo que aquele anda a fazer o que o outro anda a fazer e acho que nos desligamos um pouco daquilo que é importante porque nos começamos a viciar [imperceptível] não é se calhar o correto e eu admito isso, tenho noção que para ao ano quando chegar a facultade vou chegar a um mundo em que as pessoas estão mais atualizadas que eu e isso vai ser o impulso para que eu chegue lá e perceba ok eu tenho de me atualizar por isso vou fazer um esforço por isso” [E_23_B]</p> <p>“ Há porque eu tanto vejo isto pelo lado negativo de estar sempre</p>
--	--	--	------------------------------	--	---

					<p>atenta e andar a ver as fotografias dos outros como também vejo pelo outro lado de eu não ter tempo se calhar de me sento uma hora a ver o telejornal e de manhã quando me levanto eu acedo à notícia sabendo mais ou menos o que vai acontecendo ou o que não vai acontecendo, é bom quando o tempo é escasso.” [E_23_B]</p>
			----- [E_24_B]	- Dependência [E_24_B]	----- “ Acho que há pessoas que estão já a criar uma grande dependência se calhar se agora fossem retirar as tecnologias muita gente não conseguia viver sem as tecnologias e muitos jovens têm essa tendência.” [E_24_B]
			----- [E_25_A]	- Falta de limites [E_25_A]	----- “ Tão as vezes não é muito bem usada não é?! Tudo tem os seus pontos positivos e negativos há pessoas que exageram um bocadinho e não sabem diferenciar depois saber parar e saber os limites das coisas” [E_25_A]
			----- [E_26_A]	- Boa / Má [E_26_A]	----- “Depende dos objetivos que querem com essas tecnologias, por exemplo se tiverem assim uma boa

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_27_A]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>- Dependência - Acesso a informação [E_27_A]</p> <p>-----</p>	<p>intenção, ah ficarem assim atentos ao que se passa acho isso uma boa utilização por parte deles, mas se assim outras intenções” “Por exemplo meterem-se com pessoas que não conhecem e essas coisas assim” [E_26_A]</p> <p>-----</p> <p>“Podia ser mais positiva porque hoje em dia acho que já dependemos demasiado da internet em termos de que as vezes não conseguimos fazer coisas sem a internet ou assim no geral, mas também é positiva é as duas partes” “Porque temos acesso a mais coisas, ao que se passa no mundo muito mais fácil, as vezes não precisamos de sair de casa para saber as coisas, quando é trabalhos temos a informação esse tipo de coisas.” [E_27_A]</p> <p>-----</p>
			<p>-----</p> <p>[E_28_A]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>- Excessiva - Facilidade de comunicação [E_28_A]</p> <p>-----</p>	<p>-----</p> <p>“Ah hum acho que é ... bastante utilizada, demais” “Ah porque as pessoas estão sempre no smartphone, em vez de estarem com os amigos ou mesmo sozinhas e pegam no smartphone mesmo lado a lado e em vez de estarem a conversar ou assim”</p> <p>-----</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“Pode-se conversar com pessoas que não estejam ao pé de nós e partilhas gostos fazer mais amigos” [E_28_A]</p>
			[E_29_A]	<p>- Dependência - Acesso a informação [E_29_A]</p>	<p>“Tem coisas boas e coisas más como tudo na vida, mas acho que principalmente são coisas que mais, acho que nós cada vez mais agarrados a isso mas isso não tem coisas, não é tudo mau, tem coisas boas por exemplo eu acho que se não fosse a tecnologia nos não tínhamos acesso a novas culturas coisas que nos aprendemos no dia-a-dia e isso também tem, tem coisas boas.” [E_29_A]</p>
			[E_30_A]	<p>- Falta de comunicação - Acesso a informação [E_30_A]</p>	<p>“ Penso que ... tá a ser como e que eu eide dizer, tá, tá a tomar proporções um bocado estranhas par o que se devia querer, penso que é a tal situação que isso fala-se muito também que é tão num grupo de amigos e não falam uns com os outros, há vários casos desses eu conheço vários casos desses todas as noite ou todos os dias por exemplo tão a mexer no telemóvel e não falam uns com os outros.”</p> <p>“ Não sei, sei lá, a notícias as informações que queremos saber a tudo isso é positivo.”</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

		<p>-----</p> <p>- Avaliação da própria utilização dos dispositivos.</p>	<p>-----</p> <p>[E_1_A]</p> <p>-----</p> <p>[E_2_A]</p> <p>-----</p> <p>[E_3_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Boa e má [E_1_A]</p> <p>-----</p> <p>-Gosto pela utilização dos <i>media</i> sociais</p> <p>-----</p> <p>-Razoável [E_3_B]</p>	<p>[E_30_A]</p> <p>-----</p> <p>Isso pode ser uma coisa boa como uma coisa má né! [E_1_A] “É bom porque como já disse conseguimos ter acesso a muita coisa e é mau porque ... então ... pode prejudicar de alguma forma!” [E_1_A]</p> <p>-----</p> <p>“No meu caso gosto, gosto, gosto de utilizar as redes sociais, a tecnologia GOSTO muito, mas digamos que não sou uma pessoa fanática e se tiver que passar um dia sem lá ir mexer não mexo, mas tenho de ter alguma coisa para não lhe ir mexer estar ocupado durante todo o dia, não tar, porque estou parado tenho mais tendência a ir lá mexer-lhe e é isto.” [E_2_A]</p> <p>-----</p> <p>“Razoável, assim mais ou menos é ... É assim por exemplo, na, nas, quando, quando estou com as outras pessoas EU tento evitar, e não ir ao telemóvel, mas só que depois, mas só que depois de vez em quando, quando falta assunto de conversa, é hum é quando a gente agarra no telemóvel a ver, sei lá as ver as novidades a ver se nos</p>
--	--	---	---	--	--

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>entretamos com alguma coisa e isso se calhar acaba por ser um bocado mau, mas pronto, por acaso o telemóvel não é uma coisa em que eu dê muita importância, consigo passar bem sem ele, mas quando é assim essas situações em que não se tem nada para fazer é quando se [risos] começa a recorrer ao telemóvel.” [E_3_B]</p>
			----- [E_4_A]	----- -Utilização reduzida [E_4_A]	----- “Eu acho que não sou das pessoas que utiliza mais, eu utilizo poucas vezes porque eu não tenho necessidade de usar! Não tenho necessidade de utilizar essas coisas no dia-a-dia, sei que há outras coisas melhores para fazer e eu gosto de aproveitar o meu tempo.” [E_4_A]
			----- [E_5_A]	----- - Excessiva [E_5_A]	----- “Ah podia usar menos, porque acho que uso demais e pronto acho que é só.” [E_5_A]
			----- [E_6_A]	----- - Utilização moderada [E_6_A]	----- “O tempo costuma ser pouco, nunca é um período de tempo muito longo. Máximo uma hora, porque, porque vou, vou partindo o tempo, agora uns minutos, e depois

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					no fim de um bocado vou outra vez a assim” [E_6_A]
			[E_7_A]	- Utiliza muito [E_7_A]	“Ah às vezes o smartphone utilizo muito” [E_7_A]
			[E_8_A]	- Reduzida [E_8_A]	“Reduzida, porque, não, não quero criar um vício [risos] e gosto da natureza e em vez de, de ir ver o que os outros fazem” [E_8_A]
			[E_9_A]	-Excessiva - Envio de <i>sms</i> para amigos quando estão juntos [E_9_A]	“ Provavelmente excessiva também, eu faço o que referi à bocado eu estou ao pé dos meus amigos e estou a mandar mensagens para eles, ah depois também vá eu estou a falar com os meus pais e a mexer no smartphone, é um bocado falta de educação mas já estou tão pegada a ele que é hábito” [E_9_A]
			[E_10_A]	- Vício e gosto [E_10_A]	“Se for do computador é porque gosto, smartphone é um bocadinho vício ah a televisão também e acho que é só.” [E_10_A]
			[E_11_A]	- Utilização moderada [E_11_A]	“É assim acho que não sou das piores pessoas, acho que não sou das pessoas que abusa mais dos, na utilização mas tenho a consciência

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					que também às vezes é demais.” [E_11_A]
			[E_12_A]	- Sabe controlar-se - Vício -Gosto pela utilização dos <i>media</i> sociais [E_12_A]	“Eu sei-me controlar porque eu sei separar o tempo para estar no smartphone, o tempo para estar com os amigos e o tempo para estudar por isso, sou um bocado viciada, nem é bem viciada porque eu sei controlar-me mas sim tenho essa tendência a estar nas redes sociais.” [E_12_A]
			[E_13_B]	- Excessiva [E_13_B]	“ Epá acho que se pudesse, se conseguisse largar mais o telemóvel fazer menos coisas ao smartphone. Não sei, se calhar não sei se é hábito, mas é mais necessidade ah não há nada para fazer vamos lá espreitar um bocadinho” [E_13_B]
			[E_14_B]	-Excessiva [E_14_B]	“ Eu acho que utilizo um pouco em excesso ah mas também sei que quando preciso de estar desligada disso consigo fazer e estou, mas acho que sim que devíamos utilizar menos porque as vezes dou por mim até já nos rimos, as vezes estamos num grupo de amigos e está tudo no smartphone, olhe para onde quer que seja e não estamos a falar entre nós então, acaba por ser,

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					quando damos conta é um bocado constrangedor para todos.” [E_14_B]
			[E_15_A]	- Deixar de estudar [E_15_A]	“ Deixo de estudar menos e passo a estar no Facebook e assim, porque as vezes não me apetece estudar” [E_15_A]
			[E_16_B]	- É boa [E_16_B]	“ No meu caso é boa porque, ah até mesmo ah, é muito raro os meus pais dizerem-me para largar isto ou aquilo ou smartphone ou computador ah uso como acho que toda a gente usa, uso quando tenho de usar e deixo de usar quando tenho de deixar de usar, não vejo assim grandes barreiras, limitações que possibilita. [E_16_B]
			[E_17_B]	- Utilização moderada -As vezes abusa [E_17_B]	“ Um bocado mais moderada, as vezes abuso uma pessoa distrai-se e abusa um bocadinho, mas é um bocado mais moderada, a necessidade vá epa está nas nossas vidas e é normal que a gente use, é um aparelho que é útil, ainda se não fosse tipo se fosse um aparelho desnecessário” [E_17_B]
			[E_18_B]	-Excessiva - As vezes abusa	“Como eu disse a pouco um bocado abusiva, abuso um bocado tenho

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

				[E_18_B]	<p>noção disso, tenho noção que abuso por vezes sou obrigado a faze-lo outras vezes distraio-me e já o estou a fazer já estou a abusar mas tenho noção que o faço, corto logo e largo logo o smartphone por exemplo até mesmo as vezes com as minha namorada, as vezes estamos os dois juntos eu dou por mim e ela está no telemóvel ou eu estou no smartphone e chateio-me logo [impercetível] e o tempo que passo com ela já é pouco”</p> <p>“ Isso é raro acontecer, isso é raro acontecer porque quando estamos à qualquer coisa que, que dispara de mim e tão mas tu es parvo o que é que estas a fazer? Não faz sentido nenhum tás com a tua namorada cada um para seu lado, claro que se calhar já aconteceu uma vez ou duas mas evito ao máximo esse tipo de situações como eu estar, ou ela estar ou estarmos os dois.”</p> <p>[E_18_B]</p>
			[E_19_B]	-É excessiva [E_19_B]	<p>“É excessiva a minha mãe está sempre a reclamar comigo em relação a isso, diz que eu não saio do smartphone, mas eu faço tudo pelo telemóvel desde falar com os meus amigos sobre coisas da escola, desde estudar ler livros eu faço tudo</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>por lá é normal que passe lá tempo. Eu acho que não seja negativo eu acho que é positivo, mas é excessivo eu devia dar mais importância a coisas tipo, as vezes estou lá em casa estou no smartphone em vez de estar a falar com a minha mãe, são coisas assim, é excessivo mas não deixa de ser positiva.” [E_19_B]</p>
			[E_20_B]	-Utilização moderada [E_20_B]	<p>“A minha utilização não é muita, muita, muita, mas podia ser menor, as vezes dou por mim com os meus amigos a mexer no smartphone e e pronto acho que devia aproveitar melhor esse tempo.” [E_20_B]</p>
			[E_21_B]	- Excessiva	<p>“Mais uma vez também é excessiva, acho que agora com o crescimento e com o avançar da idade diminuámos um bocado essa utilização mesmo que esta a sociedade e o nosso tempo a nossa época a nossa geração seja a geração da utilização do smartphone e assim, mas eu acho que nossa geração, a minha por exemplo já usa menos o telemóvel que a geração que veio a seguir de mim, acho que sei ter conversas com os meus colegas sem ter de estar a mexer no smartphone , já sei comunicar com eles já sei fazer outras coisas para além de estar a</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>mexer no telemóvel estarmos todos sentados numa mesa e cada um a mexer no seu acho que, acho que já não somos tão depende, disso acho que já temos alguma maturidade para termos conversas interessantes” [E_21_B]</p> <p>-----</p> <p>[E_22_B]</p> <p>- O necessário [E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>[E_23_B]</p> <p>- Utilização moderada [E_23_B]</p> <p>-----</p> <p>“Muitas das vezes não utilizo para aquilo que [risos] realmente necessário muitas vezes é por coisas superficiais ah mas tento cada vez mais utilizar para outras coisas, para informações e não tanto para estar nas redes sociais” [E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Não a caracterizo de excessiva nem viciante porque não tenho tempo para isso mas tenho consciência que quando por exemplo no período de férias sim ai sim é a forma que eu tenho eu aqui tenho contato com os meus colegas diariamente e falo com eles diariamente quando chega o período de férias não contacto com eles diariamente então arranjo a forma que eu tenho de fazer é através das redes sociais ai sim abuso um bocadinho em tempo de aulas não tenho tempo para isso, porque tenho de me</p>
--	--	--	--	--	--

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			----- [E_24_B]	----- - Utilização moderada [E_24_B]	dedicar aquilo que importa aos estudos.” [E_23_B] ----- “ Eu acho que até nem sou uma pessoa assim muito dependente das tecnologias, consigo preciso, sem estar as tecnologias desde que tenha amigos, desde que tenha alguém para estar também a conviver e a conversar e estar com eles até mesmo passear consigo perfeitamente estar sem as tecnologias claro que se me dissessem viver sempre sem as tecnologias não digo que não ia ser difícil inicialmente porque também temos aquela tendência de distração mas conseguia. [E_24_B]
			----- [E_25_A]	----- -Utilização é boa [E_25_A]	----- “ Eu acho que é boa [risos] mas” “ Tão porque consigo viver sem e quando preciso de estar e conviver com as pessoas e conversar consigo relaxar sem eles” [E_25_A]
			----- [E_26_A]	----- - Utilização é boa [E_26_A]	----- “ Eu acho que é boa” “Porque eu acho que não utilizo as tecnologias assim com intenções de afetar alguém ou interferir em alguma coisa, só mesmo para me manter mais ocupada do que se passa.” [E_26_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_27_A]	- Utilização é boa [E_27_A]	“ Maioritariamente positiva porque [impercetível] não faço nada de mal, nas redes sociais falo com amigos, vejo coisas, o que se passa só que as vezes acho que que devia usar um bocadinho menos.” [E_27_A]
			[E_28_A]	- Utilização é boa [E_28_A]	“ Ah é boa eu acho, ah depende um pouco por causa do dia do que é que eu faço eu quando estou com os meus amigos eu não costumo muito estar no telefone mas quando estou sozinha as vezes estou no computador ou no smartphone ” [E_28_A]
			[E_29_A]	- Boa /má - Dependente - Distração dos estudos	“Acho que não é sempre bom, porque pronto conheço muitas coisas e não sei quê mas ah também eu noto que estou mais dependente do meu smartphone e do computador e também me distraio muito as vezes dos meus estudos e coisas dessas, são coisas importantes, mas de um modo geral não é tão bom mas não é só mau.”
			[E_30_A]	- Utilização necessária	“ Depende, por exemplo o computador é que só ligo mesmo quando é para fazer algum trabalho ou assim de resto não, o telemóvel

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

		<p>-----</p> <p>- Percepção das consequências de utilização dos dispositivos.</p>	<p>-----</p> <p>[E_1_A]</p>	<p>-----</p> <p>- Consequências para Saúde -Perda de capacidades sociais - Consequências na escola [E_1_A]</p>	<p>-----</p> <p>é mesmo para passar tempo jogando ver redes sociais, televisão em último caso só a noite também não ligo muito”</p> <p>-----</p> <p>“Também, também o sedentarismo talvez!” [E_1_A]</p> <p>“Não saímos de casa!...Podemos ficar demasiado centrados naquilo e não fazer outra coisa por exemplo!” [E_1_A]</p> <p>“É bom ou! Para mim é bom ou tipo pode servir para descontrair e ter acesso a notícias, de certa forma é bom, mas também pode ser mau porque me impede de fazer algumas coisas, talvez eu perca as vezes demasiado TEMPO no computador do que a estudar!” [E_1_A]</p>
			<p>-----</p> <p>[E_2_A]</p>	<p>-----</p> <p>-Perda de capacidades sociais E_2_A]</p>	<p>-----</p> <p>“As consequências ah... perdemos, tamos a ver se calhar talvez a vida ao lado e tamos sempre agarrados aquele aparelho eletrónico e não vivemos o bom da vida porque é só aquilo, e a vida antes de existirem as tecnologias já existia ah ah vida, já existia o nosso quotidiano e acho</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					que as pessoas hoje em dia estão muito dependentes disso e acho que é isso!" [E_2_A]
			[E_4_A]	- Consequências para a saúde [E_4_A]	"Tenho, sei que se utilizar muito me vicio e é uma coisa que eu não quero, não quero estar dependente de um aparelho eletrónico" [E_4_A]
			[E_5_A]	- Consequências para a saúde [E_5_A]	"Uma das consequências é o facto de eu usar óculos [risos]" [E_5_A]
			[E_7_A]	- Consequências na escola [E_7_A]	"Sim, a escola, a relação" [é influenciada pelo tempo que passa nas redes sociais] [E_7_A]
			[E_9_A]	- Consequências para saúde	"A vista, no caso do computador ficar um bocado com excesso de peso porque não fazemos mais nada a não ser estar sentada ao computador ou ao telefone ah os <i>phones</i> por causa da música alta faz mal ao ouvidos, a coluna nós nas cadeiras nunca estamos direitos, estamos sempre tortos e assim de repente não estou a ver mais." [E_9_A]
			[E_10_A]	- Não tem consequências [E_10_A]	"Acho que não" [E_10_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_11_A]	- Perda de capacidades sociais	“ Sim, uma delas é essa é as vezes as pessoas deixarem de lado as coisas mais importantes tipo o convívio tendo em atenção que se calhar ah também o faço um bocado é essencialmente isso.” [E_11_A]
			[E_12_A]	- Consequências na escola	“ Tenho, as vezes por exemplo imagina estou a estudar e depois tiro uns minutos e vou ao smartphone e esse tempo podia estar a estudar e estou no smartphone e tenho noção disso às vezes é impossível controla.” [E_12_A]
			[E_13_B]	- Limitação de atividades [E_13_B]	“Do, da, excessiva? Se calhar limitar as atividades, podia fazer mais, enquanto agora faço menos” [E_13_B]
			[E_14_B]	- Perda de capacidades sociais [E_14_B]	“ Acho que não [risos] acho que nunca pensei assim nisso, nas consequências negativas acabo por não pensar tanto nisso, acabo por utilizar sem me dar conta do que possa ... Acima de tudo um pouco o deixar de saber estar uns com os outros, estarmos tão habitados a falar pelo, por um smartphone ou rede social que acabamos por

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					perder o contato mesmo uns com os outros. [E_14_B]
			[E_15_A]	- Consequências na escola [E_15_A]	" Sim, tiro piores notas." [E_15_A]
			[E_16_B]	- Perda de capacidades sociais	"Por ter essa consciência é que não uso tanto como vejo outras pessoas a usar, se eu sei que uma coisa me vai fazer mal e eu não tiro partido disso porque é que vou utilizar?!. Uma pessoa, ao fim ao caso, ao fim ao cabo acaba por ser um bocado excluído, voltando à conversa dos amigos tamos, tamos um grupo de cinco ou seis amigos, estamos ali quatro a falar, dois a mexer no telemóvel ou a jogar ou a mandar mensagens e não sei o quê, aqueles dois estão a ser excluídos a gente estamos a falar de batatas e eles estão ali a falar de <i>pokemons</i> , e isso acaba por, acho que é a principal, a principal." [E_16_B]
			[E_17_B]	- Consequências para a saúde [E_17_B]	" Não muita!" " E um problema tao visível fala-se nas consequências e tal mas são coisas a longo prazo" "Ah ok, não estamos apenas a falar de consequências a nível de saúde, estamos a falar a nível de todas as consequências, quais é que eu acho

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>que são? Vá por exemplo a nível de saúde é um bocado mau para o pescoço, para o pescoço e para o físico em geral não nos mexemos bem es estamos tchu tchu tchu ah e também é a nível social que estamos com os nossos amigos e em vez estarmos a conviver e a aproveitar estamos agarrados ao telemóvel” [E_17_B]</p>
			----- [E_18_B]	----- -Consequências para a saúde [E_18_B]	----- “Tenho, tenho, consequências físicas e psicológicas, sociais tenho, tenho comple, completa noção. Se calhar de algumas não tenho, não tenho conhecimentos suficientes para as ter mas sei, sei que há muitas consequências negativas como positivas alias as consequências não podem ser apenas negativas também podem ser consequências positivas [impercetível] tanto a nível social como psicológicas ou físicas.” [E_18_B]
			----- [E_19_B]	----- -Perda de capacidades sociais	----- “ [risos] tenho quando a minha mãe reclama comigo, reclama bastante comigo mesmo como eu disse não acho que isso seja um aspeto negativo, acho que as tecnologias foram feitas para serem usadas de

			<p>-----</p> <p>[E_20_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Consequências para a saúde -Perda de capacidades sociais</p>	<p>uma forma louvável claro mas pronto ...”</p> <p>“Eu acho que as pessoas, as pessoa atualmente tem duas vidas uma nas redes e outra fora dela e é, as vezes dão mais importância aquelas que estão nas redes sociais do que aquelas que tem fora, acho que as pessoas vivem num cubo que é tudo só <i>likes</i>, só importa <i>likes</i>, a fama que tem na internet e quando se vai ver a pessoa é uma pessoa sozinha na vida não tem amigos lá fora e as vezes por não ter amigos cá fora é que se prende tanto a esse mundo que é esse cubo.”</p> <p>[E_19_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Tenho, tenho a percepção que tive de começar a usar óculos por exemplo, ah tenho a percepção que de certa forma algum cansaço mesmo mental às vezes mais coisas ... sinto que por exemplo, sinto que às vezes utilizo as redes sociais como uma forma de fazer algumas coisas por exemplo que já não faço no meu dia-a-dia que já não faço diretamente com as pessoas “</p> <p>“Um tema que me custe mais falar com alguém, ou um assunto e às</p>
--	--	--	------------------------------	--	---

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_21_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Consequências para a saúde -Perda de capacidades sociais [E_21_B]</p>	<p>vezes tenho tendência a recorrer as redes sociais que é mais fácil, é mais fácil falamos com uma pessoa quando ela não está diretamente a olhar para nós, quando ela não está diretamente connosco e acho que isso é mau”</p> <p>-----</p> <p>“Óbvio acho que sim”</p> <p>“ Os óculos também, também tive que começar a usar óculos por causa disso, as dores nas coluna nas costas e porque nos tamos sempre a olhar para baixo no telemóvel também algumas consequências psicológicas por exemplo os nossos pais a ralharem tanto connosco de nos estarmos sempre a mexer sempre querer observar alguma coisa na televisão, no computador não podemos estar a fazer a fazer nada que envolva esses dispositivos, ah mais o desenvolvimento das competências sociais também é afetado pronto acho que é só.” [E_21_B]</p>
			<p>-----</p> <p>[E_22_B]</p>	<p>-----</p> <p>- Perda de capacidades sociais [E_22_B]</p>	<p>-----</p> <p>“Sim, sim tenho”</p> <p>“As pessoas ao utilizarem mais as redes sociais acabam por se fechar um bocadinho mais e não, não conviver tanto os amigos acabam</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>por perdem um pouco a confiança também com eles e acabam por se focar um pouco nessas coisas que acho que não são muito importantes.” [E_22_B]</p>
			[E_23_B]	<p>-----</p> <p>- Tem consciência das consequências</p>	<p>-----</p> <p>“Tenho” “ Era aquilo que eu lhe estava a dizer há bocadinho, eu tenho consciência que eu neste momento estou no décimo segundo já me interessei MUITO muito muito mais não só a nível da ciência porque eu adoro ciência como também a nível de política tudo e tenho concursos a nível de escola que me despoletam esse interesse e que me fazem pesquisar, mas é isso eu acho que nos estamos numa cidade que está a regredir a esse nível e se não for a nossa vontade própria de alcançar algo e de alcançar esse conhecimento onde vai ser imposta como eu disse que vai acontecer para o ano ou então temos de ser nos próprios pela vontade.” [E_23_B]</p>
			[E_24_B]	<p>-----</p> <p>- Consequências para a saúde -Perda de capacidades sociais [E_24_B]</p>	<p>-----</p> <p>“ Sim acho que sim hoje em dia também já é um bocadinho falado e nós também se formos</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>minimamente interessados e temos consciência com a idade que temos também ter conseqüências e temos que ter atenção as tecnologias porque não é assim tudo como parece à primeira vista, por exemplo as vezes nas conversas vejo aquelas pessoas que tentam conversar e a pessoas que se deixam levar temos de ter muita atenção com essas coisas “</p> <p>“A dependência que as pessoas criam as vezes, o não ter noção das conseqüências e das pessoas com quem estão a falar há muitas crianças e até mais que os pais não têm tanta vigilância e que podem ter conseqüências as pessoas que por exemplo tem um problema de saúde e em vez de irem a um médico consultam mais a internet e começam em casa tirar aquelas ideias na cabeça e isso pode ser pior [risos] acho que há muitas temos e que saber, saber fazer uma boa utilização da internet e das tecnologias” [E_24_B]</p> <p>-----</p> <p>“Então as positivas são estamos em contato com mais pessoas e conseguimos ter acesso a mais informação e esse tipo de coisas as negativas é que a informação e esse</p>
			[E_25_A]	<p>-----</p> <p>- Maior comunicação -Acesso a informação [E_25_A]</p>	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>tipo de coisas também também tem os seus lados negativos quando não sabem parar e não sabem ter limites e controlo [risos] já estou a ficar envergonhada" [E_25_A]</p>
			[E_26_A]	<p>- Acesso a informação -Consequências a nível de segurança [E_26_A]</p>	<p>" É algumas, não tenho de tudo mas assim das coisas mais comuns que acontecem tenho" "Como ela disse tudo tem aspetos positivos e negativos por exemplo negativamente dá para ser raptado através da internet, pode ser assim muitas coisas" "A nível positivo fica-se com mais cultura mais a saber mais o que se passa no mundo é mais fácil" [E_26_A]</p>
			[E_27_A]	<p>- Perda de capacidades sociais - Consequências a nível de segurança [E_27_A]</p>	<p>" Tenho, negativamente é as vezes as pessoas tornam-se muito sociais, não tao cara a cara ficam as vezes perdem amigos, há perigos na internet pessoas más, ah também há falsa informação, e positivo há informação verdadeira há novas, podemos conhecer pessoas com culturas diferentes, nunca há assim muito mas podemos ver noticias esse tipo de coisas estar atualizada." [E_27_A]</p>

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			[E_28_A]	- Consequências na escola -Consequências ao nível de segurança [E_28_A]	“ Acho que eu ter menos tempo para outras coisas tipo a escola ou assim, também pode ter perigos lá na internet” “ Ah posso encontrar alguém com que queira magoar ou que me queira raptar ou e assim é isso” [E_28_A]
			[E_29_A]	- Consequências para a saúde [E_29_A]	“ Ah mais ou menos eu acho que diria que sim, mas não devem ser todas, é que há coisas que, que podem ser más para nossa saúde e para a nossa segurança <i>online</i> mas também sei que há coisas que são boas para o nosso intelectual entre aspas” [E_29_A]
			[E_30_A]	-Consequências para a saúde [E_30_A]	“ Tive á bem pouco tempo comecei a usar óculos e foi devido a isso em miúdo” [E_30_A]
		- Perceção da influencia dos dispositivos quando estão <i>offline</i> .	[E_1_A]	- Não influencia [E_1_A]	“Eu acho que não! Acho que não! [risos] não influencia grande coisa! [pausa]” [E_1_A]
			[E_2_A]	-Não influencia [E_2_A]	“Eu sou aquilo que sou na rede social, sou a pessoa que sou a frente dos meus amigos, não tenho secretismos, sou de igual forma.” [E_2_A]

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			----- [E_3_B]	----- - Não influencia [E_3_B]	----- “Eu acho que não... Porque sei lá, porque ah eu, por exemplo porque eu pessoalmente sou tal e qual ao que sou a falar com os outros através das redes sociais, é basicamente isso. Ah porque se eu pessoalmente estou na brincadeira, eu na internet também estou à mesma na brincadeira, por exemplo vá agora usa-se muito aqueles <i>smiles</i> [risos] e assim em que é isso, vê-se que a gente está a brincar uns com os outros à mesma.” [E_3_B]
			----- [E_4_A]	----- - Não influencia [E_4_A]	----- “Não, aquilo que eu faço nos dispositivos e media <i>etc</i> , eu sou a mesma pessoa, então eu faço tudo igual, como sou a pessoa que sou pela internet, sou a pessoa pessoalmente.” [E_4_A]
			----- [E_5_A]	----- - Não influencia [E_5_A]	----- “ Não eu acho que não, então porque aquilo que eu faço fora das redes sociais, pode ser de outra maneira como é óbvio, mas é parecido.” [E_5_A]
			----- [E_6_A]	----- - Não influencia [E_6_A]	----- “ Não, porque o que temos a dizer ou a fazer tanto dá ao estarmos

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					juntos ou então separados só com ecrãs" [E_6_A]
			[E_7_A]	- Não influencia [E_7_A]	"Não." [não influencia] [E_7_A]
			[E_8_A]	- Influencia [E_8_A]	" Ah depende, depende do que faça e do que é lá colocado ou falado" [E_8_A]
			[E_9_A]	- Não influencia	"Não eu acho que não. Então porque eu sou a mesma pessoa com eles como a falar com eles por fora como por dentro do ecrã" [E_9_A]
			[E_10_A]	- Não influencia [E_10_A]	"Porque tanto através da, dos meios de comunicação como pessoalmente interagimos da mesma forma, não altera nada." [E_10_A]
			[E_11_A]	- Não influencia	"Hum acho que não, no meu caso acho que não, Acho que é igual tanto nas redes sociais como ..." [E_11_A]
			[E_12_A]	- Não influencia [E_12_A]	"Não, é completamente igual, ajo com eles da mesma maneira com eles pela internet. Sim por exemplo nós raparigas principalmente

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					quando tiramos uma foto mandamos, olha qual é que achas que fica melhor? E não sei o quê e depois falamos sobre isso “ [E_12_A]
			[E_13_B]	- Influencia [E_13_B]	“Penso que sim porque a maneira de falar epá sei lá não arranjamos abreviaturas para as mais variadas coisas” [E_13_B]
			[E_14_B]	- Não influencia [E_14_B]	“ Não isso não. Eu acho que com os meus amigos acabo por, o que falo com eles aqui por uma rede social acaba por ser um pouco, o que tenho para falar mas sem ter a possibilidade de estar com eles ou aquilo que partilhamos entre uns entre outros das coisas que gostamos que aconteceram quando estivemos juntos e que vem dessa relação de estarmos juntos, por isso acho que não afetam.” [E_14_B]
			[E_15_A]	- Não influencia	“ Não, porque consigo estar nos dois sítios, acompanhar ao mesmo tempo.” [E_15_A]
			[E_16_B]	- Não influencia	“No meu caso não que eu como sou nos, nos ah nas redes, nos media, nas redes sociais sou igual na, pessoalmente. Mas conheço muita

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>gente que sim e por exemplo nas redes falando agora de uma rede social em específico do Twitter é todos os dias quando a gente chega a escola é só aquele mandou uma indireta, hoje mandou outra e depois na escola falam-me e depois veem-se a rir para mim e é assim, as vezes penso para mim tão mas onde é que a gente tá no <i>chat</i> ou no, nas redes sociais ou para dizer mal uns dos outros e depois chegam à escola dão-se beijinhos, dão-se abraços não percebo sinceramente.” [E_16_A]</p>
			----- [E_17_B]	----- -Influencia [E_17_B]	----- “ Sim, tão por exemplo se eu estiver a falar com um amigo temos uma conversa vá um bocado estranha mas ali ao nível de uma rede social é claro que quando me for encontrar com ele vou ter essa conversa em mente, mesmo que as coisas não tenham sido ditas cara a cara, foram ditas ali, foi o outro que escreveu ou eu e vai estar sempre presente afeta a relação, tanto pode ser para o lado bom como para o lado mau né.” [E_17_B]
			----- [E_18_B]	----- -Influencia	----- “Claro ah quando nós estamos a mexer no smartphone aquilo que lá

					<p>está é só letras associada a imagens ou um nome ah e o telemóvel a uma pessoa física no fundo mas aquilo que chega té nós em princípio foi dito, escrito pela pessoa que escreveu do outro lado do telemóvel, não estão no smartphone a escrever por mim, aquilo que dizem, fazem ou que até acabam por praticar no smartphone vai influenciar a maneira como a, as nossas relações, claro que influencia as nossa relações, se um amigo meu me mandar passear do outro lado eu ah vai influenciar a relação, provavelmente quando tiver com ele vou-lhe perguntar porque é que disseste isto ou fizeste aquilo, influencia a relação claro.” [E_18_B]</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>“ Claro, claro, eu com os meus amigos falamos de tudo, mas é claro que se um amigo meu falar de uma forma errada comigo através de uma de uma rede social é claro que eu, eu vou perguntar, como jáá fi dito, eu vou perguntar porque é que falou comigo daquela forma o que é que aconteceu, pronto é isso eu também as vezes tenho há coisas que eu falo com os meus amigos, através de uma rede social que não</p>
			[E_19_B]	- Influencia [E_19_B]	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			----- [E_20_B]	----- - Influencia	consgo falar cara a cara, pode ser talvez medo mas, as redes sociais são importantes para vários aspetos.” [E_19_B] ----- “ Ah sim, sim acho que sim, exatamente acho que quando, quando estamos nas redes sociais, quando estamos no dispositivo e não estamos diretamente com a pessoa ganhamos muito mais à-vontade para fazer certas coisas e isso é mau é esse à-vontade com as pessoas que fazem as nossas relações aumentar ou diminuir e que faz as nossas relações com as pessoas evoluírem e desta forma tamos a perder esse tipo de evolução nas relações porque não tamos a viver as coisas com a pessoa, nos temos uma conversa com a pessoa estando afastada dela e é diferente pronto.” [E_20_B]
			----- [E_21_B]	----- - Influencia [E_21_B]	----- “ Talvez, talvez o que dizemos ou a maneira como vemos uma pessoa na rede social ou estamos mais a vontade ou não, as vezes temos a percepção errada de uma pessoa pelo que ela põe nas redes sociais e depois quando a conhecemos ou quando estamos mais com essa pessoa é diferente se calhar, e da rede social as vezes não dá para

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

			<p>-----</p> <p>[E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>[E_23_A]</p>	<p>-----</p> <p>- Influencia [E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>- Não influencia</p>	<p>perceber bem o que as pessoas querem dizer porque não as estamos a ouvir a falar e se calhar não era com a intenção que nós percebemos que elas queriam dizer alguma coisa mas acho que influencia um bocado a maneira como vemos as pessoas” [E_21_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Aquilo que eu faço nas redes sociais? Ah se influencia penso que não é claro que de um modo geral as coisas acabam por influenciar mas todas as coisas influenciam umas as outras mas de um modo geral penso que não.” [E_22_B]</p> <p>-----</p> <p>“ Não”</p> <p>“Porque eu acho que as redes sociais e estar com os meus amigos são duas realidades muito diferentes enquanto eu na rede social se calhar pergunto se está tudo bem e ele me poderá dizer que sim se calhar se eu estiver com ele a forma como ele se expressa e a forma como eu o conheço vai influenciar muito a perceção de como ele estará ou não estará, a nível de convívio nunca consigo conviver com uma pessoa a nível de rede social simplesmente saber se</p>
--	--	--	---	--	--

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					esta tudo bem o que anda a fazer enquanto é muito mais gratificante uma pessoa estar ao lado dela e aproveitar nem que seja meia hora com ela" [E_23_B]
			[E_24_A]	- Não influencia	----- " Não, acho que é que devemos uma, em primeiro devemos ter uma boa convivência pessoalmente com a pessoa e não, sim podemos conversar com ela nas redes sociais e isso mas acho que primeiro temos que ter uma boa, viver bem com a pessoa ter uma boa relação com a pessoa principalmente ter de ser pessoalmente e depois então através das redes" [E_24_A]
			[E_25_A]	- Influencia [E_25_A]	----- "Sim é diferente falar com uma pessoa por exemplo na escola ou estar sempre em contato com ela por mensagem isso influencia a minha relação com ela" "Porque tenho mais proximidade mesmo com a vida dela mesmo quando não estou presente" [E_25_A]
			[E_26_A]	-Influencia [E_26_A]	----- "Em certos aspetos sim, por exemplo ah ... uma pessoa que eu fale assim não diariamente mas

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					frequentemente por mensagens sinto-me muito mais próxima dessa pessoa do que uma pessoa que eu vejo na rua e digo bom dia boa tarde” [E_26_A]
			[E_27_A]	-Influencia [E_27_A]	“ Sim porque as vezes [impercetível] as vezes falamos e isso ajuda a criar amizade e falamos coisas importantes por mensagens ou assim e também, as vezes também temos grupos e é como se estivéssemos juntos as vezes não podemos estar sempre juntos porque há alguma coisa, testes e aquele bocadinho então falamos.” [E_27_A]
			[E_28_A]	- Não influencia [E_28_A]	“ Acho que não, porque ah nos [risos] acho que nos quando estamos nas redes sociais somos parecidos ou iguais quando estamos ao lado uns dos outros” [E_28_A]
			[E_29_A]	- Não influencia [E_29_A]	“ Ah mais ou menos por exemplo se eu disser alguma rede social, eles vão, ah as vezes falam comigo sobre isso na, na pronto quando estamos juntos mesmo na vida real, mas eu acho que não influencia assim tanto

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					não e assim uma coisa que influencie muito.” [E_29_A]
			[E_30_A]	- Não influencia [E_30_A]	“Não, porque, ... nos nas redes sociais ou fora das redes sociais acho falamos sempre da mesma maneira, fazemos sempre o mesmo, e normalmente quando metemos alguma coisa nas redes sociais é, nós não metemos uma foto nossa metemos de todos ou seja eu estou lá naquilo e acho que não.” [E_30_A]
		- Importância dada aos likes	[E_6_A]	- Dão importância [E_6_A]	“Ah às vezes [risos]” [E_6_A]
			[E_8_A]	- Não dão importância [E_8_A]	“Não, nem sequer ligo para isso [risos]” [E_8_A]
			[E_9_A]	-Não dão importância	“ Não”
			[E_10_A]	-Não dão importância [E_10_A]	“ Não, não costumo ligar isso, normalmente até são pessoas que nem conheço só de vista por isso não” [E_10_A]
			[E_11_A]	-Não dão importância [E_11_A]	“Talvez não porque em questão de amigos metem todos né e isso eu

					<p>ajo com eles da mesma forma e pessoas que eu se calhar eu não, é verdade que as vezes temos uma relação diferente com as pessoas nas redes sociais e depois na realidade não é assim então, há pessoas que por exemplo podem meter <i>likes</i> na minha foto eu se as vir na rua não lhes falo, só se for por ai porque em questão de amigos é igual.” [E_11_A]</p>
			[E_12_A]	- Dão importância	<p>“Mas lá está essa questão dos <i>likes</i> ah os amigos, os teus verdadeiros amigos pronto metem sempre <i>likes</i> nas coisas [risos] por isso é normal.” [E_12_A]</p>
			[E_13_B]	- Não dão importância [E_13_B]	<p>“ Eu isso se nos damos assim bem cara a cara não.” [E_13_B]</p>
			[E_14_B]	-Dão importância.” [E_14_B]	<p>“ Isso acima de tudo as pessoas que não conheço, conheço de vista por assim dizer, aquelas que conheço de vista sou capaz de simpatizar mais com aquelas que metem <i>likes</i> nas minhas coisas ou que partilham coisas que também gosto, também partilho as mesmas ideias que elas ai sim acaba por influenciar um pouco.” [E_14_B]</p>
			[E_15_A]	- Dão importância	

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>“ Não, ah algumas pessoas sim outras nem por isso” [E_15_A]</p>
			----- [E_16_B]	----- - Dão importância [E_16_B]	----- “ Sinceramente dou, dou porque como é que eu vou dizer lá está agora no Instagram, porque, por exemplo já a muito tempo que não ponho, mas se for por uma fotografia no facebook se calhar põem gosto para ai cento cinquenta a duzentas pessoas e eu olho para aquilo e digo assim pois tá bem, mas agora no Instagram só tenho pessoas conhecidas não tenho lá ninguém que não conheça, portanto as pessoas ao fim e ao cabo, acabo por ver que a pessoa pôs gosto, na escola se calhar se passar por uma rapariga que tenha posto gosto já se fica sempre...” [E_16_B]
			----- [E_17_B]	----- - Não dão importância	----- “Epá não, não”
			----- [E_18_B]	----- -Não dão importância [E_18_B]	----- “Nada [risos] nenhuma agora ando numa fase que não dou a mínima importância a isto.” [E_18_B]
			----- [E_19_B]	----- -Não dão importância [E_19_B]	----- “ Não sem dúvida que não, [risos] não” [E_19_B]
			----- [E_20_B]	----- -Não dão importância [E_20_B]	----- “ Não acho que não, porque um gosto numa foto é só isso e eu

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					própria ponho gostos nas fotos de pessoas que não significam quase nada para mim. Acho que não tem muita importância.” [E_20_B]
			[E_21_B]	- Não dão importância [E_21_B]	“ Não isso não nunca dei até porque eu as vezes também nem vejo as pessoas que metem gosto nas fotos essa parte dos gostos acho que não influencia muito” [E_21_B]
			[E_22_B]	- Não dão importância [E_22_B]	“Não, acho isso demasiado superficial” “Não sei é um mundo à parte a internet é um mundo à parte e os teus amigos são aqueles que tu tens confiança diariamente com quem tu lidas com quem tu partilhas as tuas coisas e partilham as deles e acho que a internet é um mundo à parte não devemos dar tanta importância a isso” [E_22_B]
			[E_23_A]	- Não dão importância [E_23_A]	“Nunca, eu dou importância aqueles que estão ao meu lado e diariamente comigo é aqueles que mostram que se importam.” [E_23_A]
			[E_24_A]	- Não dão importância [E_24_A]	“ Não acho que isso os likes não há muita gente que liga muito aos likes

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

					<p>mas eu acho que isso dos <i>likes</i> é uma coisa que não, não devia de influenciar porque os nossos amigos e as pessoas que metem <i>likes</i> não querem até podem ser pessoas desconhecidas e é a gente pelo menos eu prefiro as pessoas que estão pessoalmente comigo do que aqueles estão apenas através de um ecrã ou dum smartphone que pronto metem <i>likes</i> ou esses comentários” [E_24_A]</p>
			----- [E_29_A]	----- -Não dão importância [E_29_A]	----- “ Não nem me importo muito com isso, é um bocado tonto quem se importa com essas coisas, pronto” [E_29_A]
			----- [E_30_A]	----- -Não dão importância [E_30_A]	----- “ Epá sinceramente antes ligava um bocado a isso, agora não. Por eu ser novo e se calhar não sabia o que era aquilo também, mas agora não agora é indiferente. Dava importância por gostar de ver tinha lá x e [impercetível] isso era indiferente.” [E_30_A]